

Anexos

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Condições e materiais de a *Hora de Jogo Diagnóstica*

Anexo 2: “Aquela história e outras”

Anexo 3: Projecto Arte, Cultura e Lazer

Anexo 4: Sessões temáticas de cinema com discussão

Anexo 5: Oficinas de expressão criativa livre – *Sitarte*

Anexo 6: Consentimento informado

Anexo 7: Grelha de tópicos a observar na *Hora de Jogo Diagnóstica*

Anexo 8: Histórias elaboradas a partir das pranchas do *CAT*

Anexo 9: 1ª Sessão: 13/03/2007

Anexo 10: 2ª Sessão: 20/03/2007

Anexo 11: 3ª Sessão: 19/04/2007

Anexo 12: 4ª Sessão: 30/04/2007

Anexo 13: 5ª Sessão: 21/06/2007

Anexo 14: 6ª Sessão: 28/06/2007

Anexo 15: 7ª Sessão. 05/07/2007

Anexo 16: 8ª Sessão: 09/07/2007

Anexo 17: 9ª Sessão: 03/09/2007

Anexo 18: 10ª Sessão: 11/09/2007

Anexo 19: Desenho de Barnabé da 10ª Sessão

Anexo 20: Letras e palavras escritas por Barnabé

Anexo 21: 11ª Sessão: 17/09/2007

Anexo 22: 12ª Sessão: 25/09/2007

Anexo 23: 13ª Sessão: 16/10/2007

Anexo 24: 14ª Sessão: 25/10/2007

Anexo 25: 15ª Sessão: 05/11/2007

Anexo 26: 16ª Sessão: 25/11/2007

Anexo 27: 17ª Sessão: 01/12/2007

Anexo 28: 18ª Sessão: 08/12/2007

Anexo 29: *A escola da barafunda*

Anexo 30: 19ª Sessão: 13/01/2008

Anexo 31: 20ª Sessão: 20/01/2008

Anexo 32: Oficina de máscaras de carnaval

Anexo 33: *Atelier de contos*

Anexo 34: 21ª sessão: 10/02/2008

Anexo 35: 22ª sessão: 22/03/2008

Anexo 36: 23ª sessão: 24/02/2008

Anexo 37: 24ª sessão: 02/03/2008

Anexo 38: 25ª sessão: 06/04/2008

Anexo 39: 26ª sessão: 13/04/2008

Anexo 40: 27ª sessão: 20/04/2008

Anexo 41: 28ª sessão: 27/04/2008

Anexo 42: Desenhos do livrinho de histórias inventadas por Barnabé

Anexo 43: 29ª sessão: 01/05/2008

Anexo 44: 1ª história inventada e transcrita por Barnabé

Anexo 45: 30ª sessão: 11/05/2008

Anexo 46: 2ª história inventada e transcrita por Barnabé

Anexo 47: 31ª sessão: 18/05/2008

Anexo 48: Livrinho de histórias inventadas por Barnabé

Anexo 1

***A Hora de Jogo Diagnóstica* (Efron et al., 2001 citado em Ocampo et al., 2001): Condições e materiais**

A Hora de Jogo Diagnóstica é um recurso ou instrumento técnico dentro do processo de Psicodiagnóstico com a finalidade de conhecer a criança. A actividade lúdica é a sua forma de expressão própria. Oferece-se à criança a possibilidade de brincar num contexto estruturado, que inclui espaço, tempo, explicitação de papéis e finalidade, em função das variáveis internas de sua personalidade.

Sala de jogo e materiais

Quarto não muito pequeno, com mobiliário escasso (mesa, duas ou três cadeiras e quadro negro) a fim de possibilitar liberdade de movimentos à criança. É conveniente oferecer à criança a possibilidade de brincar com água.

Os brinquedos são seleccionados em função das respostas específicas que provocam: de tipo sensorio-motor, de integração cognitiva, de funcionamento egóico e funcionalidade do brinquedo (diferentes tamanhos, formas e texturas). A caixa de brinquedos deve estar aberta com os brinquedos espalhados pela mesa, pois evita o incremento da ansiedade persecutória.

Materiais sugeridos:

Revólveres

Espadas de borracha facilitar o jogo agressivo

Sacos de areia

Lápis de cor

Papel tamanho carta estimular a área comunicativa

Telefones

Lápis pretos e de cor

Lápis de cera

Tesoura sem ponta

Massas de modelar de diversas cores

Borracha

Apontador

Papel glacê

Barbante

Dois ou três bonequinhos (com articulações e de tamanhos diferentes)

Famílias de animais selvagens e famílias de animais domésticos

Dois/três carrinhos tamanhos diferentes que possam funcionar como continentes

Dois ou três aviõezinhos com as mesmas propriedades

Duas ou três xícaras com seus respectivos pires e colherinhas

Alguns cubos (aproximadamente seis)

Trapinhos

Giz

Bola

Instruções

O psicólogo deve explicar de modo simples e compreensível à criança as informações que configuram as instruções: definição de papéis, limitação de tempo e espaço, material a ser utilizado e objetivos esperados.

Papel do psicólogo

Papel passivo, já que funciona como observador, e activo na medida em que sua atitude atenta e aberta (atenção flutuante) permite-lhe a compreensão e a formulação de hipóteses sobre a problemática do entrevistado. A função específica consiste em observar, compreender e cooperar com a criança.

Transferência e contratransferência

A criança depositará parte de seus sentimentos representantes de diferentes vínculos com objectos de seu mundo interno.

É tarefa específica do psicólogo recuperar esse material para integrá-lo, junto aos elementos verbais e pré-verbais, na totalidade do processo.

A contratransferência pode ajudar a compreensão da criança, se for conscientemente integrada pelo psicólogo. Este deve discriminar suas próprias motivações e impulsos, para que não interfiram na análise compreensiva da conduta lúdica da criança.

Atenção: Estas considerações não são suficientes para utilizar e interpretar correctamente as relações que a criança estabelece com os brinquedos. Trata-se apenas de uma breve introdução a uma técnica projectiva que parece reduzir praticamente todos os constrangimentos que a administração de provas oferece frequentemente. Para um uso e interpretação assertivos é essencial consultar a fonte documental abaixo referida.

Referência:

Ocampo, M.; Arzeno, M., Piccolo E. e Col. (2001). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Anexo 2

Guião da Animação “AQUELA HISTÓRIA E OUTRAS” (A. Martins)

Introdução

Eu não sei se vocês sabem mas quem me convidou a vir aqui contar a minha história foi uma vossa amiga que também é minha.

- Mas porquê que tu queres que eu conte a minha história aos teus amigos?

- Porque assim podes encontrar mais pessoas que são muito parecidas contigo e que podem ter também histórias como a tua. Assim conheces uns amigos meus e podem trocar histórias. Que dizes?

Foi assim que a Florência me convenceu, claro, além de me pagar uma fatia de bolo de chocolate.

Desenvolvimento

Quando fui para a escola achava aquilo uma grande seca!

Já viram melhor maneira de se começar uma história?

Esta não começa com “ERA UMA VEZ” porque aconteceu de verdade. Não há cá Princezinhas, Príncipes, Heróis ou animais que falam porque aconteceu mesmo comigo. Isto aconteceu quando tinha 12 anos e nunca mais me esqueci.

As minhas Professoras falavam e falavam e falavam e eu achava que estava melhor era lá fora a jogar futebol ou apanhar pássaros com bisgo.

Aprendi a ler e a escrever porque tinha de ser. Anos mais tarde, no 5º ano, tinha uma professora de português que adorava livros e um dia a cota veio de lá com uma conversa que os livros eram nossos amigos. Claro que me tive de rir na cara dela.

Amigos são só as pessoas de carne e osso e quando muito os animais que temos em casa. Podia lá um livro ser nosso amigo...

Ela deixou-me falar e depois disse-me que queria fazer uma aposta comigo.

Perguntou-me ela se eu estava disposto a fazer uma experiência: tinha de andar com um livro durante 5 dias e eu veria se ele se tornava ou não num amigo meu, quase igual a um de carne e osso. Tive-me de rir outra vez na cara da cota.

Aceitei porque ia ser canja. Apostamos um lanchinho com tosta mista e Coca-Cola. E quem ia comer aquilo à pala? Eu mesmo!

Ela disse-me que até me deixava escolher o livro que quisesse.

Bom, meti a cabeça a pensar e lembrei-me de um tio meu, o Nócas, que só tem livros em casa. São armários e armários com livros e mais livros de todas as cores e feitios.

Era o que dava trabalhar numa biblioteca.

Apanhei o autocarro e bazei para a casa dele. Eu sabia que o tio Nócas ia estar em casa àquela hora. Até foi bom, porque até estava a chover e enquanto escolhia e não escolhia o tal do livro, podia ser que a chuva passasse.

Bom, tive para aí bué de tempo para sacar um livro. Saquei um sem olhar para o título. Só saquei porque tinha uma garina numa foto na capa.

Agradei ao tio Nócas e disse-lhe que trazia o livro dali a 5 dias com a tosta-mista e a Coca-Cola no bucho.

Quando saí ainda chovia e fiquei chateado porque não tinha capucho ou guarda-chuva. Olhei para o livro e...Pimba! aberto ao meio em cima da minha cabeça deu para me abrigar da chuva até à paragem do autocarro.

À pala do livro pouco me molhei. Olhei para ele e...Ná, não podia ser.

Dentro do autocarro que ia cheio dei de olhos na Susana. Oh não! a Susana! A linda da Susana a bela da Susana.

Como já devem ter notado eu tinha um fraquinho enorme pela Susana e não queria que ela me visse ali, sem eu estar preparado e com aquela roupa à maneira, por isso só pensei em me esconder. Pimba! levantei o livro e...

Escondi-me da Susana atrás do livro. Bom, já era a segunda vez que o livro me safava. Devia ser só coincidência. Enquanto estava escondido, eu disfarçava que lia qualquer coisa e acabei mesmo por ler:

Não há nada mais belo do que ser tão querido da tua mulher, que te tornas querido de ti mesmo (Séneca).

Não percebi lá muito bem mas achei giro aquilo. Olhei para o livro e ele chamava-se “O Que escreveram os Homens sobre as Mulheres”.

Dias mais tarde escrevi aquilo num bilhete à Susana onde a convidava a sair comigo e ela aceitou!

Tive de pensar melhor. Primeiro o livro ajudara-me a não apanhar chuva; depois ajudou-me a esconder; depois ajudou-me a escrever qualquer coisa à Susana num bilhete; os meus pais já não se chateavam tanto comigo porque me viam agarrado a um livro.

Parece que a professora começava a ter razão.

Um dia deu-me na telha e fui passar uma tarde na casa do tio Nócas e comecei a encontrar coisas muito engraçadas nos livros.

Querem ver? E ouvir?

A ler

- Trava-Línguas;
- Lengas-lengas;
- Adivinhas e anedotas;
- Uma história

Abril 2007

Anexo 3

Linhas gerais do Projecto Arte, Cultura e Lazer e alguns eventos

O objectivo deste projecto é promover actividades culturais, lúdicas e terapêuticas dentro e fora da instituição com a colaboração de educadores, funcionários e entidades culturais exteriores ao Lar.

Através do contacto com várias entidades artísticas e culturais, com a generosidade e colaboração por elas demonstrada, foi possível desenvolver encontros dentro e fora do Lar.

Desde 11/2006	Sessões temáticas de cinema com pipocas e discussão. No Lar. (mensais)
18/3/2007	“Teias de aranha do baú de contos de fadas”. Grupo alunos (Balleteatro). No Lar.
31/3/2007	Workshop “Construsom”. João Ricardo Pais. Casa da Música (Anexo O)
11/4/2007	“Aquela história...” por Alex Martins (licenciado em cinema/actor). No Lar.
5/6/2007	1ª aula de teatro: por Luísa Azevedo (professora do Balleteatro). No Lar.
9/6/2007	“Bichos do Bosque”, pelo Teatro de Marionetas do Porto. No Balleteatro.
12/6/2007	2ª aula de teatro. No Lar.
19/6/2007	3ª aula de teatro. No Lar.
22/6/2007	Festa final de ano lectivo. Representação teatral pelo Grupo de Teatro do Lar.
26/6/2007	4ª aula de teatro: assistência a ensaio geral pelo Grupo de Teatros do Lar do grupo de alunos finalistas do Balleteatro. No Balleteatro.
6/7/2007	“Vamos ao teatro” “Rapsódia vicentina”. Casa – Museu Guerra Junqueiro (Anexo P)
8/7/2007	Visita ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves (MACS), actividades educativas e seus jardins (Anexo Q).
10/7/2007	Hora do conto: “A sopa de pedra”. Na Biblioteca Municipal do Porto.
11/7/2007	Acompanhamento na visita ao Jardim zoológico da Maia.
12/7/2007	“Puzzle Gigante”. No Museu do Vinho do Porto.

13/7/2007	“Descida do Barco Rabelo”. No Museu do Vinho do Porto.
14/7/2007	Visita ao Museu Romântico.
15/7/2007	Concerto da Floribela (oferecido pela Sic Esperança). No Pavilhão Rosa Mota (Anexo R)
19/7/2007	Actividade “Adivinha os objectos através de gestos”. No Lar do Lar. (Anexo S).
20/7/2007	Actividade “Adivinha os objectos através de gestos”. No Lar do Lar.
21/7/2007	Atelier “Construção de materiais”. Na biblioteca Almeida Garrett do Palácio de Cristal. (Anexo T)
22/7/2007	“Actividades criativas para todas as idades”. No MACS. (Anexo Q)
23/7/2007	Visita ao Museu dos Caminhos de Ferro em Lousado (Anexo U)
24/7/2007	“Atelier de flores”. Na Biblioteca Municipal de Valongo.
25/7/2007	“Os jogos dos nossos avós”. Casa da Juventude de Gondomar” (Anexo V).
26/7/2007	Visita à Quinta do Choupal em Coimbra.
27/7/2007	Pedipaper. Na Casa – Museu Guerra Junqueiro
28/7/2007	Visita aos jardins do Palácio de Cristal.
3/9/2007	“Educação ambiental em águas doces”. No Centro de Educação Ambiental das Ribeiras de Gaia. Miramar. Projecto Ciência Viva (PCV) (Anexo W).
4/9/2007	“Geomorfologia costeira - subida do nível do mar, erosão e recuo da costa”. Na Estação Litoral da Aguda. Vila Nova de Gaia (VNG). PCV.
5/9/2007	“O sexo das tartarugas e alterações climáticas”. Parque biológico de Gaia. PCV.
6/9/2007	“Visite a horta da formiga - Centro de compostagem caseira”. Na LIPOR. (Anexo Z)
7/9/2007	“Transformação de resíduos orgânicos num composto de qualidade”.Na LIPOR.
8/9/2007	Espectáculo pelo Grupo de Hip hip de Campanhã. Associação Vai – Avante. Em São Pedro da Cova.
11/9/2007	“Pedipaper”. Na Casa – Museu Guerra Junqueiro.
13/9/2007	“As dunas não são divãs”. No Parque de dunas da Aguda. VNG.

15/9/2007	Workshop “Ritmos de verão”. Na Casa da Música. (Anexo A1)
16/9/2007	“Mr Bean em férias” e actividades. No Hotel Ipanema Park.
22/9/2007	“Caixinha de surpresas”. Na Casa–Museu Marta Ortigão Sampaio
23/9/2007	“Actividades criativas a partir das exposições”. No MACS.
29/9/2007	Workshop “Narrativas sonoras”, composição musical”. Na Casa da Música (Anexo A2)
4/10/2007	1ª aula de Teatro ao Grupo de Teatro do 2º Ciclo do Lar, pela professora Benvinda (semanalmente, até Junho de 2008).

Anexo 4

SESSÕES DE CINEMA COM DISCUSSÃO

A diversão mais passiva não deixa de ser desenvolvimental. Além de propiciar figuras de identificação necessárias ao crescimento saudável, estimula faculdades cognitivas como a atenção, a concentração e a memória tão necessárias ao sucesso escolar. Se possível, a discussão no final do filme aumentaria a estimulação da memória.

Sessões realizadas:

11 de Novembro: “A Dama e o Vagabundo”

2 de Dezembro: “Tom Sawyer”

27 de Janeiro: “Em Busca do Vale Encantado”

10 de Março: “Em Busca do Vale Encantado”

5 de Abril: “The Little Prince”

Anexo 5

“Construindo novos caminhos” ou o *Sitarte*

Perante a necessidade de uma maior aproximação entre educadores e alunos, a criação de um espaço onde as regras vigentes se guiassem pelo divertimento e pela “livre expressão” de pensamentos, sentimentos e emoções, poderia constituir uma mais-valia para o desenvolvimento dos meninos do Lar. A componente lúdica possui, como sabemos, características terapêuticas, em que a ideia de “crescer com lazer” pode tornar-se uma realidade. A ideia de desenvolvimento pelo lazer vem já de Freud. O pai da Psicanálise explica magistralmente na obra *Psicanálises del Arte* (1991) como é possível fomentar um desenvolvimento saudável pelo mecanismo de defesa de sublimação (considerado o mecanismo de defesa mais próximo do desenvolvimento humano desejável) através da canalização da libido para um investimento objectal construtivo. Ora, segundo o psicanalista a arte constitui um mecanismo de sublimação por excelência.

Este espaço seria portanto um espaço diferente e por isso especial. A preparação deste poderia ser o primeiro motivo de envolvimento da população alvo no projecto. Refira-se, a título de exemplo, o pedido da realização de desenhos pelos meninos que exprimissem seus desejos, desenhos estes que serviriam de motivo decorativo do espaço.

O desenvolvimento de actividades artísticas, entre outras, procuram naturalmente facultar uma outra forma de estar e ser, procuram o desenvolvimento positivo que o lazer pode proporcionar, principalmente a expressão artística, como forma de libertação de emoções e sentimentos acumulados de difícil acesso. A transformação da *dor* em arte funcionaria, portanto, como um catalizador.

A realização de dinâmicas de grupo, têm por objectivo “ (...) favorecer o desenvolvimento de alguns processos psicológicos, tais como o crescimento pessoal, o amadurecimento e a aprendizagem” (Manes, 2003, p.5). Desta forma, passa-se a apresentar topicamente algumas das actividades propostas, e seus objectivos.

- Dinâmicas de grupo – “ (...) trabalhar e estimula três dimensões do funcionamento psicológico humano: a dimensão emotivo-afectiva, a dimensão cognitiva e a dimensão experiencial” (Manes, 2003, p.6).

- Leitura de contos de fadas para os mais novos – Segundo Bettelheim (2002, p.12):

“A criança precisa de ideias sobre como pôr a casa interior em ordem e conseguir dar certo sentido à sua vida. Precisa de uma educação moral em que com subtileza apenas se lhe transmitam as vantagens de um comportamento moral, não através de conceitos éticos abstractos mas através do que parece palpavelmente acertado e portanto com sentido para a criança. A criança encontra este género de sentido nos contos de fadas”.

- Mímicas – Aprendizagem da percepção e do uso do corpo para comunicar.

- Relaxamentos – Aumento da capacidade de concentração e controlo sobre o corpo.

- Técnicas psicodramáticas – O colocar no lugar do outro é um exercício sobejamente reconhecido pelas suas múltiplas propriedades benéficas. Nesta situação concreta, técnicas como “inversão de papéis” entre educadores e alunos realizada em condições ideais poderia constituir um meio extremamente eficaz de aproximação entre aqueles. Também a técnica do “duplo” revela-se útil para as crianças mais tímidas que, apesar disso, deseja expressar-se. Segundo Moreno, esta técnica é terapêuticamente importante para os solitários, para as crianças que se isolam ou que apresentam atraso. A técnica de “ projecção para o futuro”, desenvolve essa capacidade e representa continuar fantasiando e acreditando na possibilidade de realizar os sonhos. Esta técnica contém em si uma das componentes mais apontada para a promoção da resiliência (Anaut, 2005; Cyrulnik, 2003; Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005). A resiliência constitui um precioso instrumento de desenvolvimento humano, particularmente em crianças e jovens cujas vidas curtas mas simultaneamente longas carregam já grande sofrimento. O desenvolvimento da resiliência constitui então um poderoso instrumento a desenvolver como apoio psicológico

que os ajude a ultrapassar as adversidades da vida (Anaut, 2005; Cyrulnik, 2003; Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005).

Qualquer uma destas técnicas exige conhecimento profundo das bases teóricas que as sustentam e de grande treino, por isso devem ser utilizadas com grande parcimónia.

Materiais para o espaço lúdico: mantas para o chão, computador portátil para apoio dos exercícios e reprodução de música, folhas brancas, lápis de cor e pincéis.

Em síntese, estas actividades lúdico-terapêuticas, abririam a possibilidade, nas palavras de Costa (2006), de uma “Experiência socioeducativa”, cujos objectivos passam também pela “desvinculação das práticas infraccionais”. O desenvolvimento psicológico e social passa pela criação de vínculos sociais, como “elo fundamental na luta contra a exclusão social”. Uma das experiências bem sucedidas desenvolvidas no Brasil e relatadas pela referida autora relaciona-se com a experiência de um artista plástico que trabalhou como instrutor de uma oficina de artes cujos resultados adquiriram “um sentido transformador e socioeducativo” (Costa, 2006, p.8).

Referências:

- Anaut, M. (2005). *A resiliência: Ultrapassar os Traumatismos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Cyrulnik, B. (2003). *O Murmúrio dos Fantasmas*. Lisboa: Temas e Debates.
- Freud, S. (1991). *Psicoanálisis del arte*. Madrid: Alianza Aditorial.
- Manes, S. (2003). *83 Jogos psicológicos para a dinâmica de grupos*. Lisboa: Paulus Editora.
- Melillo, A.; Estamatti, M., & Cuestas, A. (2005). Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: A. Melillo; E. Ojeda e Col. (Orgs.), *Resiliência descobrindo as próprias fortalezas* (pp.59-72). Porto Alegre: Artemed Editora.

Anexo 6

Consentimento Informado

Florência de Sá Santos, aluna da Universidade Fernando Pessoa (Porto), no âmbito da realização do trabalho final do curso de Psicologia ramo clínico (monografia), vem por este meio solicitar autorização para realizar o processo de acompanhamento psicológico de Barnabé do seu estudo de caso.

Toda a informação é confidencial e o seu anonimato assegurado (não aparece qualquer nome real quer de pessoas, quer da própria instituição, assim como outros elementos de identificação).

O nome da criança e da instituição de acolhimento não constarão neste documento no trabalho final escrito.

.....

Declaro que tomei conhecimento do acompanhamento psicológico e realização de estudo de caso para conclusão de licenciatura da aluna Florência de Sá Santos, tomando a minha decisão de autorização dos mesmos de modo voluntário e autónomo.

Data: ___/___/___

Assinatura do responsável pelo Gabinete de Psicologia do Lar.

21 de Outubro de 2008

(Mestre Eduardo Carqueja)

Anexo 7

A Hora de Jogo Diagnóstica (Efron et al., 2001, citado em Ocampo et al., 2001): Grelha de tópicos a registar e analisar, a partir de Efron et al. (2001, citado em Ocampo et al., 2001)

1. Escolha de brinquedos

a) Abordagem dos brinquedos – observação à distância

- dependente
- evitativa
- dubitativa (pegar e largar brinquedos)
- de irrupção brusca sobre os materiais
- de irrupção caótica e impulsiva
- de aproximação

b) Tipo de brinquedo para 1º contacto

c) Tipo de jogo (princípio, meio e fim)

2. Modalidades de brincadeira

a) Plasticidade

b) Rigidez (adere a certos mediadores de forma exclusiva e predominante)

c) Estereotipia e perseverança (desconexão com mundo externo: descarga)

3. **Personificação** (capacidade de assumir e atribuir papéis de forma dramática)

4. **Motricidade**

a) deslocamento geográfico

b) possibilidade de encaixe

c) apreensão e manejo

d) alternância de membros

e) lateralidade

f) movimentos voluntários e involuntários

g) movimentos bizarros

h) ritmo do movimento

i) hipercinesia

j) hipocinesia

k) ductibilidade

5. **Criatividade**

6. **Tolerância à frustração**

7. **Capacidade simbólica** (fantasias inconscientes, capacidade de criar símbolos, dinâmica de significados).

- a) riqueza expressiva busca de suporte de materiais

nova busca

coerência, nexos lógicos dos símbolos

b) capacidade intelectual (discriminação e manipulação da realidade)

c) conflito (símbolos usados → compreensão estágio psicosssexual).

8. Adequação à realidade (compreensão e aceitação das instruções)

- a) aceitação do enquadramento espaço-temporal
- b) possibilidade em colocar-se em seu papel e aceitar o papel do outro.

Atenção: Esta síntese é suficiente para utilizar e interpretar correctamente os resultados da prova. Trata-se de uma breve introdução a uma técnica projectiva que parece reduzir os constrangimentos que a administração de provas oferece frequentemente. Para um uso e interpretação assertivos é essencial consultar a fonte documental abaixo referida.

Referências:

Ocampo, M.L.S., Esther, M., Arzeno, G. Piccolo, E.G. e col. (2001). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*. São Paulo: Martins Fontes.

Anexo 8

Histórias elaboradas a partir das pranchas do CAT

Prancha 1 (P.): “Era uma vez três pintainhos a comer na mesa, a mãe galo disse para eles comerem tudo”.

P. 2: “Era uma vez três ursinhos que estavam a brincar com uma corda”.

P. 3: “Era uma vez um rei chamado leão, estava cheio de fome, e um rato estava e ver o rei leão e mais nada.

P. 4: “A mãe pinguim levou o filho às compras, já está”.

P. 5: “Era uma vez um pai e a mãe que estavam no quarto a dormir com dois filhotes e mais nada”.

P. 6: “Era uma vez um ursinho com o filho a dormir num buraco nas pedras, já está”.

P. 7: “Era um leão a atacar um macaco e o macaco a correr para cima da árvore, já está”.

P. 8: “Os pais do macaco pequenino tava em casa, uns a beber chá e a mãe a falar com o filho a dizer para ele ir ao quarto dormir”.

P. 9: “Era uma vez... uma casa com um coelho a ter medo do escuro, já está”.

P. 10: “Era uma vez o cão a levar o filho a fazer chichi à rua e o cão fugiu...”

E.P.: E depois?

B.: Mais nada.

E.P.: Qual gostaste mais?

B.: Do coelho.

E.P.: O que achaste dele?

B.: Estava com medo sozinho no quarto.

Anexo 9

Nome: Barnabé (10 anos)

A – BREVE ENQUADRAMENTO SOBRE TÉCNICAS UTILIZADAS

A técnica projectiva e lúdica *Hora do Jogo Diagnóstica* (Efron et al., 2001, citado em Ocampo et al., 2001) foi utilizada com o objectivo conhecer a realidade da criança no que respeita: conflitos; desenvolvimento psicosexual e intelectual, processo de socialização, recursos egóicos, capacidade de personificação, motricidade, plasticidade do ego, tolerância à frustração, capacidade simbólica e adequação à realidade.

É oferecido à criança vários materiais e brinquedos com os quais poderá desenvolver brincadeiras.

O teste projectivo *CAT* (Children Apperception Test) tem como objectivo “ (...) facilitar a compreensão das tendências da criança e suas relações com as figuras mais importantes” (Hirsch, 2001, citado em Ocampo et al., 2001, p.181). Em relação à primeira prova, o *CAT* tem a utilidade de acrescentar as dimensões da percepção e de clarificar as relações com as figuras mais importantes e os conflitos mais significativos.

B – PARTE CLÍNICA

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 1ª sessão

O Barnabé está institucionalizado num Lar de Acolhimento do Porto, local onde me encontro a estagiar desde Outubro do ano de 2006. É uma criança que procura com frequência o Gabinete de Psicologia, apesar de nunca ter comparecido às sessões marcadas pela psicóloga.

O meu primeiro contacto com Barnabé teve lugar, precisamente, no Gabinete de Psicologia por ocasião de sua vinda para mostrar um desenho (uma cruz negra) à psicóloga

Dra. Ana. O Barnabé foi-me apresentado, tendo-me cumprimentado muito rapidamente com dois beijos, deixado o desenho em cima da mesa e ido embora.

Depois disto iniciaram-se sessões de cinema e discussões de filmes ao fim de semana, actividades pelas quais se interessou sempre muito (aliás todos se interessam, pois não há actividades lúdicas ao fim-de-semana), e sessões terapêuticas em grupo (*Sitarte*), das quais faz parte por indicação do orientador Dr. Eduardo Carqueja. Neste último contexto o Barnabé foi sempre dos meninos mais difíceis de cativar, é agressivo para com os colegas, estraga os materiais propositadamente, mantém-se muito inquieto e raramente finaliza uma brincadeira de modo estruturado. Numa das ocasiões foi necessário chamar um educador, pois o Barnabé disse: “ Vou destruir tudo a começar pelas tintas”. O educador queria castigá-lo, tendo sido difícil sensibilizá-lo para a inadequação desse procedimento. Embora não tivesse castigo, ficou muito zangado pelo facto de ter de ir embora e disse: “Nunca mais venho para aqui! Venho quando vocês não tiverem cá para acabar de partir tudo”.

Depois disto o Barnabé voltou e comecei a acompanhar de perto todas as suas brincadeiras e actividades no *Sitarte*. Foi sempre muito difícil estabelecer contacto com ele mas com o tempo, gradualmente, começou a envolver-se cada vez mais nas brincadeiras de um modo construtivo.

II – Encaminhamento

Perante as problemáticas de Barnabé (verificadas em avaliações do Gabinete de Psicologia, em relatórios escolares e no período de observação do presente estágio), a crescente proximidade terapêutica - resultante de intervenções em grupo - e o interesse pelas sessões psicológicas demonstrado pela criança, considerou-se oportuna uma intervenção individualizada.

O Barnabé manifestou e pediu, ao ver e tomar conhecimento do acompanhamento de colegas: “também posso ir para ali contigo?”.

Depois disto, informei o psicólogo e orientador Dr. Eduardo Carqueja do sucedido e pedi-lhe autorização para acompanhar Barnabé.

III - Dados Anamnésicos

O Barnabé nasceu a 22 de Setembro de 1996. É órfão de mãe e encontrava-se a residir com o pai, com a companheira deste e um filho desta. No mês de Dezembro do ano de 2003, o Barnabé, a pedido da tia, foi passar com esta e familiares, o Natal e uma semana de férias. Após este período, face ao facto do pai não ter ido, conforme combinado, buscar o menor a casa da tia, esta deslocou-se à residência do pai, onde foi informado que ele já não residia naquele local. A tia informou o tribunal de família e menores de Aveiro da situação, uma vez que ela não reunia condições para ficar com o Barnabé.

O Barnabé foi institucionalizado em 9 de Fevereiro de 2004 e, desde aí, não voltou a ver o pai e os contactos com a restante família são muito raros.

Síntese da 1ª sessão

IV - Contexto da 1ª sessão

16h45 às 17h30

Materiais: Mala de brinquedos da “*Hora de Jogo Diagnóstica*”(Efron, Fainberg, Kleiner, Sigal & Woscoboinik, 2001, citado em Ocampo, Arzeno, Piccolo & Col.) e o *CAT* (Bellak, 1954).

Motivo de consulta: Atraso desenvolvimental generalizado. Especificamente foi possível encontrar em relatórios psicológicos os seguintes diagnósticos: imaturidade emocional, baixa adaptação social, problemas comportamentais e dificuldades de aprendizagem acentuadas. O pedido foi expresso por Barnabé conforme se encontra descrito no item “encaminhamento”.

Objectivo da sessão: Conhecer a realidade da criança, nomeadamente características individuais, estágio do desenvolvimento emocional e psicosssexual, função simbólica, capacidade de personificação, motricidade, criatividade, tolerância à frustração e adequação à realidade, percepção, relações objectais e tipo de relação terapêutica que estabelece com a figura da psicóloga.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*, Técnica de psicodiagnóstico *Hora de Jogo Diagnóstica* e teste projectivo *CAT*. Disponibilização dos materiais da mala e amostragem das pranchas do *CAT*, tendo-se seguido a sugestão de Hirsch (2001, citado em Ocampo et al., 2001) no que respeita às instruções a dar à criança: “Vou mostrar-te algumas pranchas, queria que fizesses uma história com cada uma delas e me disseses o que aconteceu antes, o que está a acontecer e o que acontecerá depois”.

Apesar de se tratar da primeira sessão individual não faz sentido iniciá-la com os habituais parâmetros (ex.: qual minha função na instituição) para ambientar a criança pelo facto de ter havido contactos noutros contextos terapêuticos. Contudo, foi esclarecida minha função no espaço das sessões (ex.: ajudá-lo a ser mais feliz, tratar das coisas que doem).

V - Observação Clínica

O Barnabé entrou no espaço terapêutico muito agitado, em movimento de um lado para o outro, olhando para as várias estantes com livros e fazendo muitas perguntas acerca dos materiais da mala da “Hora de Jogo Diagnóstica”: “O que é isto? Para que é isto? O que faço com isto”. Depois acrescentou “Vou fazer aqui uma coisa para você!” (lanche ao qual me reportarei mais adiante).

Os indicadores da “Hora de Jogo Diagnóstica” apontam para um desenvolvimento psicosssexual situado entre a fase oral e a fase anal, recorrendo à defesa onipotente, ambos visíveis na escolha e relação com os brinquedos. A agressividade parece conferir-lhe o poder que as necessidades orais lhe retiram.

Demonstra dificuldade em finalizar o jogo, o desenvolvimento intelectual parece situar-se fragilmente nas operações concretas e, apesar de, por vezes, demonstrar uma organização mental integrada, conserva características do estágio pré-operatório: egocentrismo em algumas brincadeiras e predomínio de acomodações. A capacidade intelectual é baixa, pois não apresenta distância em relação ao objecto, o que explica a inibição na área da aprendizagem. Por outro lado, em relação à socialização há atribuição de papel ao outro, recorrendo frequentemente à participação da psicóloga.

Representa-se capaz de providenciar um bom alimento para si próprio, ao mesmo tempo que é capaz de personificar, o que parece um bom indicador prognóstico.

Ao nível da motricidade apresenta ritmo de movimento acelerado e hipercinesia.

Sua criatividade permite-lhe tolerar o campo não - estruturado, apesar da inquietude, sendo suas acções com fins comunicativas.

Revela tolerância à frustração através dos limites e regras do contexto terapêutico, e atende à função de descarga (da agressividade) e à satisfação do desejo oral. Segundo Hirsh (2001, citado em Ocampo et al., 2001) é fundamental, ao nível do prognóstico e também a fim de enquadrar o brincar numa dimensão dita normal, neurótica ou psicótica, identificar a fonte de frustração, isto é, se se encontra na realidade externa ou interna. Portanto, segundo esta perspectiva a fonte de frustração, ausência de afecto, parece ser externa, na medida em que “prepara um lanche” para ele e para a psicóloga que lhe sacia a fome (Tás preparada para o lanche?) (pega em chávenas e pratinhos – materiais que fazem parte da mala *Hora de Jogo Diagnóstica*).

Revela boa capacidade simbólica, pois recorre a vários e numerosos elementos para expressar suas fantasias.

Comporta-se relativamente adaptado à realidade, compreendendo as instruções quando apresentadas de modo muito simples e revela alguma dificuldade em colocar-se no lugar do outro.

Narrativas elaboradas no CAT

Prancha (P.) 1: “Era uma vez três pintainhos a comer na mesa, a mãe galo disse para eles comerem tudo”.

P. 2: “Era uma vez três ursinhos que estavam a brincar com uma corda”.

P. 3:”Era uma vez um rei chamado leão, estava cheio de fome, e um rato estava e ver o rei leão e mais nada.

P. 4: “A mãe pinguim levou o filho às compras, já está”.

P. 5: “Era uma vez um pai e a mãe que estavam no quarto a dormir com dois filhotes e mais nada”.

P. 6: “Era uma vez um ursinho com o filho a dormir num buraco nas pedras, já está”.

P. 7: “Era um leão a atacar um macaco e o macaco a correr para cima da árvore, já está”.

P. 8: “Os pais do macaco pequenino tava em casa, uns a beber chá e a mãe a falar com o filho a dizer para ele ir ao quarto dormir”.

P. 9: “Era uma vez... uma casa com um coelho a ter medo do escuro, já está”.

P. 10: “Era uma vez o cão a levar o filho a fazer chichi à rua e o cão fugiu...”

Estagiária de Psicologia (E. P.): E depois?

Barnabé (B.): Mais nada.

E. P.: Qual gostaste mais?

B.: Do coelho.

E. P.: O que achaste dele?

B.: Estava com medo sozinho no quarto.

Resultado da análise das histórias verbalizadas nas pranchas do CAT:

Percepção: Apresenta percepção marcada por duas distorções e duas omissões em relação às personagens (pranchas 4 e 7 e pranchas 6 e 8), apesar de serem mais frequentes distorções e omissões em relação aos elementos que não são personagens (ex: rua em vez de casa de banho). Contudo, as distorções podem não ser muito significativas na medida em que há grande limitação de vocabulário - erro na utilização da linguagem. Em relação às omissões, omite as personagens consideradas por ele secundárias, isto é, os que não pertencem ao núcleo/triângulo familiar.

Portanto, ao nível da percepção parece haver uma certa fragilidade (mas longe da psicose), pois o fantasma familiar impede-o de alargar a visão a outros elementos.

Localização temporal: Predomina o passado (6 pranchas). São usados o passado e o presente em 4 pranchas e exclusivamente o presente na prancha 9. Há uma alusão ao futuro na prancha 7, muito provavelmente devido à interferência sugestiva da administradora (“E depois?”). É de notar, por outro lado, que esta prancha é das poucas em que a imagem sugere movimento, o que pode também ter facilitado o uso do futuro.

Além disto, note-se que o uso exclusivo do presente acontece na prancha 9, que coincide com a sua prancha preferida: “Um coelho a ter medo do escuro”.

Hirsch (2001, citado em Ocampo et al., 2001) considera a omissão do futuro frequente em crianças mais velhas que estão atadas ao passado que determina o seu futuro e dá lugar a poucas ilusões.

Efectivamente esta criança tem a sua vida marcada por um passado que determinou sua institucionalização. Por outro lado, o facto de ter pouca e insegura retaguarda familiar pode influenciar as fracas expectativas em relação ao futuro. Portanto, a rigidificação no uso do passado pode ser explicada pela sua curta mas dolorosa história de vida e pelas condições actuais de institucionalização que agravam o sentimento de medo.

Alterações do pensamento: As respostas fornecidas, em geral, são lógicas mas curtas e pobres de conteúdo. Na prancha 10 apresenta ilogicidade aparente, se não tivermos em

conta que o pai desta criança nunca lhe deu cuidados adequados e o abandonou, tal como a personagem adulta e masculina da prancha 10.

Não é evidente alteração de pensamento porque as respostas são muito curtas e há um grande evitamento/ inibição afectiva em elaborar respostas.

Linguagem: é pobre, se tivermos em conta a idade (10 anos). Há inexactidão nas pranchas 8 e 10: “os pais do macaco tava (...)” e “o cão a levar o filho a fazer chichi à rua e o cão fugiu”. Não fica muito claro quem fugiu, embora o mais provável, pela análise acima realizada, seja o cão, isto é, o pai. A linguagem encontra-se pouco desenvolvida para a idade da criança.

Possibilidade de fantasiar: Capacidade de fantasiar em 8 pranchas, embora a fantasia da prancha 10 possa parecer ilógica, há uma substituição da fantasia pela ilogicidade, explicada pelos diversos abandonos do pai, o que constitui o seu principal conflito: o abandono. Não fantasia nas pranchas 5 e 7, cujas temáticas subjacentes são: sexualidade e perseguição. A incapacidade para fantasiar a prancha 5 pode estar relacionada com a falta visionamento de interacção entre os pais e ele próprio e ainda menos entre os próprios pais. A prancha 7 sugere movimento, acção, o que pode fazer com que a criança, especialmente se evitar respostas elaboradas, se cole ao conteúdo mais palpável, “fugindo” assim, sem constrangimento, à necessidade de fantasiar, o que requer a tarefa de pensar.

Relações interpessoais e temáticas: A temática predominante é a necessidade de satisfação oral e de protecção. Além disto há dificuldade em triangular a relação familiar (quando há oportunidade de triangular evita, ex: pranchas 2 e 6, ou torna a linguagem pouco exacta – Pranchas 5, 6 e 8). As relações diádicas (pai – filho, mãe - filho) são marcadas pela: introjecção de um superego forte (mãe diz ao filho para comer tudo, para ir dormir) em relação à mãe, e por sentimentos de abandono e falta de protecção ou cuidados da parte do pai (“um ursinho com o filho a dormir num buraco” e “o cão a levar o filho a fazer chichi à rua e o cão fugiu”).

Principais defesas: Identificação com personagens que estão a comer, que vão comer ou que estão sós. É de notar que, quando as figuras parentais não estão presentes, nunca são

introduzidos como portadores ou facilitadores da solução (ex: prancha 3, o leão tem e fica com fome, e prancha 9, o coelho tem medo e fica sozinho). Por outro lado, identifica-se com o leão ao chamá-lo “Rei”, numa idealização de poder onde, mesmo poderoso, sente e fica com fome. Ainda acerca da idealização, idealiza uma mãe boa, cuidadora, com um forte sentido superegótico.

Além disto há uma inibição afectiva e evitamento transversal a todas as respostas. Estas são curtas, pouco elaboradas em relação ao conteúdo e muitas vezes estereotipadas, sem originalidade.

Tentativas de resolver ou não o problema ou conflito: Na maioria das pranchas (6) não apresenta qualquer conflito. Quando o faz estão intimamente relacionados com necessidades de satisfação oral e de protecção, que ficam por satisfazer. Portanto não apresenta solução para estes problemas. A única excepção acontece na prancha 1, onde a mãe está presente. Mas na prancha 3, onde a mãe está ausente, o problema da fome fica por resolver.

Em síntese, a relação com a figura maternal parece dependente, anaclítica, e com o pai de falta de protecção e abandono.

VI - Elementos contratransferênciais

Incerteza em relação à adequabilidade das intervenções faladas. Nervosismo relacionado com a história e grau de sofrimento desta criança. Dificuldade em conter demonstrações de afecto.

Referências:

Ocampo, M.; Arzeno, M., Piccolo E. e Col. (2001). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Anexo 10

I – Contexto social do contacto com a criança anterior à 2ª sessão

O Barnabé encontrava-se na sala de estudo, jogando computador. Perguntei ao educador se podia conversar com Barnabé. Depois perguntei a Barnabé, que aceitou conforme estava marcado desde a última sessão.

Síntese da 2ª Sessão

II - Contexto da 2ª sessão

16h50 às 17h05

Materiais: Mala de brinquedos da *Hora de Jogo Diagnóstica*. Livro de histórias.

Objectivo da sessão: Continuação da avaliação iniciada na sessão anterior, desenvolvimento de relação terapêutica.

Técnicas e procedimentos: Disponibilização dos materiais da mala da *Hora do Jogo Diagnóstica* em cima de uma mesa., *Livre associação de ideias*

III - Observação Clínica

O Barnabé entrou na sala muito agitado, tenta abrir janelas, desce ao andar inferior, trazendo um livro de histórias que folheia freneticamente.

E. P.: Vais ler uma história?

B.: Não sei ler.

E. P. Mas podes inventar, queres?

B.: Não. Vou fazer um bocado de plasticina.

Amassa a plasticina rapidamente e larga-a, depois pega na pistola e dá tiros pela janela. Volta da janela, pega num carro grande, esfrega as rodas em jeito de dar velocidade ao carro, larga-o.

B.: Posso ir embora?

E. P.: Claro. Se queres...

B.: Sabes porquê? De caminho vou tomar banho e perco o recreio...posso?

E. P.: Sim podes.

B.: Obrigada.

E. P.: Até amanhã.

B.: Xau, até amanhã.

IV - Elementos contratransferênciais

Incerteza em relação ao motivo que levou Barnabé querer a sair do espaço terapêutico. Colocação da hipótese do aumento da angústia, devido ao facto da sessão anterior ter sido muito intensa, pois foram tratadas várias temáticas de conteúdo angustiante para Barnabé: relações parentais, separação, abandono...

Uma hipótese levantada, que penso poder incluir-se na primeira, está relacionada com a “desvalorização narcísica”. A sua falha narcísica pode ter contribuído para a não tolerância à frustração desencadeada na primeira sessão ao tratar os temas acima referidos, para si muito dolorosos. Pode ter ocorrido alguma consciencialização da sua situação familiar/afectiva/emocional, para a qual o seu frágil narcisismo não estará preparado.

Anexo 11

Nota: O procedimento (refiro-me a *contexto social de contacto com a criança que antecede a sessão*) que antecede a sessão clínica é, quase sempre, o mesmo, conforme descrito no último registo. Por isso, só me reportarei a esses momentos quando ocorrer alguma situação distinta ou que revele algo pertinente ao nível clínico.

Síntese da 3ª Sessão

I - Contexto da 3ª sessão

17h30 às 18h20

Materiais: Mala de materiais da *Hora de Jogo Diagnóstica*, livros de histórias, folhas de papel brancas e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Continuação de acompanhamento, desenvolvimento da relação terapêutica, finalização de avaliação com *Hora de Jogo Diagnóstica*.

Técnicas e procedimentos: Técnica de Diagnóstico *A Hora de Jogo Diagnóstica* e sua disponibilização, assim como os livros de histórias. *Squiggle*. Sugestão de brincar ao *jogo dos rabiscos*. *Livre associação de ideias*.

II - Observação Clínica

Barnabé entra muito apressadamente na biblioteca, como é habitual, onde decorrem as sessões, pega em vários livros que folheia sem atentar ao conteúdo das páginas. Depois diz: “Chega-me aquele livro”. Assim que vê tratar-se de um livro só de letras diz: “Oh não gosto!”. A seguir pede autorização para descer ao andar de baixo para buscar outros livros. Enquanto isso, olha para todos os lados e canta “Faz amor comigo...ai, ai, ai, ai eu gosto dessa mulher...”.

B.: Vou-te contar uma história: o Trazan.

E. P.: Referes-te ao *Tarzan*?

B.: Sim.

Folheou mais vagarosamente a revista de banda desenhada. Foi notório que não ia, efectivamente, ler a história.

A relação com as revistas e livros é de defesa e, ao mesmo tempo, constituem mediadores que facilitam a comunicação. Além disto, a ideia de contar histórias nas sessões surgiu com a administração do *CAT*, mas depois disto foi Barnabé quem teve a iniciativa de trazer revistas e livros para o espaço terapêutico, assim como a iniciativa de contar histórias (a biblioteca, onde decorrem as sessões, é constituída por dois andares com passagem pelo interior do pequeno edifício. No primeiro andar encontra-se a maior parte dos livros, no segundo andar, onde decorrem especificamente as sessões, encontram-se também alguns livros mas escolares. Barnabé foi-se habituando, por iniciativa própria, a descer ao primeiro andar para buscar livros de histórias e revistas de banda desenhada).

Depois de alguns minutos de silêncio perguntei:

E. P.: Que tens feito?

B.: Fui passar férias com o meu avô...

E. P.: Como foram?

B.: Foram boas.

E. P.: O que fizeste?

B.: Muitas coisas...

E. P.: Como por exemplo...

(silêncio)

E. P.: Queres contar-me uma história?

B.: “Era uma vez um Trazan (o erro na dicção da palavra revela a linguagem pobre já verificada), Trazan, tinha uma família e a família ficou muito chateada e depois ele disse já não gosto de ti e já tá.”

E. P.: Que original! Nas histórias que conheço do *Tarzan*, ele aparece sempre sem família. Mas porque é que a família ficou chateada com ele?

B.: Porque ele morreu...

E. P.: A família ficou chateada porque ele morreu?

B.: Sim.

Barnabé foi à mala da *Hora de Jogo Diagnóstica* e pegou numa pistola com a qual deu vários tiros através da janela, depois foi buscar a máscara do zorro.

Estas foram as únicas interações com os materiais da mala, das quais só se confirma a agressividade como defesa contra a angústia de separação e de abandono.

Propus o *jogo dos rabiscos*, do qual não acolheu as regras e pôs-se a desenhar, sozinho, uma casa.

Depois transformou o meu tracejado numa cobra e escreveu cobra no cimo da folha, desenhou mais uma casa a partir de um tracejado meu e o nome Barnabé.

E. P.: De quem é essa casa?

B.: De ninguém...É mesmo fácil escrever casa. Já tá, não quero mais. Posso contar-te uma história?

E. P.: Claro, conta!

Em relação aos rabiscos denota-se o elemento fálico (cobra), o elemento narcísico (Barnabé) e a necessidade de protecção (casa).

B.: “Era uma vez um quá quá...é só isso...conta outra vez...outra vez...”

E. P.: E depois?

B.: Era uma vez um quá quá muito lindo, tinha a sua mãe também muito linda e um dia a mãe do quá quá morreu e depois ele ficou muito tempo sozinho, depois encontrou uns amigos e eles disseram tás sozinho? Tou. Então a tua mãe? Morreu. Como? De acidente. E foram felizes para sempre.

B.: O meu desenho?

E. P.: Está aqui.

B.: Posso rasgá-lo?

E. P.: É pena, está giro, mas ele é teu se quiseres rasgá-lo...

B.: Depois faço outro. Quando fores embora dás-me essa capa?

E. P.: Como sabes que vou embora?

B.: Não sei...normalmente vão....e tu, não sabes?

E. P.: Não, mas mesmo que vá posso vir cá visitar-te e mostrar-te a capa com os teus desenhos...

(silêncio pensativo)

E. P.: Queres jogar outro jogo?

B.: Sim.

E. P.: Eu mostro-te estes ursinhos na ordem que tu escolheres e tu vais inventando uma história conforme eu os vou mostrando.

A ordem escolhida para a apresentação da família de ursinhos foi: o urso filho, a mãe urso e o pai urso.

O objectivo desta brincadeira foi o quadro das relações objectais.

B.: “Era uma vez um ursinho que encontrou a sua mãe que era muito bonita, depois a mãe disse-lhe tens de te portar bem e tirar boas notas na escola...e depois o ursinho morreu e a mãe ficou muito triste e o ursinho foi enterrado e a mãe nunca mais quis saber dele... (introdução do pai urso) e foram felizes para sempre”.

Dado ter ficado um pouco perturbada com esta história, considerei não dever fazer qualquer comentário.

Finalizei a sessão perguntando: “Queres dizer-me ou contar-me mais alguma história?”

B.: Não.

E. P.: Então podemos ir embora, mas antes de isso marcar encontro para a semana?

B.: Sim.

III - Elementos contratransferênciais

Confusão em relação ao facto de ser o ursinho a morrer, dificuldades na interpretação dos conteúdos.

Os elementos contratransferênciais são relativamente constantes, pois a dificuldade sentida em interpretar as verbalizações e comportamentos de Barnabé são constantes. Devido a este forte sentimento de insegurança em relação às intervenções, e também porque sinto o Barnabé demasiado frágil e expectante, optei conscientemente por deixá-lo conduzir as sessões, de modo a que possa ganhar confiança no contexto e na relação terapêutica.

Anexo 12

4ª Sessão

30/04/2007

Síntese da 4ª Sessão

I - Contexto da 4ª sessão

16h00 às 16h40

Materiais: Folhas brancas, lápis de cor e livro de contos de fadas.

Objectivo da sessão: Continuação de desenvolvimento da relação terapêutica.

Técnicas e procedimentos: Estava programado inicial o *jogo dos rabiscos (Squiggle)*, assim como a técnica de ler contos de fadas mas não foi possível devido a mal-estar sentido por mim.

II - Observação Clínica

Como é habitual, à hora da sessão, fui chamar o Barnabé à sala de estudo. Pelo caminho ia dizendo “quero mostrar-te uma coisa!, quero mostrar-te uma coisa”. Quando estamos já a entrar na biblioteca perguntei: “o que queres mostrar-me?” Já vais ver, respondeu.

B.: A minha capa do ano passado. Olha só tudo o que eu fiz...

E. P.: Quantas coisas... afinal sabes escrever e portanto também deves saber ler...

B.: Foi com a ajuda da professora.

E. P.: Sim, o importante é fazer porque se fizeres muitas vezes com a tua professora ficas a saber fazer sozinho!

(Vi um presente manufacturado com um envelope a dizer mãe)

E. P.: De quem é isso?

B.: É meu...

E. P.: Fizeste para a tua mãe?

B.: Fiz....

(silêncio)

E. P.: Ela já morreu não já?

B.: Já.

E. P.: Há quanto tempo?

B.: Não sei...há muito.

E. P.: Lembras-te dela?

B.: Lembro.

E. P.: Como era?

B.: Era fixe.

E. P.: O que sentes quando te lembras dela?

B.: Ehhhh...saudades.

E. P.: O que te lembras?

B.: Não sei....

B.: O que estavas a falar com a directora?

E. P.: Porque perguntas?

B.: Porque ouvi-te dizer biblioteca...

E. P.: E com isso pensaste?

B.: Que tavas a falar de mim.

E. P.: Não, não estava. Estava a perguntar se podia distribuir alguns destes livros de histórias e de banda desenhada pelas salas de estudo e pelo *Sitarte*. Às vezes falo com a Dra. A. sobre os meninos com quem venho para aqui, como por exemplo quando lhe perguntei se podia continuar a acompanhar-vos depois do estágio, mas não sobre as conversas que temos, como te disse no nosso primeiro encontro. O que achas da ideia?

B.: Qual?

E. P.: A dos livros de histórias e banda desenhada.

B.: Acho fixe.

E. P.: Então ajudas-me a escolhe-los?

B.: Sim, eu escolho todos.

E. P.: Ok! Então vai pondo em cima da mesa enquanto eu vou emparelhando e separando os de histórias dos de banda desenhada.

III - Elementos contratransferênciais

A sugestão de ajudar-me a escolher livros deveu-se ao facto de não me estar a sentir bem. Não foi possível, por isso, iniciar a técnica de *contar contos de fadas* e o *jogo dos rabiscos*.

Anexo 13

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 5ª sessão

No átrio do Lar:

B.: É verdade que estiveste a morrer?

E. P.: A morrer acho que não, estive doente, mas agora já estou completamente recuperada.

B.: Tiveste um ferro espetado na cabeça?

E. P.: Não, tive um ferro espetado no pulmão.

B.: Porquê?

E. P.: Porque tinha um líquido esquisito e ar a mais no pulmão que precisavam sair.

B.: E saíram?

E. P.: Sim saíram, é por isso que já estou boa.

B.: Quando é que vais outra vez para o hospital?

E. P.: Se tudo correr bem, não volto. Vamos conversar melhor na biblioteca?

B.: Tá bem.

Síntese da 5ª sessão

II – Contexto da 5ª sessão

15h00 às 15h45

Materiais: Folhas de papel branco e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Esclarecer ausência prolongada e verificar estado psico-emocional, continuação de desenvolvimento de relação terapêutica.

Técnicas e procedimentos: *Squiggle* (Winicott). *Queres jogar ao jogo dos rabiscos?*
Livre associação de ideias.

III - Observação Clínica

E. P.: Compreendes que não pude vir cá desde o último dia em que estivemos juntos porque estive doente?

B.: Sim, a directora disse-nos que tavas mal.

B.: Foi muito mal?

E. P.: Um bocadinho. É muito chato estar no hospital e doente, ainda por cima com tanta coisas para fazer cá fora.

B.: E se tivesses morrido?

E. P.: Não sei. Acho que ninguém sabe o que se passa na morte. Algumas pessoas acham que não se passa nada, outras que há um outro mundo. Ainda bem que não morri porque ainda quero fazer muitas coisas. E depois...não poderíamos estar aqui a conversar.

B.: Pois não...

E. P.: O que achas que acontece quando morremos?

B.: Não sei.

E. P.: Como tens andado?

B.: Bem.

E. P.: Que tens feito?

B.: Tudo...brincar...

E. P.: E que mais?

B.: E tive nas aulas.

E. P.: Como correu este ano?

B.: Bem.

E. P.: Passaste?

B.: Não.

E. P.: O que achas de não ter passado?

B.: Nada...

O Barnabé encontrou-se muito alheado, foi necessário fazer as perguntas várias vezes, porque quase nunca respondeu à primeira vez.

E. P.: Lembras-te do nosso último encontro?

B.: Aquele que te contei histórias?

E. P.: Esse foi o penúltimo...mas gostava que me contasses mais histórias.

B.: Não me lembro...

E. P.: Foi aquele em que tivemos a escolher livros. Tens visto esses livros?

B.: Às vezes na sala de estudo.

E. P.: Queres falar de alguma coisa ou contar-me alguma história?

B.: Não sei....

E. P.: Inventa.

B.: Tou a ver estes livros.

E. P.: O que vês nesses livros?

B.: Coisas.

E. P.: Que coisas?

B.: *O homem - aranha e o mau.*

E. P.: E tu, és algum deles?

B.: Sim o *homem - aranha.*

E. P.: Se fosses o *homem - aranha* o que farias?

B.: Salvava...

E. P.: Quem?

B.: As pessoas.

E. P.: Porquê?

B.: Porque senão os *maus* matavam - as.

E. P.: Porquê que achas que os *maus* as matavam?

B.: Porque as pessoas não têm direito de morrer...têm direito de viver.

Barnabé larga bruscamente a revista de banda desenhada e pega num álbum de fotografias de um acampamento de Verão do Lar.

Interpretei o comportamento como um apelo à não continuação da conversa sobre a morte.

B.: Isto é o acampamento.

E. P.: Gostas de acampar?

B.: Sim.

E. P.: O que fazem lá?

B.: Vamos à praia.

E. P.: Gostas de praia?

B.: O quê?

E. P.: Estou a perguntar-te se gostas de praia?

B.: Gosto.

Barnabé mantém-se bastante alheado, não parece estar com vontade de conversar. Proponho que conte uma história mas Barnabé, um tanto ao quanto determinado afirma não gostar.

O facto de Barnabé ter tido a iniciativa de contar histórias e contrapor agora dizendo não gostar parece ser uma defesa para a intensa angústia que parece sentir. Pode-se ver isso na hipermotricidade, na primeira conversa sobre a morte que ele próprio lançou mas que depois quis terminar e na afirmação num contexto ilógico: “Porque as pessoas não têm direito de morrer...têm direito de viver”.

Esta afirmação parece uma reprodução, ainda que com alguma alteração, que Barnabé tenha ouvido, pois em nada se enquadra ao discurso habitual de Barnabé.

Entre o silêncio de quem não quer mais pensar Barnabé canta “Caíram os dois e bateram com a cara no chão”.

Enquanto isto tínhamos já iniciado o jogo *Squigle*.

E. P.: Conheço um jogo que acho que vais gostar.

B.: Qual?

E. P.: Chama-se *jogo dos rabiscos*.

B.: Como é?

E. P.: Um de nós faz um tracejado, um risco, uma linha e o outro transforma isso em alguma coisa, que dizes?

B.: Tá bem. Começa tu.

Apesar de se tratar de um jogo que requer permanência na mesa, Barnabé vai constantemente à janela.

Foram realizados 10 desenhos onde Barnabé conseguiu respeitar relativamente as regras, isto é, um traça um risco e o outro transforma-o em algo. Durante a interacção dizia frequentemente “Agora és tu a começar”.

A última produção gráfica foi realizada exclusivamente por Barnabé (desenhou a letra E) e depois desta diz “Pronto, já acabamos”, referindo-se a ele no plural.

Em relação aos desenhos feitos pode-se dizer que as principais temáticas repetem-se: a casa, uma face e o nome Barnabé.

E. P.: Que dizes de irmos embora?

B.: Não! Já?

E. P.: Podemos ficar mais 5 minutos, não mais. Não queres ir embora? Está na hora...

(silêncio)

E. P.: Gostas de vir cá?

B.: Não...quer dizer gosto!

E. P.: Em que ficamos? Gostas ou não?

B.: Gosto.

E. P.: Porquê?

B.: Porque aqui faz-se tudo e lá em baixo não.

E. P.: Podemos ir agora?

B.: Não!!!

E. P.: Barnabé temos de ir, já passou quase uma hora e além disso tens de ir lanchar.

B.: Oh...

Foi embora com expressão de zangado e recusou-se a despedir-se de mim, como é habitual, com dois beijos.

IV- Elementos contratransferênciais

Insegurança em relação à adequabilidade de ter terminado a sessão contra a vontade de Barnabé, principalmente depois de ter-lhe dirigido tantas questões. Apesar de saber que é importante a existência de limites e que devem ser cumpridos, houve incerteza quanto à possibilidade de Barnabé querer dizer algo importante.

Anexo 14

6ª Sessão

28/06/2007

A - ENQUADRAMENTO TEÓRICO: porquê ler contos de fadas?

As razões e benefícios de ler contos de fadas a crianças são vastos e numerosos.

O primeiro motivo, que considero suficiente, para a decisão de ler contos de fadas como intervenção terapêutica, prendeu-se com o interesse do Barnabé por contar histórias. Depois levantou-se a hipótese de Barnabé gostar de ouvir contos de fadas. Hipótese que se confirmou fortemente nesta sessão.

Segundo Bettelheim (2002, p.28) “Para contar contos de fadas é sempre melhor seguir a indicação da criança”. Barnabé fez questão de escolher os referidos contos e de apresentar a ordem em que eu deveria lê-los.

Platão, na sua república ideal, sugeria que os cidadãos começassem, na sua educação literária, contando mitos em vez de tomarem conhecimento de meros factos ou dos chamados ensinamentos racionais (Bettelheim, 2002). Charles Dickens recorda que o seu primeiro amor foi a menina do Capuchinho Vermelho e estava convicto que se tivesse casado com ela teria conhecido a verdadeira felicidade (Bettelheim, 2002). Lewis Carroll chama à leitura de um conto de fadas por alguém mais velho uma prenda de amor que a criança saberá acolher (Bettelheim, 2002).

Bettelheim, educador e terapeuta de crianças com graves perturbações, defende que sua principal missão é restituir um sentido para a vida destas crianças.

Apesar de toda a minha dificuldade em descortinar as perturbações de Barnabé, o facto de ele precisar de um sentido para a sua vida é para mim evidente. A forma como constrói o discurso, o comportamento inquieto, a desesperança no futuro (detectável na análise do *CAT*), enfim, a falta de sentido aparente em muitas das coisas que faz e diz, são para mim um espelho fiel da necessidade de, como diz Bettelheim (2002, p.12) “ (...) pôr a casa interior em ordem e, nessa base, conseguir dar certo sentido à sua vida ”.

Neste sentido Bettelheim (2002) afirma que nada é mais importante do que o impacto dos pais, relações entre eles e com os filhos, tema que toma conta de grande parte dos contos de fadas.

O terapeuta acrescenta ainda que as crianças precisam de sentimentos positivos, pois estes dão força para desenvolver a racionalidade e que só a esperança no futuro nos pode sustentar nas adversidades que inevitavelmente encontraremos.

Segundo o pesquisador não basta que uma história desperte a curiosidade da criança e que a distraia; para enriquecer sua vida é necessário que estimule sua imaginação, que a ajude a desenvolver o seu intelecto e as suas emoções “ (...) tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações, tem de reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (Bettelheim, 2002, p.11).

Em síntese, por um lado os contos de fadas, em geral, deixam muitas questões à imaginação da criança, o que é, por um lado, fomentador do desenvolvimento dos processos de pensamento, e por outro, ao mostrar à criança como lutar por uma integração superior e o que isso implica “Estas histórias prometem que, se a criança tiver a coragem de se embrenhar nesta terrível e esgotante demanda, poderes benevolentes virão em seu auxílio e ela vencerá “ (Bettelheim, 2002, p. 33).

Síntese da 6ª Sessão

I - Contexto da 6ª sessão

16h00 às 16h55

Materiais: Revistas de banda desenhada e livro de contos de fadas.

Objectivo da sessão: Introdução à leitura de contos de fadas (Bettelheim, 2002).

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*, *Leitura de contos de fadas* (Bettelheim, 2002) e sugestão *Posso contar-te uma história?* (coloquei propositadamente a questão do mesmo modo e com as mesmas palavras que ele usara anteriormente). Leitura de *A Branca de Neve* e *O Patinho feio*.

II - Observação Clínica

Barnabé diz repetidamente “ Prá semana vou prá Aveiro!, Prá semana vou prá Aveiro”.

Enquanto folheia uma revista de banda desenhada, conta-me que vai para a casa da tia Susana e que gosta muito dela. Diz também que no Algarve tem 3 primas das quais gosta muito e, quando pergunto suas idades diz não saber.

Quando pergunto porque está sempre a fazer coisas enquanto fala comigo explica que é porque gosta.

Depois prossegue a apresentação da família. Diz que tem duas irmãs com a tia e que “uma tem 13 anos e outra, mas que só uma é filha da mãe”. Quando pergunto qual diz não saber.

Lembra-se da mãe o levar ao parque em Aveiro e que não sente nada em relação a ela. Por fim acrescenta “ A minha mãe era minha amiga”.

Depois sugeri ler-lhe uma história. Acenou rapidamente com a cabeça e desatou a correr para ir buscar um livro de histórias. Escolheu, em primeiro, *A Branca de Neve*, e depois *O Patinho feio*.

Barnabé ouvia atentamente sentado e, pela primeira vez, quieto e, aparentemente, atento. Enquanto lia apontava com minha mão as imagens correspondentes à narração. A certa altura deixei de apontar e Barnabé pergunta ligeiramente enervado: “onde está?”. Voltei então a apontar mas desta vez para o texto e depois para as imagens.

Em relação à *Branca de Neve* o tema central é a problemática edipiana.

Enquanto lia o conto, e quando já quase terminava Barnabé diz com expressão de conformismo “Vai morrer!”.

Segundo Bettelheim (2002) a criança identifica-se com a *Branca de Neve* e vê as coisas pela perspectiva dela. Penso que a afirmação “Vai morrer” relaciona-se precisamente com a identificação. *Branca de Neve*, tal como Barnabé, foi expulsa do “ (...) paraíso original da infância, onde todos os nossos desejos pareciam ser satisfeitos sem qualquer esforço da nossa parte” (Bettelheim, 2002, p.255). E como Barnabé ainda não conseguiu vingar, predomina uma desesperança em relação ao futuro e a morte é-lhe já um assunto bastante próximo, talvez não seja de admirar que Barnabé pense que o final de *Branca de Neve* só pode ser o pior.

A ideia mais estruturante do conto parece relacionar-se com o facto de que aprender o que é bom e o que é mau, isto é, a obtenção do conhecimento - parece dividir a nossa personalidade em duas: o caos vermelho das emoções desesperadas, o *id*, e a branca pureza da nossa consciência, o *superego*. À medida que ocorre o desenvolvimento vacilamos entre sermos vencidos pela desordem do 1º e pela rigidez do 2º (corresponde ao espartilho apertado e imobilidade forçada do caixão, em *Branca de Neve*). Portanto só se atinge a maturidade quando estas contradições interiores são resolvidas e se consegue um *ego* maduro e contentor, no qual o branco e o vermelho coexistem harmonicamente.

Além disto, que penso serem questões que dizem respeito ao desenvolvimento de qualquer criança, a identificação com *Branca de Neve* e conseqüentemente o rever-se em situações muito semelhantes à sua vida pode ter um efeito muito benéfico em Barnabé. Refiro-me aos maus tratos que *Branca de Neve* sofreu, a começar pela morte de sua mãe quando nasceu, o *caçador* que não obedece às ordens da rainha – matar *Branca de Neve* –

mas também não a salva, deixando-a sozinha na floresta esperando que morra, corresponde, segundo Bettelheim (2002) ao pai negligente, o facto de ter de lutar sozinha para sobreviver e até o narcisismo da *Madrasta* que acaba por matá-la (Barnabé andou quase 2 anos com o pai não se sabe muito bem por onde, mas sabe-se que teve várias mulheres que representariam certamente para Barnabé as “malvadas” que tentam ocupar o lugar da mãe.

Todas estas circunstâncias são muito familiares a Barnabé. Mas o que é facto é que no conto a importante questão da morte é não é vista obrigatoriamente como o fim da vida, pois *Branca de Neve* recupera a consciência.

Apesar dos maus tratos sobrevive e encontra grande felicidade. Como afirma Bettelheim (2002, p. 252) “ A mensagem destes contos é que as confusões e dificuldades edipianas podem parecer insolúveis. Porém, lutando corajosamente contra estas complexidades emocionais de família, podemos viver muito melhor do que aqueles que não são assoberbados por problemas difíceis”.

Portanto, o herói para vencer tem de passar por experiências de crescimento muito dolorosas.

Finalmente, um dos aspectos positivos já referidos é o facto de também neste conto a resolução á deixada, em parte, à imaginação da criança: o pai (o caçador), a pessoa pela qual ambas lutam, não é referido, portanto os problemas edipianos – fonte de conflito – são deixados à imaginação da criança.

Em *O Patinho feio* Barnabé manteve o comportamento muito calmo e atento debruçado sobre a mesa e o livro. Quando a história já terminava e a narração deixava antever um final feliz, Barnabé diz “devia morrer”. No final, instantes depois, disse “Ele não morreu pelo contrário tornou-se num belo cisne com muitos amigos”. Manteve-se em silêncio. A história que mais gostou foi a do *Patinho Feio* porque é *feio*.

Há aqui, uma rejeição de um final feliz, talvez porque na cabeça de Barnabé, seja difícil, ainda, imaginar finais felizes. Nas várias etapas que a sua curta vida já teve nenhum dos episódios teve um final feliz: a doença/acidente da mãe resultou na sua morte, a toxicod dependência e negligência do pai no seu abandono na casa de sua tia, este abandono

na sua institucionalização e a institucionalização em dolorosos sentimentos de solidão, medo, abandono, desesperança.

Apesar da obra *Psicanálise dos contos de fadas* de Bettelheim (2002) não se referir especificamente a *O Patinho feio* o papel estruturante deste conto parece-me relativamente evidente, senão vejamos: o *Patinho feio*, apesar de ter nascido feio, diferente de sua família e de ter sido rejeitado por esta, apesar de ter passado muito tempo sozinho, conseguiu levantar voo e voar toda uma primavera. Naturalmente a primavera representa aqui os obstáculos e provas de fogo pelas quais temos de passar na vida para conseguirmos encontrar a felicidade. Depois de uma primavera inteira a voar, isto é, “(...) a terrível e esgotante demanda (...), como diz Bettelheim (2002), o *Patinho* aterra num belo lago cheio de belos cisnes e, para seu incrédulo espanto, ele próprio tinha-se transformado num belo cisne. Trata-se portanto daquilo a que Bettelheim (2002) se refere como “ (...) poderes benevolentes virão em seu auxílio e ela vencerá”.

III - Análise dos contos *Branca de Neve e os Sete Anões*¹ e *O Patinho Feio*² escolhidos para leitura e reflexão associativa com as relações familiares de Barnabé e consigo próprio

Este conto trata de questões edípicas (Bettelheim, 2002). É um dos contos que, em vez de falar dos problemas dos filhos para os pais, fala dos problemas dos pais para os filhos, neste caso: o ciúme da *Rainha*.

Analogicamente, o psicanalista refere a tragédia grega de Édipo, que é emocionalmente destruído, devido ao medo do pai (Laio) de ser ultrapassado pelo filho, medo que leva à tragédia de todos.

¹ Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar, Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, pp. 246 - 272.

² Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar Cyrulnik, B. (2000). *Resiliência. Essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

O tema é portanto o medo da rainha de ser superada por *Branca de Neve*, a criança maltratada, tal como o *Édipo*. Esta constelação emocional da família, Édipo, diz Bettelheim (2002), pode causar os mais severos impedimentos ao crescimento mas também é fonte do desenvolvimento da personalidade. Como o ouvinte se identifica com *Branca de Neve* vai viver com ele todo o processo de maturação (Bettelheim, 2002)

Branca de Neve é abandonada e o tempo que passa com os anões, resolvendo os problemas daqueles seres imaturos, é o tempo das dificuldades, o período de crescimento (Bettelheim, 2002). O autor considera que poucos contos tratam tão nitidamente as principais fases de desenvolvimento e que o conto põe ênfase no que é uma boa meninice e o que é preciso para a ultrapassar com sucesso.

Além disto, apesar do conto dizer que a *mãe* de *Branca de Neve* morreu, não lhe acontece nada de mal, apesar de órfã, e só mais tarde é que *Branca de Neve* vai debater-se e vencer os problemas rivais introduzidos pela *madrasta*.

Outra questão fundamental é a do narcisismo, tão bem retratado no olhar da madrasta para o espelho, narcisismo que acaba por destruí-la. Tal como diz Bettelheim (2002, p.257), o narcisismo é uma importante parte da criança, mas é necessário que ele aprenda a lidar com “ (...) esta perigosa forma de auto-envolvimento”.

Bettelheim (2002) menciona que o problema do pai se sentir ameaçado pelo filho, pela sua jovialidade, pela sua força e beleza é velho e que a conseqüente competição entre ambos torna as suas vidas insuportáveis, de tal forma que muitas vezes o filho quer desembaraçar-se do pai, o que vai depois causar-lhe sentimentos de culpa.

O conto oferece também uma imagem inconsciente de um bom pai, aquele que protege de todos os perigos, o *caçador*, que não cede à ordem da *Rainha* (matar *Branca de Neve*). Por outro lado, também não cede totalmente a *Branca de Neve*, deixando-a na floresta sozinha, o *caçador* evita assim a sua morte, tentando apaziguar tanto a madrasta como a *Branca de Neve* (Bettelheim, 2002). Segundo os moldes sociais o pai tem o dever de proteger o filho, não só dos perigos exteriores, “(...) como daqueles que têm origem nas próprias tendências associadas do filho (Bettelheim, 2002, p.261). Neste sentido o

psicanalista conclui que só um amor aliado à responsabilidade por parte dos pais permite à criança integrar os conflitos edipianos.

Mas mesmo que os pais não tenham ajudado os filhos nessa tarefa fulcral, “Antes que a vida feliz possa começar, os aspectos maus e destrutivos da nossa personalidade tem de ser por nós controlados” (Bettelheim, 2002, p. 271). No caso da *Branca de Neve a maçã* simboliza a expulsão, libertação desses aspectos a expelir.

Esta é a maneira dos contos de fadas encorajaram a um mais alto sentido na vida, maior auto conhecimento, maior maturidade. Mas é necessário encorajar, pois, como adverte o psicanalista: “ as experiências de crescimento difíceis e dolorosas não se podem evitar (Bettelheim, 2002, p. 272). O conto ensina ainda, de modo indirecto, sempre, que não há motivo para reear a posição infantil porque, depois das dificuldades a criança “ (...) emergirá num plano superior e melhor, a fim de entrar num existência mais rica e mais feliz” (Bettelheim, 2002, p. 272).

A *Branca de Neve* integra problemas comuns a todas as crianças, especialmente àquelas abandonas, maltratadas, que enfrentam os mais duros sofrimentos.

O pai de Barnabé, tal como a madrasta de Barnabé, sempre foi negligente, abandonónico, irresponsável, não protector, como a criança vai-se identificar com *Branca de Neve*, isso poderá permitir a Barnabé trabalhar estas questões que são também suas.

Branca de Neve, a criança abandonada e maltratada pela madrasta, partilha do problema central de Barnabé: abandono e maltrato. É aí que *Branca de Neve* tem de enfrentar dificuldades, o tempo do crescimento emocional, ao contrário dos *anões* que não crescem e são dependentes, tal como Barnabé na instituição de acolhimento, onde o que não falta são *madrastas*. *Branca de Neve* indica que é possível ultrapassar esse sentimento de abandono e desamparo e ser feliz.

Apesar da mãe de *Branca de Neve* ter morrido, tal como a de Barnabé, e o por isso também sentir-se tão desamparado, não foi impedimento à felicidade, mas foi fonte de maiores dificuldades a ultrapassar. Além disto também Barnabé ficou com uma madrasta no período em que esteve entregue ao pai.

A questão do narcisismo é também central; no conto e em Barnabé (que tem uma desarmonia evolutiva com risco de fixação narcísica): o conto pode ajudá-lo a integrar a fragilidade e a importância simultâneas do narcisismo, pois nenhuma criança se identificará com a *madrasta*.

A questão edipiana do pai se sentir ameaçado pelo filho e de isto levar ao desejo do filho de livrar-se dele é uma situação que pode ter-se passado com Barnabé. Sabe-se que ele fugiu várias vezes, não só da instituição mas também de alguns elementos da família, não se sabe se isso terá acontecido também em relação ao pai, o que se sabe é que o seu pai nunca o protegeu dos perigos exteriores (pelo contrário, expôs o filho a perigos vários), nem dos próprios comportamentos de Barnabé. O que parece aqui essencial reter é o facto de o crescimento emocional depender do controlo das pulsões, do *id*, da nossa personalidade, e que isso dói, mas vale a pena, para que “ (...) a vida feliz possa começar (...) ” (Bettelheim, 2002, p.272).

Bettelheim (2002) não trata directamente *O Patinho Feio*, conto de Hans Christian Anderson. Contudo alguns pontos podem ser referidos para reflexão.

Primeiro, como demonstrou Propp (1928, citado em Gotlib 1988) os contos de fadas apresentam uma estrutura similar, e *O Patinho feio* não é excepção. Começa com a apresentação de um problema (ser feio ou ser visto como feio, ser rejeitado, abandonado), depois segue todo um percurso de luta e sofrimento procurando um porto seguro e, finalmente, o encontro com um “lugar” (para além da dimensão física, é claro), onde é aceite e reconhecido com uma existência plena e feliz.

De facto, o próprio Bettelheim (2002) mesmo não tendo tratado directamente este conto, acaba por fazê-lo indirectamente. O psicanalista refere: “Em alguns contos, o herói tem de procurar, viajar e sofrer anos de uma existência solitária antes de encontrar, salvar e juntar-se a alguém numa relação que dê sentido permanente à vida de ambos” (p. 255). É o que acontece com o *Patinho feio*, rejeitado e abandonado, só depois de um longo percurso de solidão, desamparo e muito sofrimento, consegue encontrar a felicidade, descobrindo que, afinal, nunca a sua diferença nada tinha a ver com fealdade, pelo contrário.

A isto, metaforicamente, Cyrulnik (2000) em *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*, chama de resiliência, servindo-se da belíssima história de *O Patinho feio* para tratar e desenvolver o tema da resiliência (*processo que permite o retomar de um dado desenvolvimento apesar de um traumatismo e em circunstâncias adversas*), acrescentando que o próprio Anderson serviu-se deste conto e de algumas mulheres na vida para retornar ao desenvolvimento, apesar das adversidades.

Cyrulnik (2003) refere que as crianças que conseguem transformar-se em adultos resilientes são aquelas que foram ajudadas a dar sentido às suas feridas. O trabalho de resiliência constitui em lembrarem-se dos choques para fazerem deles uma representação de imagens, de ações e de palavras para interpretar a fenda traumática. Em *O Murmúrio dos Fantomas* (Cyrulnik, 2003) o autor trata *Os contos como pilar de resiliência*.

A história do *Patinho* é também a de Barnabé: maltratado, abandonado, deixado na instituição. Barnabé tem passado por circunstâncias muito dolorosas na busca incessante de um lugar para ser: uma família, desejo que ele sempre demonstrou, (mesmo antes de conhecê-lo, refira-se relatório psicológico de 2004 onde foi administrado o Roberts Aperception teste), que saiba amar e cuidar, onde possa crescer feliz e saudável.

IV - Elementos contratransferenciais

Sensação de que ocorriam pensamentos, associações, identificações, muito importantes na mente de Barnabé. As suas expressões de atenção, admiração, o fazer questão de saber onde vai a história no livro, o constante perguntar “o que é isso” (palavras que não percebia) ajudaram-me a fazer uma leitura expressiva, pausada e muito concentrada na história e nas expressões de Barnabé.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Cyrulnik, B. (2000). *Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa:

Instituto Piaget.

Cyrulnik, B. (2003). *O Murmúrio dos Fantasmias*. Lisboa: Temas e Debates.

Gotlib, N. (1988). *Teoria do Conto*. São Paulo: Editora Ática

Anexo 15

7ª Sessão

05/07/2007

I - Contexto social do contacto com a criança anterior à 7ª sessão

Como já referi, descrevo os momentos que antecedem a sessão quando parecem relevantes. Cinco minutos antes da hora marcada para a sessão Barnabé entra no Gabinete Médico (local onde me encontrava a conversar com o assistente social Dr. J.) e diz:

B.: Quero telefonar!

Dr. J.: Agora não pode ser.

B.: Mas eu quero....

E. P.: Hoje temos conversa marcada...

B.: Não temos nada, não marcamos...

E. P.: Pensei que já não fosse necessário, tem sido sempre às quintas.

Dr. J.: Vai conversar com a Dra. Florência e depois telefonas. (Acena com a cabeça sim).

Síntese da 7ª Sessão

II – Contexto da 7ª sessão

15h05 às 15h55

Materiais: Revistas de banda desenhada e livro de contos de fadas.

Objectivo da sessão: Continuação da técnica de leitura dos contos de fadas (Bettelheim, 2002).

Técnicas e procedimentos: Leitura de *A menina de cabelos de oiro e os três ursos* (originalmente *Goldilocks e os três ursos*). *Livre associação de ideias*.

III - Observação Clínica

Assim que entramos na biblioteca perguntei:

E. P.: A quem queres telefonar?

B.: À minha prima que tá no Algarve...

Enquanto isto folheava uma revista de banda desenhada do *Homem - aranha*.

E. P.: Que queres fazer hoje?

B.: Eu? Ver as revistas...aqui não há água?

E. P.: Não.

B.: Porquê?

E. P.: Não sei, mas há lá em baixo, como sabes.

B.: Estamos a morrer à sede...

E. P.: Quem?

B.: Eu.

Sugiro que escolha um conto para lhe ler. Escolhe *A menina de cabelos de oiro e os três ursos* e acrescenta “foi esta” (aponta para a capa do livro de contos de fada que tem uma imagem da *Branca de Neve*).

E. P.: Foi esta, o quê?

B.: Que leste no outro dia.

E. P.: Pois foi.

Barnabé manteve-se novamente muito quieto na cadeira, debruçado, com os olhos fitados no texto e imagens que eu ia apontando enquanto lia.

No final, levanta-se bruscamente, não dando oportunidade para refletir o conto.

B.: Vou lá em baixo buscar outro (e canta “Alguém se sentava na minha cadeira, alguém comeu a minha papa, disse o urso bebe e começou a chorar”).

O que Barnabé cantava referia-se ao conto que acabara de ouvir, com a alteração de que os ursos não choraram nem ficaram tristes por alguém lhes ter comido o mel, pelo contrário, rapidamente arranjam uma solução e tudo acabou bem. Estaria aqui Barnabé a tentar introjectar conteúdos do conto ouvido, tarefa impedida/influenciada/distorcida pela carência afectiva, pelo sentimento de abandono?

A menina dos cabelos de ouro e os três ursos trata de uma menina intrusa à procura de si própria que entra na casa de uma família com papéis identitários muito bem definidos: urso – mãe, urso – pai e urso – bebé urso.

O número 3 é a figura central neste conto. Segundo Bettelheim (2002) o algarismo refere-se a sexo (não em termos de acto sexual mas ao nível da descoberta de quem somos biologicamente), representa as relações dentro da família nuclear e os esforços para saber como cabemos dentro dela, quem é a pessoa mais importante da nossa vida, a procura da nossa identidade pessoal e social, a rivalidade fraternal.

Uma vez mais estes temas são muito íntimos a Barnabé.

Uma das situações que foi possível detectar na análise das respostas dadas no *CAT* foi a inibição da fantasia quando em situações familiares não era evidente o que se estava a passar (prancha em que aparecem duas camas; uma com duas formas de corpos cobertos

por uma manta e outra com dois coelhos). Penso que isto pode ser visto como dificuldade em fantasiar as relações em família pelo facto de nunca as ter presenciado de uma forma consistente.

Depois, uma das hipóteses que foi levantada em relação à morte de personagens que representam o filho ou a figura com quem Barnabé se identifica relaciona-se com a ideia do sentimento de culpa e, neste sentido, a morte funcionaria como restituição da justiça, diminuindo assim a tensão sentida por Barnabé.

Esta culpabilidade pode ser de expiação do Édipo, afinal qual a criança que não espia os pais pela fechadura da porta ou mexe nos objectos dos pais na ausência deles, ou uma hipótese mais grave em termos psicopatológicos: sentir culpa pela morte da mãe.

De qualquer forma o que aqui interessa é que Barnabé pode rever-se na personagem de *A menina dos cabelos de ouro e os três ursos* que espia pela fechadura da porta da casa dos ursos e depois mexe em tudo, parte a cadeira de comer do urso bebe (rivalidade fraterna), come as papas dos ursos, etc.

Estas identificações podem facilitar a compreensão das relações familiares e todos os seus enredos de forma a normalizar as situações que lhe provocam culpabilidade e dor.

Barnabé voltou com outra revista de banda desenhada do *Homem - aranha*.

E. P.: Mas isso não é um conto é banda desenhada...

B.: Pois é...

E. P.: De qualquer forma temos de terminar porque hoje já é tarde.

B.: Tá bem...

III - Análise do conto *A menina de cabelos de ouro*³ escolhido para leitura e reflexão associativa com as relações familiares de Barnabé e consigo próprio

A menina dos cabelos de ouro e os três ursos trata de uma menina intrusa à procura de si própria que entra na casa de uma família com papéis identitários muito bem definidos: urso – mãe, urso – pai e urso – bebé (Bettelheim, 2002).

Bettelheim (2002, p.272) começa por diferenciar este conto dos outros porque não tem um final feliz, não oferece solução aos conflitos, não há um desfecho feliz. Por outro lado, continua o educador e psicanalista, “(...) é um conto muito cheio de sentido porque lida simbolicamente com alguns dos mais importantes problemas de crescimento da criança: a luta com situações edípicas; a procura da identidade; e a rivalidade fraterna”.

O número 3 (mãe, pai e filho) é a figura central neste conto. Segundo Bettelheim (2002) o algarismo refere-se a sexo (não em termos de acto sexual mas ao nível da descoberta de quem somos biologicamente), representa as relações dentro da família nuclear e os esforços para saber como cabemos dentro dela, quem é a pessoa mais importante da nossa vida, a procura da nossa identidade pessoal e social, a rivalidade fraternal.

Em *A menina de cabelos de ouro* trata-se fundamentalmente do problema da identidade, da busca de identidade. *Os três ursos* não tem problemas de identidade, como diz Bettelheim (2002), cada um sabe exactamente a sua posição em relação aos outros membros da família. Trata-se de uma família bem integrada e a *menina* é a intrusa à procura de si própria, experimentando os diversos papéis, para assim descobrir quem ela é.

Barnabé pode rever-se na personagem de *A menina dos cabelos de ouro e os três ursos* que espia pela fechadura da porta da casa dos *ursos* e depois mexe em tudo, parte a cadeira de comer do urso bebé (rivalidade fraterna), come as papas dos ursos, etc.

³ Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar, Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa, Bertrand Editora, pp. 272-284.

Estas identificações podem facilitar a compreensão das relações familiares e todos os seus enredos de forma a normalizar as situações que, eventualmente, lhe provocam culpa e dor e, acima de tudo a incentivar a busca da sua própria identidade.

IV- Elementos contratransferenciais

A situação em que Barnabé diz “Porque estamos a morrer à sede” referindo-se apenas a ele é um comportamento que já se repetiu fora do contexto das sessões. Dificuldade em interpretar esta verbalização, para além das óbvias angústias de morte.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Anexo 16

8ª Sessão

09/07/2007

Síntese da 8ª sessão

I - Contexto da 8ª sessão

16h00 às 16h50

Materiais: Livro de contos de fadas, folhas de papel branco e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Continuação da administração da técnica de *leitura de contos de fadas* de Bettelheim (2002) e do jogo *Squiggle*.

Técnicas e procedimentos: Seguimento da sugestão de Barnabé para jogar ao *Squiggle* (Winnicott). *Livre associação de ideias*.

II - Observação Clínica

Barnabé encontra-se muito bem-disposto enquanto canta “Vou para casa quarta, vou para casa quarta”.

Pega num lápis vermelho e numa folha e começa a desenhar. Depois diz: “Vamos és tu”. Transformei o seu tracejado numa casa. E Barnabé apressadamente pediu: “deixa-me escrever casa”.

Desta vez Barnabé não quis seguir as regras e fez questão de ser sempre ele a começar o jogo.

No *Squiggle* salienta-se uma menina e um coração (desejo de realização amorosa), uma cobra (elemento fálico) e uma casa (necessidade de protecção).

A partir de determinada altura começou, além de iniciar sempre os desenhos, a terminá-los sozinho. Então sugeri, com o objectivo de consciencializá-lo de que estava a jogar sozinho, que fizesse um desenho sozinho, uma mulher.

B.: Não sei....

E. P.: Podes desenhar o que souberes.

Demorou muito tempo a desenhar a mulher, uma mulher com um aspecto bizarro com um coração gigante centrado no peito. Este tipo de grafismo pode estar relacionado com a falta de convivência com mulheres, especialmente com a sua mãe.

Não foi possível continuar com a técnica de narração dos contos, pois Barnabé deu um rumo diferente ao encontro assim que entramos na biblioteca.

Em relação ao *Squiggle* a produção mais importante parece ter sido a casa, alias há uma tendência a transformar muitos tracejados em casas. O que confirma a centralidade do desejo de Barnabé em voltar para casa, uma casa, porque na verdade Barnabé sempre andou por várias casas e dificilmente perceberá qual é a sua verdadeira casa.

III - Elementos contratransferênciais

Forte sensação de impotência. Sinto muitas vezes que não consigo identificar nem compreender o que Barnabé pretende comunicar.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Anexo 17

9ª Sessão

03/09/2007

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 9ª sessão

Na sala de televisão:

E. P.: Olá!

B.: Olha...voltaste?

E. P.: Sim, tal como tinha dito.

B.: Vamos lá para cima? (refere-se à biblioteca, local das sessões)

E. P.: Sim vamos.

Síntese da 9ª sessão

II – Contexto da 9ª sessão

17h50 às 18h20

Materiais: Revistas de banda desenhada, livro de contos de fadas, folhas de papel branco e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Tomar conhecimento do estado psico-emocional de Barnabé após férias de Verão e aprofundar relações familiares.

Técnicas e procedimentos: *Squiggle* (Winicott). *Livre associação de ideias*.

III - Observação Clínica

Barnabé começa a folhear livros e, de repente, faz um gesto onde descai o corpo, num dos seus faz-de-conta preferido, sobre a mesa, e diz: “morri”.

E. P.: E quem és tu?

B.: A minha avó! Tou a brincar.

Enquanto folheava revistas, tentei saber como tinham corrido as férias.

Barnabé contou que foi para a casa da tia e dos avós em Aveiro e depois para o Algarve, onde estive com as primas de quem gosta muito. Foi à praia e brincou muito com as primas.

Percebi que estava a fazer grande esforço para contar como foram as férias e sugeri o *jogo dos rabiscos*, que ele imediatamente aceitou e iniciou, enquanto assobiava.

Transformei uma onda numa montanha com uma estrada. Barnabé fez questão de escrever, pedindo a minha ajuda, montanha e disse: “Passei por uma montanha destas para Aveiro”.

Depois, fiz meio círculo que ele imediatamente transformou numa face de um menino.

Seguiu-se outro tracejado ondulatório que sugeria novamente uma montanha. Transformei-o num simpático animal que denominei “bicho”.

Depois disto seguiu-se uma série de quase 10 transformações em que Barnabé pôs a criatividade a funcionar e consegui transformar todos os tracejados em letras. Segui a sua tendência.

Depois de alguns tracejados e correspondentes transformações, Barnabé não quis jogar mais.

E. P.: Queres fazer um desenho sozinho?

B.: Não. Vou buscar outros para tu leres.

E. P.: Podemos conversar?

B.: Não.

E. P.: Porquê?

B.: Porque tou cansado de conversar.

E. P.: Com quem?

B.: Com Jesus, ele disse que sou feio mas depois o palhaço morreu...Vamos embora.

E. P.: Mas tu não és feio, pelo contrário. Vamos.

Esta é a segunda vez que, depois de um período de férias, Barnabé não quer conversar sobre essas férias. Acresce-se, desta vez, a referência a Jesus que virá, muito provavelmente da avó.

Enquanto descíamos as escadas repete incessantemente: “Porque sou feio, porque sou feio, porque sou feio”.

IV - Elementos contratransferênciais

Sentimento de que não deveria ter insistido para conversar e receio das consequências que poderão advir daí.

Em relação ao *Squiggle*, penso ter surgido um novo elemento importante além daqueles relacionados com Aveiro e com a sua casa e com o desejo de realização amorosa: as letras.

Anexo 18

10ª Sessão

11/09/2007

Síntese da 10ª Sessão

I - Contexto da 10ª sessão

13h45 às 14h35

Materiais: Folhas brancas, lápis de cor e livro de contos de fadas.

Objectivo da sessão: Continuação da administração da técnica de Bettelheim, desenvolvimento da relação terapêutica.

Técnicas e procedimentos: Leitura de *João e o pé de feijão* e *O Gato das botas*. *Livre associação de ideias*

II - Observação Clínica

Perguntei a Barnabé se sabe quantas vezes estivemos juntos.

B.: Dez!

E. P.: É verdade esta é a décima vez que estamos aqui. Gostava que me disseses o que achas destes encontros....

B.: Acho fixe, brincamos, posso fazer o que quero, és gira, bem-educada e ensinas...contas-me uma história?

Entretanto pega numa folha branca e faz vários riscos em forma de ondas com diversas cores, depois faz outro semelhante e diz:

B.: Pega é para ti!”

E. P.: Obrigada, vou juntar aos teus desenhos.

E. P.: Claro. Qual?

B.: Em primeiro esta (*João e o pé de feijão*) e depois....(folheia o livro) esta (*O Gato das botas*⁴).

Interpretei a doação dos desenhos como uma espécie de *acting out* pois na sessão anterior tinha-lhe perguntado se queria fazer um desenho.

Foi possível, através de várias situações, verificar que muitas vezes o Barnabé diz “Não sei”, “Não me lembro” ou “esqueci-me”. Uma das hipóteses explicativas que coloco é a recusa em pensar. Se a resposta acertada acerca da 10ª sessão não foi acaso, talvez haja razões para pensar que as “falhas de memória” sejam causadas pela falta de esforço cognitivo, e não por outras razões, como por exemplo o baixo nível de quociente de inteligência diagnosticado.

⁴ Embora Bettelheim não analise o conto *O Gato das botas* é possível estabelecer pontos em comum, nomeadamente a ideia de que mesmo os mais fracos recebem ajuda quando necessitam. O gato enriquece o dono, com muita esperteza, passando de um mero gato herdado para o protagonista do conto.

Os momentos em que leio os contos que Barnabé escolhe são distintos de todos os outros. Como já disse em registos anteriores, Barnabé mantém-se sentado, quieto, debruçado sobre a mesa e o livro, o que eu interpreto como um envolvimento genuíno e interessado nas narrativas que ouve.

Uma vez mais o conto trata de assuntos muito importantes para Barnabé, principalmente livrar-se da visão de um pai destruidor, que o abandonou. Por outro lado, demonstra também como os filhos se podem tornar independentes das mães, mesmo quando parece não haver condições para isso. A rapidez com que escolhe outro conto diz-me que não consegue ainda falar sobre aquelas coisas, ainda difíceis de pensar, ele, a mãe. Mesmo assim dá-me tempo para dizer e ouvir: “Mas que corajoso este João, parecia meio estúpido e fraquinho mas veio a saber-se que é um valente, até conseguiu livrar-se do Gigante!”.

Em relação ao conto *o Gato das botas*, no final da leitura diz: “Eu nem sei escrever gato das botas”...nem o abecedário...

E. P.: Claro que sabes, queres ver? Eu escrevo aqui, tu vês como é e fazes igual. Pega uma folha e uma caneta e escreve, não sejas preguiçoso, que eu sei que se quiseres escreves.... (gato das botas, escrito).

Copiadas as letras e as palavras:

B.: “Estás preparada? Vou contar uma história...”

E. P.: Ok! Sou toda ouvidos, posso escrevê-la, para depois pôr na tua capinha?

B.: Sim...

B.: Chama-se História inventada pelo Barnabé. Era uma vez O Barnabé chamava-se Gato das botas. E um dia arranjou uma namorada chamada Rita e depois casou-se e viveu para sempre”.

Levanta-se e procura revistas que folheia enquanto canta uma melodia sem letra.

E. P.: Imagino que a Rita seja muito bonita e o gato das botas tenha sido muito feliz com ela, principalmente depois do que ele passou, não passava de um simples gato herdado e agora é o protagonista da história...

B.: Iá, iá...

Entendi esta verbalização como um aviso de que não quer conversar sobre a história, preferindo deixar as coisas assim; o sentimento de realização amorosa idealizado, o sentimento de criatividade proporcionado pela “invenção” da história, e o registo escrito feito por mim de sua história que parece conferir-lhe um sentimento reparador.

III - Análise do conto *João e o pé de feijão*⁵ escolhido para leitura e reflexão associativa com as relações familiares de Barnabé e consigo próprio.

O conto *João e o pé de feijão*, segundo Bettelheim (2002), trata de uma mãe impreparada para permitir que o filho fosse independente e de um filho corajoso que percorre um longo caminho para alcançar a maturidade. Considera-se aqui que, para desistir da dependência oral é necessário que a criança encontre segurança numa crença não realista. Aliás, o autor sugere que a segurança é mais facilmente encontrada se a crença for fantástica, se tiver a ver com aquilo que o seu corpo e respectivos órgãos conseguem fazer pela crença. Neste conto João troca uma vaca por três feijões mágicos que, depois de plantados, resultam num enorme feijoeiro. É ao subir o pé de feijão que João vai travar várias lutas pela sua independência. A mãe dá-lhe um castigo mandando-o para a cama sem jantar (oralidade) por ter feito uma troca tão estúpida. Ao trepar o pé de feijão (forma fálica) está a alcançar a genitalidade. Aí encontra um papão que representa a visão de um pai destruidor e devorador que ele consegue vencer ao derrubar com um machado o pé de feijão impedindo assim que o papão o apanhasse.

⁵ Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar, Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa, Bertrand Editora, pp. 233 - 245

Derrubar o pé de feijão com um machado é também renunciar à magia do poder do falo, necessária até agora, como meio de obtenção de todas as coisas boas da vida. Assim João torna-se um homem.

O gigante da vida de Barnabé parece ser o pai, abandonado, negligente, não protector, que se torna, apesar de toda a dor e complexidade em aceitar isso, um pai bloqueador, que impede o crescimento emocional.

A mulher do Gigante ajuda João a esconder-se, tal como o útero da mãe protege o filho dos perigos, e tal como a mãe de Barnabé, que parece manter-se com uma boa imago nele, o protegeu enquanto viveu.

Este conto recai novamente no maior desafio de Barnabé, que é sugerido através do percurso de João: “ (...) a auto-afirmação social e sexual do púbere (...)” (Bettelheim, 2002, p.234), livrando-se das antigas determinantes dos pais, ou no conto, da mãe e do gigante.

Como diz bettelheim (2002, p.238) “A infância acaba quando a crença numa ilimitada fonte de amor e nutrição prova ser uma fantasia irrealista”.

Penso que o desejável, também para Barnabé, é que consiga realizar essa dolorosa tarefa que é libertar-se de um pai que não o ajuda a crescer, pelo contrário.

IV- Elementos contratransferênciais

Sentimento de gratificação pelo facto de Barnabé ter finalmente exteriorizado algo acerca do que ouviu e transformado isso numa outra produção narrativa, feita por si. Penso que ele conseguiu retirar a ideia mais importante do texto (necessidade de se tornar forte, independente, sentir-se querido e amado) e que é absolutamente determinante para o seu desenvolvimento.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Anexo 19

Anexo 20

Anexo 21

11ª Sessão

17/09/2007

Síntese da 11ª Sessão

I - Contexto da 11ª sessão

17h00 às17h45

Materiais: folhas de papel branco e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Continuação de estimulação de sentimentos e emoções. Reforço positivo pela capacidade de sentir.

Técnicas e procedimentos: desenho de faces representando principais sentimentos.
Livre associação de ideias.

II - Observação Clínica

Barnabé ficou no 1º andar, dos dois andares da biblioteca (as sessões costumam ocorrer no 2º andar), a folhear revistas. Entretanto subi e aguardei. Passaram-se 15 minutos sem que Barnabé tenha dito alguma coisa. Desci e perguntei se não queria subir e fazer alguma coisa comigo.

B.: Quero, só estou a arrumar os livros do *Homem – aranha*.

E. P.: Ok, espero por ti lá em cima.

Depois disto, Barnabé não demorou e subiu sem qualquer revista a cantarolar uma música sem letra.

E. P.: Como te sentes?

B.: Não sinto.

E. P.: Como pode isso ser?

B.: Não sei...

E. P.: Vou desenhar 4 faces e quero que me digas como elas estão.

Desenhei 4 faces correspondentes a 4 estados psicológicos: alegre, triste, zangado e assustado. Barnabé identificou sem qualquer dificuldade os sentimentos nas faces. Uma vez mais, o Barnabé não tem as dificuldades que às vezes aparenta. Evita pensar, sentir, enfim, defende-se de coisas que o magoam e às vezes dos seus próprios sentimentos, como parece ter sido o caso.

O Barnabé estava diferente, como se quisesse dizer alguma coisa mas por qualquer razão não o fizesse. Passou o resto da sessão a folhear revistas de banda desenhada, olhando para mim de vez em quando, como quem tenta verificar se ainda lá estou.

Depois da sessão perguntei ao assistente social Dr. J. se tinha conhecimento de ter acontecido alguma coisa não habitual a Barnabé. Soube então que Barnabé faz 11 anos no

próximo sábado e que habitualmente comporta-se muito mal nos dias anteriores a esta data. No ano passado fugiu com um dos seus colegas e foi encontrado pela polícia em Aveiro. Soube-se depois que ambos tinham conseguido entrar no comboio sem serem vistos pelo revisor e que conseguiram assim chegar a Aveiro.

Um dos mecanismos de defesa mais verificado em Barnabé, desde logo na 1ª sessão, é o *evitamento*. Situação que interpreto ter-se passado na sessão de hoje. Quando se encontra mais angustiado é comportamento habitual recusar sugestões e colar-se a folhear revistas, apesar de não querer ir embora.

Portanto parece que se sente seguro no contexto terapêutico, mesmo que ameaçado por assuntos que o angustiam.

III - Elementos contratransferênciais

Dificuldade em manter o silêncio.

Anexo 22

12ª Sessão

25/09/2007

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 12ª sessão

Barnabé fez 11 anos no dia 22 de Setembro, ocasião que o deixa muito ansioso e angustiado, perante a possibilidade de ninguém se lembrar dele. É uma situação em que foge da instituição com maior probabilidade, assim como outros comportamentos transgressores, que, obviamente, têm o objectivo de pedir ajuda, chamar a atenção, dizer “estou aqui”.

A tia de Barnabé pediu a uma amiga para ir buscar Barnabé e levá-lo a Aveiro passar o seu aniversário. Pude observar a excitação e o contentamento que a circunstância provocou em Barnabé, dar-lhe dois beijinhos e desejar-lhe um feliz aniversário.

No dia 21 encontrava-me no átrio do Lar a conversar com o assistente social Dr. J. sobre um fax que o Gabinete Social recebeu da tia de Barnabé com um nome, um contacto e a seguinte frase: esta é a responsável pelo Barnabé. O assistente perguntava-me se conhecia aquele nome e o que significaria tal fax. O Barnabé nunca referiu aquele nome nas sessões. O assistente telefonou então à tia de Barnabé para tentar esclarecer o fax. Esta disse-lhe que era uma amiga sua que iria buscar o Barnabé às 20 horas para levá-lo a passar o aniversário.

Entretanto, entra Barnabé a correr enquanto gritava “Quero telefonar, quero telefonar”. O Dr. J. tentou acalmá-lo dizendo que tinha boas notícias para ele mas que tinha de ficar mais calmo.

Barnabé dirige-se a mim e pede:

B.: Oh...diz-me, diz-me...

E. P.: O Dr. J. vai já dizer-te. Tenho de ir embora, se não nos virmos antes feliz aniversário, espero que te divirtas muito....

B.: Ei...como é que sabes??!

B.: Pela tua data de nascimento e pelo Dr. J. que acabou de me dizer que tu amanhã fazes anos...

O assistente disse-lhe para pedir a um educador para lhe preparar uma mochila para o fim-de-semana, porque logo vinha uma amiga da tia buscá-lo para levá-lo a passar os anos a Aveiro com a tia e os avós.

B.: Quando hoje? A que horas? A sério?

E. P.: Deixa-me dar-te dois beijinhos, bom fim-de-semana e feliz aniversário.

No dia da sessão (25 de Setembro) estava já na hora marcada e o Barnabé não estava na sala de estudo, de televisão ou no campo de jogos. Estava no Gabinete da Directora a mostrar-lhe a roupa nova e a dizer-lhe que era desta que ia para casa.

Síntese da 12ª Sessão

II – Contexto da 12ª sessão

18h15 às 19h05

Materiais: Folhas brancas e lápis de cor, tesoura e um frasco.

Objectivo da sessão: Tomar conhecimento do estado psico-emocional de Barnabé depois do fim-de-semana em família.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*, desenho.

III - Observação Clínica

Barnabé entrou na biblioteca a dizer:

Tive com o meu pai e desta vez vou para casa de vez...ele vai pedir ao juiz para deixar ir viver com ele...tas a ver isto? (aponta para a roupa que trazia vestida) foi o meu pai que me deu e agora vai para lavar...

E. P.: Que bom! Estás muito asseado e giro! E os ténis, também são novos?

B.: Também...

E. P.: Como está o teu pai?

B.: Está bem.

E. P.: Não o vias há muito, não é?

B.: Não sei.

Como é mais ou menos habitual Barnabé não consegue manter uma conversa durante muito tempo. Senti que esta resposta foi apenas para evitar a conversa e decidi então confrontá-lo.

E. P.: Barnabé, já estivemos aqui 12 vezes, temos brincado, feito desenhos, mas conversado muito pouco, está na hora de olhares nos meus olhos, como eu sempre olho para os teus, e falares da tua vida, não achas?

Olhou para os meus olhos em silêncio de um modo tão intenso que me senti incomodada mas consegui não desviar o olhar e prossegui:

E. P.: Foi o teu pai que te disse isso?

B.: Não foi a minha avó...

E. P.: E como correu o fim-de-semana? O que fizeram?

B.: Muita coisa. Em primeiro fui para a casa da amiga da minha tia, a Susana, depois ela levou-me à casa da minha tia e jantei lá. No Sábado de manhã fomos à praia, depois fomos comer à casa dos meus avós e o meu pai estava lá e recebi presentes e a minha avó disse que o meu pai vai pedir ao tribunal para eu ir para casa...

E. P.: O teu pai tinha uns problemas não tinha?

B.: Não.

E. P.: Barnabé, sabes que estas coisas do tribunal demoram tempo, não sabes?

B.: Sei...

E. P.: Mas o que mais importa agora é que passaste um fim-de-semana divertido com a tua família, festejaste o teu aniversário, recebeste prendas e estiveste com o teu pai. Tudo isto é sinal que eles estão preocupados contigo e têm saudades tuas, não achas?

B.: (silêncio)...Também tive a brincar com o filho da minha tia Marisa...

E. P.: Teu primo, portanto...

B.: Sim.

E. P.: Como se chama?

B.: Não sei...

E. P.: Estou muito contente pelo fim-de-semana que tiveste e por teres festejado o aniversário com a tua família.

B.: Pois também eu...não tens tintas?

E. P.: Que tintas?

B.: Aquelas do *Sitarte*...queria pintar isto (frasco em vidro).

E. P.: Não, mas tenho papel e lápis de cor.

B.: Vais lá em baixo buscar uma tesoura e fita-cola enquanto eu faço aqui uns enfeites?

E. P.: Sim.

Quando voltei Barnabé tinha desenhado vários corações vermelhos numa folha branca e preenchidos os espaços entre os corações de amarelo.

B.: Corta isto (a folha já enfeitada) pela medida disto (do frasco).

Ajudei-o a recortar a folha e a colar o papel à volta do frasco.

B.: Agora falta aqui (tampa do frasco).

E. P.: Ok, eu faço um círculo e tu recortas, ok?

B.: Oh não faz tu...

E. P.: Sozinha?

B.: Não, eu seguro.

E. P.: Bem vamos ver se entramos num acordo. Eu desenho um círculo do tamanho da tampa, tu desenas um enfeite no círculo e tu seguravas no frasco enquanto eu colo. Que dizes?

B.: Tá bem... (expressão de quem não tem outra escolha e portanto aceita).

B.: Já está!

Depois de fazer um rabiscos de cores várias sem direcção (uma espécie de emaranhado de riscos e cores) diz:

B.: “Vou-te contar uma história...

B.: O Barnabé e a Raposa

B.: Era uma vez quatro anõezinhos que viviam juntos a nós. E depois o Barnabé teve um acidente de camião. E depois o Barnabé foi para o hospital e depois não foram a tempo e o Barnabé morreu. E a raposa chorou e depois queria-se matar e a polícia não foi a tempo e a raposa morreu”.

Sem dar tempo a qualquer reflexão disse: “Agora vou-me embora, xau”. Esta história parece revelar a confusão mental e dilaceração afectiva em que o deixou este fim-de-semana. Parece haver uma ambiguidade muito grande, idealização por um lado (p. ex.: voltar para casa; é idealizado o pai - que sempre foi abandonico e negligente – e a sua própria situação familiar, altamente desorganizada e complexa) e fortes angústias de morte, sentimentos catastróficos de abandono e separação.

IV - Elementos contratransferênciais

A visível alegria de Barnabé emocionou-me por um lado e fez-me temer por ele, por outro.

Anexo 23

13ª Sessão

16/10/2007

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 13ª sessão

Barnabé encontrou-me quando regressava da escola e disse: “Preciso falar contigo com urgência!”. Combinámos ir chamá-lo à sala de estudo assim que possível.

Síntese da 13ª Sessão

II – Contexto da 13ª sessão

18h00 às 18h55

Materiais: Livros de histórias e contos, folhas brancas, caneta.

Objectivo: Conhecer o motivo do pedido de sessão antecipado. Estimulação da fantasia, desenvolvimento da criatividade, da capacidade de simbolizar.

Técnicas e procedimentos: *Leitura de contos, leitura a dois*, produção narrativa por Barnabé. *Livre associação de ideias a partir dos contos lidos*.

III - Observação clínica

Barnabé chega à sessão e diz: “Que vamos fazer hoje?”. Devolvo-lhe a pergunta, lembrando que tinha dito que precisava falar comigo com urgência. Barnabé fica em silêncio e percebo que o apelo “preciso falar contigo com urgência” deveria ser interpretado como algo do género “quero ir contigo lá para cima” (expressão utilizada algumas vezes). Pergunto: “Porque achas que só podes vir cá se estiveres “com urgência”, como disseste?”. “Quero estar aqui um bocadinho contigo”, respondeu com expressão de quem espera reprimenda. Digo-lhe que pode estar comigo sempre que quiser nas datas e horários que reservo para vir ao centro, como costumo dizer-lhe. Foi então que percebi que Barnabé estava chateado porque não reagiu ao facto de não ter vindo à sessão da semana passada. Barnabé encontrou-se muito ansioso, fazendo perguntas que revelaram ainda muita insegurança no contexto terapêutico, apesar da repetição de conteúdos essenciais ao sentimento de confiança na relação (em relação ao seu lugar nas relações que tenho no Lar, em relação à minha disponibilidade para a nossa relação, em relação ao meu interesse e afecto genuínos por ele).

B.: Vou buscar uma história para tu leres...

E. P.: Ok, eu vou contigo.

Trouxe vários livros e escolheu *A competição de carrinhos*. O livro tinha 10 carros numerados e 1 a 10.

B.: “Não sei contar até 10”.

Na verdade, o Barnabé sabe contar até 10 como também sempre soube ler mais do que mostra. Por outro lado, é bastante visível que por vezes seu raciocínio bloqueia. O mesmo se passou com a relação com a escrita; algumas coisas nunca tinham sido aprendidas, outras estavam “fechadas a sete chaves”. Penso que foi a confiança e esperança,

que os contos enquadrados na relação terapêutica fornecem, que encorajaram Barnabé nesse “segundo nascimento”; o “nascimento da palavra” (Cyrulnik, 2004).

Na sessão de hoje, Barnabé demonstrou que sabe os conteúdos que eu quero que ele saiba (é claro que nunca lhe disse, mas todos os adultos querem que as crianças aprendam), talvez para se aproximar de mim porque pensa que estou “zangada” por ele não ter vindo à última sessão. A minha hipótese é a de que não veio à sessão com o objectivo de testar a relação. Como o Barnabé foi o 1º menino do grupo da primária que eu comecei a acompanhar, sempre se sentiu especial. Desde que comecei a acompanhar o restante grupo Barnabé voltou a colocar, com maior frequência, a relação em causa: “Já não sou teu amigo”, “Não sou mais teu amigo”, são algumas das coisas que diz quando não é possível ceder aos seus desejos, neste caso, permanecer único.

Em síntese, penso que o facto de não vir à sessão poderá explicar-se pela tentativa de manipular a relação, mas como não verificou essa possibilidade voltou pensado que estava zangada e adoptando, como forma de suposta reparação, atitudes e comportamentos desejados e esperados.

Depois quis que lesse *Os Três Porquinhos* e disse “deixa-me ler!”.

E. P.: “Claro”.

B.: Eu leio só esta palavra (*mas*) e tu lêes o resto...

E. P.: Combinado. Estás preparado?

B.: Sim.

Neste conto, talvez dos contos mais populares, Barnabé, pela primeira vez exteriorizou a principal ideia do conto: “o último é o melhor porque não é preguiçoso, por isso é que a casa dele não caiu”. As habitações que os porquinhos constroem simbolizam, segundo Bettelheim (2002) o progresso do homem na história. No plano psíquico a evolução que vai da personalidade dominada pelo *id* para uma personalidade influenciada pelo *superego*, mas essencialmente controlada pelo *ego*.

Sem dar tempo para reflectirmos a história diz: “Agora quero *O Patinho Feio*”. Lido o conto, sugeri: “E as tuas histórias?”

B.: “Era uma vez um patinho muito feio que ninguém gostava dele. Um dia saiu à procura da mãe mas não encontrou. Andou, andou (diz com muita ênfase, quase numa espécie de imitação das minhas leituras em voz alta de *O Patinho feio*) e encontrou uns animais que ficaram amigos do patinho feio”.

E. P.: Que história tão bonita !!! Valeu a pena o patinho ter andado tanto, agora já não está sozinho, já tem amigos! Achas que continua a sentir-se feio, agora que tem amigos?

B.: Ehhh... não sei.

E. P.: Eu acho que ele agora deve sentir-se bonito de alguma forma, porque já não está sozinho, já tem alguém com quem possa contar, alguém que o aqueça quando tiver frio e não precisa esperar que apareça um caçador para ajudá-lo a desprender as patinhas quando ficarem presas no gelo..... Vou guardar muito bem guardada aqui na tua capinha, pode ser? Assim podemos lê-la sempre que nos apetecer...

B.: Iá, iá, positivo...

É notória a progressiva interiorização da possibilidade feliz dos acontecimentos da vida, que será o mesmo que a *confiança* de que fala Winnicott e a *esperança* que aponta Bettelheim (2002), apesar da persistência das defesas. Penso que a produção narrativa acima transcrita é demonstrativa disso, particularmente se comparada com as primeiras. Contudo, e não obstante o entusiasmo que estas circunstâncias me provocam, é claro que ainda é precoce para considerar estes sinais como um anúncio da desejada reparação narcísica. De qualquer forma, esta produção não incluiu um final infeliz, como Barnabé incluiu nas primeiras verbalizações e produções escritas relacionadas com os contos.

Para me impressionar ou não (não sei se é possível distinguir rigorosamente se os benefícios terapêuticos estão mais relacionados com a relação ou com as próprias técnicas; penso que não é possível estudá-las separadas), o que é facto é que Barnabé parece cada vez mais tolerante à realidade que o frustra, e por isso também mais motivado e interessado

na realidade que se apresenta. O facto de ler e escrever cada vez mais e melhor, utilizando mais palavras, o que também se reflecte ao nível da fala, parece ser um índice bastante fiável de um crescente contacto com seus afectos e com a realidade exigente que o circunda.

E. P.: Está na hora de ir embora, ajudas-me a arrumar isto?

B.: Que quer dizer com isso, que vou morrer?

E. P.: Que vais morrer? Não que vamos embora...

B.: Você está bem enganada, vou morrer daqui a um bocado...

E. P.: Porque dizes isso?

B.: Porque a minha avó disse...

E. P.: O que é que a tua avó disse?

B.: Que vamos morrer todos...

E. P.: Dizendo isso assim até parece que vamos todos morrer daqui a um bocado, mas isso não é verdade, normalmente morremos quando ficamos velhinhos... é verdade que um dia todos morreremos...

As fortes angústias de morte continuam invadindo os diálogos e interacções, de forma abrupta e impensada. Penso que o tempo, mas um tempo estável, regado, continente que apazigúe, dê segurança (refiro-me aos parâmetros e setting terapêuticos) e ao mesmo tempo propicie a progressiva capacidade de pensar a emoção, de simbolizá-la, atenuará essas fortes angústias.

IV - Análise do conto *Os três porquinhos*⁶ escolhido para leitura e reflexão associativa com as relações familiares de Barnabé e consigo próprio

Bettelheim (2002) diz que, o que se passa no mito de Hércules (a escolha entre o princípio de prazer e o princípio de realidade) é também o que se passa neste conto.

As habitações que os *porquinhos* constroem simbolizam, segundo o psicanalista, na história o progresso do homem e no plano psíquico a evolução que vai da personalidade dominada pelo *id* para uma personalidade influenciada pelo *superego*, mas essencialmente controlada pelo *ego*.

Bettelheim (2002) explica que este conto impressiona muito mais a criança do que por exemplo *A Cigarra e a Formiga*, fábula de carácter moralista em que não há auxílio porque a cigarra rejeita ajudar a formiga.

O lobo pode simbolizar uma projecção do lado mau da criança e a história demonstra como fazer face à situação de forma construtiva (Bettelheim, 2002).

Bettelheim (2002), muito crítico em relação a alguns aspectos, como se sabe, acrescenta que este conto é de grande valor desenvolvimental, na medida em que em momento algum diz à criança o que deve fazer, respondendo portanto à crítica moral dos contos, mas dirige o pensamento da criança para o seu próprio desenvolvimento, permitindo que tire as suas próprias conclusões. Isto pôde-se verificar na verbalização que Barnabé fez no final da leitura do conto.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

⁶ Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar, Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, pp. 56 - 59

Anexo 24

14ª Sessão

25/10 /2007

I – Contexto da 14ª sessão

18h45 às 19h05

Materiais: Folhas brancas, lápis de cor, mala de materiais da *Hora de jogo Diagnóstica*.

Objectivo da sessão: Estimulação da fantasia, desenvolvimento da criatividade, da capacidade de simbolizar.

Técnicas e procedimentos: *Faz-de-conta, Livre associação de ideias*.

Síntese da 14ª Sessão

II – Observação clínica

Barnabé entrou na sala dizendo que não queria histórias, nem *jogo dos rabiscos*, nem brincadeiras; quer “desenhar coisas de natal”. Mostra-se interessado no Natal e seus rituais como se nunca tivesse vivido um Natal. Pede ajuda para desenhar uma árvore de natal e diz: “Vamos fazer aqui o nosso natal”. Começa a desenhar a árvore mas não acaba. Terminei eu, enquanto ele, por iniciativa própria, “pôs a mesa”.

É notório que Barnabé sente-se protegido pelo contexto terapêutico, o que tem facilitado a expressão de conteúdos, o desenvolvimento da criatividade e o consequente desbloqueio emocional.

Fizemos então “o nosso natal”, recorrendo ao *faz-de-conta* e a alguns materiais da mala da *Hora de Jogo Diagnóstica* (paninho que serviu de toalha de mesa, pratinhos e canecas que serviram de copos).

Barnabé “pôs a mesa”, enquanto eu acabei sua árvore de natal, recortei e afixei numa das paredes perto da mesa onde nos encontrávamos. Depois decorei uma folha de papel cavalinho com várias cores para servir de papel de embrulho.

B.: Para que é isso?

E. P.: Para embrulhar os presentes...

B.: Que presentes?

E. P.: Os presentes da nossa festa de natal...

B.: Onde estão?

E. P.: Vou inventá-los...não sabia que querias fazer uma festa de natal....

Barnabé está muito envolvido e entusiasmado com a brincadeira.

B.: Vou fazer o teu presente para ali...não podes ver...

E. P.: Boa, assim eu também faço o teu e também não podes ver, é surpresa!

B.: O quê? Oh....diz-me o que é....

E. P.: Não não, é surpresa, tal como o teu para mim...

B.: Tá bem.

Fizemos dois desenhos embrulhados no papel de embrulho que tinha previamente preparado. Embrulhados os presentes, começamos a jantar. O Barnabé demorou muito tempo a fazer o seu desenho e mais ainda a embrulhá-lo. Estava nitidamente ansioso com a brincadeira.

Depois da ceia, os presentes. Ofereci meu presente (desenhei uma estrelinha no céu muito luminosa, cuja luz estava direccionada para um menino que, pelas cores da roupa, representava o Barnabé) que ele rapidamente abriu antes de oferecer-me o seu.

B.: Este sou eu?

E. P.: Sim, desenhei o melhor que consegui...

B.: Tá fixe, tá parecido...

E. P.: Que bom! Gostaste?

B.: Sim muito. Obrigado. Pegue, este é o seu

E. P.: Obrigada, está muito bem feito o teu coração. Posso afixá-lo aqui?

B.: Agora é seu, você é que sabe...

E. P.: Então se não te importas vou pô-lo aqui.

B.: E eu, posso levar o meu?

E. P.: Claro! Sabes aquilo que dizem muito, de que o natal é quando quisermos?

B.: O quê?

E. P.: Que o natal é quando o homem quiser, porque na verdade o natal pode ser quando quisermos....

B.: Pois é, o nosso é agora.

E. P.: Pois é, e eu não vou esquecê-lo.

B.: Porquê?

E. P.: Porque achei muito giro e divertido...E tu? Gostaste?

B.: Sim, muito...

Quando os momentos de comunicação íntima são raros ganham uma força inexplicável. Com Barnabé foi sempre assim: poucos momentos de comunicação íntima mas muito poderosos ao nível terapêutico, penso. O *faz-de-conta* chegou a ser comovente, particularmente quando recebeu o meu presente (particularmente quando disse “Obrigado”) muito empenhado e envolvido nos preparativos, tal como todos nós na realidade, ou talvez mais, porque o que para eles é especial para nós é banal (um natal cheio de iguarias feitas com o melhor dos cuidados, a partilha de presentes e, principalmente, o aconchego de uma casa e um lar que sabe amar...).

O *faz-de-conta* adquiriu carácter sério, isto é, altamente simbólico; o tom queixoso de Barnabé (que ele usa normalmente quando se queixa ou quer algo), a serenidade na voz e a emoção nas palavras (por exemplo quando agradece o presente - “obrigado”) parece indicar uma resignificação feliz, ou pelo menos o acesso à vivência mental do afecto e da felicidade que ele idealiza no natal, ocasião marcada pelo abandono do pai.

Anexo 25

15º Sessão

05/11/2007

Síntese da 15ª Sessão

I – Contexto da 15ª sessão

18h15 às 19h10

Materiais: Caderno de inglês de Barnabé.

Objectivo: Continuação do desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.
Preparação de Barnabé para a ideia de “deixar de ser o único”.

Técnicas e procedimentos: Entrevista. *Livre associação de ideias*.

II - Observação Clínica

Barnabé trouxe o caderno da disciplina de inglês e pediu para ajudá-lo a fazer o trabalho de casa. A iniciativa para a realização de actividades tem-se revelado crescente nas últimas sessões. Vejo o acto de ter trazido para a sessão material escolar como o resultado do desenvolvimento da relação terapêutica. Barnabé está seguro e determinado a continuar a investir na produção da escrita e da leitura e faz questão de mostrar isso.

Mostra cuidadosamente todo o seu caderno, enquanto ia explicando como tinha feito aquelas coisas, “só que foi a professora que me ajudou”, diz com tom que acusa consciência do seu atraso em termos de “aquisições escolares”.

No final da sessão perguntou: “Sabes o que quero ser quando for grande? Escritor de histórias”.

Mostrei entusiasmo e reforcei positivamente a ideia, acrescentando que podemos começar a inventar e escrever, juntos, histórias. Barnabé diz decepcionado que ainda não sabe escrever bem e que ainda não pode ser escritor de histórias. Sugiro na próxima sessão fazermos um livro onde eu escrevo as histórias que ele inventa. Barnabé mostrou-se entusiasmado com a ideia.

Depois disse-lhe:

E. P.: Quero falar de uma coisa importante contigo...

B.: O quê?

E. P.: A partir da próxima semana passarei a estar aqui também com os teus colegas... o que achas disso?

B.: (silêncio) Que colegas?

E. P.: Os colegas da tua sala...

B.: Fazer o quê?

E. P.: Estar aqui comigo, com o objectivo de ajudá-los...

B.: Porquê?

E. P.: Porque eles também precisam de ajuda, já me pedem há muito para virem para aqui e como agora tenho mais um bocadinho de tempo...

Baixa a cabeça.

E. P.: Gostava de saber o que pensas disso...

B.: Nada... (expressão triste, por um lado, zangado, por outro, apesar de notar-se o esforço para conter o ciúme e a ameaça que estas novas circunstâncias trazem para a relação).

Nota: Na semana seguinte pude entender suas reacções mais profundamente. Barnabé não teria entendido que eu passaria a acompanhar os seus colegas no mesmo espaço, numa relação de ajuda do mesmo tipo e quando viu dirigir-me para o espaço de sessão com um dos seus colegas de sala tentou entrar com ele. Explico-lhe que pode estar a sós comigo como é habitual e que não posso deixá-lo entrar, assim como também não deixo entrar ninguém quando ele está comigo. Fica muito perturbado, ruborizado e com expressões faciais muito tensas enquanto grita: “Não sou mais teu amigo”

Passou quase toda a manhã a tentar impedir as sessões com os colegas à porta da biblioteca. Pedia para deixá-lo entrar, juntamente com os colegas. Confrontado com o facto estar comigo a sós e não deixá-lo interromper as “conversas” com os colegas, começa a ameaçar: “Não sou mais teu amigo”, “Já não quero ter mais conversas, nem brincadeiras, nem porcaria nenhuma...”. Aproveito o facto de um dos meninos ter saído mais cedo e convido-o a entrar para conversar. Recusa-se repetindo “Não sou mais teu amigo”. Não responde às minhas perguntas (Porque estás tão chateado? Porque dizes que não queres estar mais comigo?) e permanece sentado no chão, de braços cruzados e cara rígida de zanga e birra, reivindicando o lugar que é só seu. “Não mudou nada nos nossos encontros, meu querido”, “Não precisas estar zangado nem com medo, por que os nossos encontros e

conversas serão sempre só nossos, como sempre te disse!”, disse tentando acalmá-lo. “Não quero saber, não sou mais teu amigo, já disse!”, repete em tom de grande revolta.



Anexo 26

16ª Sessão

25/11/2007

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 16ª sessão

“Posso ser o primeiro?”, diz correndo em direcção a mim, depois de me ver entrar no Lar. “Tu foste o primeiro menino do teu grupo a querer estar comigo, isso é um facto e não pode ser mudado. Sim podes, ainda não tenho horários definidos”, respondo. “Posso ser sempre o primeiro?”, insiste. Já te disse que serás sempre o primeiro, mesmo que sejas o último a vir à sessão, isso não muda nada”, continuei, “E pára com essas birras porque tu já és um homenzinho!! Combinado? Não quero que tenhas estas birras, porque não há motivos para isso, eu sei que estás com medo e não estás a sentir-te especial como dantes, mas eu digo-te que serás sempre especial e nada mudou, continuo a gostar de ti e a preocupar-me contigo como dantes!”. “Mas posso ser o primeiro hoje ou não?”, pergunta

pouco convencido com minhas tentativas de desdramatização da situação. “Eu já respondi sim a essa pergunta”.

Síntese da 16ª Sessão

II – Contexto da 16ª sessão

17h30 às 18h20

Materiais: Livro de contos de fadas, folhas brancas, caneta.

Objectivo: Continuação da estimulação da fantasia e promoção da produção de narrativas.

Técnicas e procedimentos: *Leitura de contos de fadas, produção narrativa de histórias, livre associação de ideias.*

III - Observação Clínica

Apesar de se mostrar descontente com minha atitude perante suas reivindicações por já não ser o único, penso que venceu a ideia de que é único, independentemente das outras relações terapêuticas que possa ter.

O Barnabé demonstrou, apesar de tudo, grande capacidade de tolerância à frustração, sempre com as lágrimas nos olhos e os maxilares tensos, pede com semblante de orgulho de guerreiro ferido para lhe contar uma história (escolheu *João e o pé de feijão* e *O Patinho Feio*), adiando propositadamente o que tínhamos combinado (inventar e escrever histórias).

No final disse: “*Estás preparada?*”. “Para quê?”, perguntei. “Para escrever a história que eu vou inventar...”. “Prontíssima”, respondo. Antes de Barnabé começar a narrar construímos um livrinho improvisado com cartolina e fio de lã.

“Era uma vez dois patinhos feios, viviam com a sua mãe e um deles morreu e a mãe ficou muito triste e o outro fugiu da mãe e depois desmaiou. Depois estavam lá muitos

bichos e o patinho feio disse a eles para ajudar a encontrar a mãe, Depois o patinho feio encontrou a mãe e fizeram uma festa e viveram felizes para sempre”.

Depois Barnabé quis que lhe lesse a história acabada de inventar e escrever. Concluí a sessão e a actividade reforçando a ideia de que se continuarmos assim Barnabé tornar-se-á um grande criador de histórias.



Anexo 27

Sessão nº17

01 /12/2007

Síntese da 17ª Sessão

I – Contexto da 17ª sessão

14h00 às 14h50

Materiais: Livro de histórias.

Objectivo: Promoção da produção narrativa.

Técnicas e procedimentos: Leitura e releitura de história, leitura a dois. *Livre associação de ideias.*

II - Observação Clínica

O Barnabé não quis inventar e preferiu que lhe contasse uma história. Escolheu a “história da raposa”. E pediu para repetir. Como afirma Fátima Cabral (2007) a repetição dos contos é fundamental, pois a criança encontra-se a integrar conteúdos, que podem ser emoções, sentimentos, valores, formas de agir, desconhecidos até então. Na segunda leitura interrompeu várias vezes para localizar minha leitura no texto. Passei a seguir o texto com o dedo e quando me distraía e tirava o dedo, Barnabé rapidamente me chamava a atenção.

Verificou-se uma tendência também recente, que é intercalar a minha leitura com a leitura dele. Lê uma ou duas palavras (as que ele conhece e reconhece) e depois diz: “Continua”, tomando a liderança das interações entre a díade.

Referências:

Cabral, F. (2007). A Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje. In Cabral, F. . *Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje* (Curso).

Anexo 28

18ª Sessão

08 /12/2007

I – Contexto da 18ª sessão

13h30 às 14h15

Materiais: Manta, folhas brancas e lápis de cor.

Objectivo da sessão: Estimulação da fantasia e da criatividade. Introdução (por Barnabé) ao tema da sexualidade.

Técnicas e procedimentos: Brincar. Livre associação de ideias. Relaxamento imagético. *Livre associação de ideias.*

II - Observação clínica

Barnabé entrou na sala muito agitado e propôs jogarmos às escondidinhas. Disse-lhe que não gostava muito de brincar às escondidinhas e que era injusto para mim porque eu sou maior e tenho mais dificuldade em esconder-me e ele mais facilidade em encontrar-me. Mesmo assim podíamos brincar um bocadinho, disse-lhe apesar do desconforto que me causou a ideia. A escolha desta brincadeira diz, parece-me, em primeiro lugar, do estado regredido de Barnabé e uma curiosidade sexual que parece precisar ser satisfeita, por outro da carência afectiva, da luta contra os sentimentos abandonicos e do possível sentimento de reparação que permite o reencontro. Barnabé reagia ao meu aparecimento e desaparecimento de um modo muito similar às crianças pequenas entre aproximadamente os 12 e os 16/18 meses, espantado, entusiasmado e progressivamente agitado. Depois propus-lhe, com o objectivo de acalmá-lo antes do fim da sessão, o *jogo da imaginação* (relaxamento imagético). Sugeriu-lhe que se deitasse na mantinha com os olhos fechados e que respirasse lentamente. Barnabé acolheu as sugestões e comecei então a verbalizar um percurso por “uma floresta muito verde com raios de sol a espreitar as folhas das árvores...”. O teor das verbalizações foi no sentido de apelar às sensações (tácteis, olfativas, visuais, auditivas) e a um princípio que penso poder introduzir explicitamente: nada é impossível quando caminhamos determinados a achar nossa felicidade. Barnabé sorria e foi notório que conseguiu seguir mentalmente todas as minhas verbalizações. Quando terminei, fiquei em silêncio. Quando pensei que Barnabé tinha adormecido ele disse, ainda de olhos fechados: “Há lá outra cascata mas com água quentinha”. Começou a verbalizar o que estava a imaginar com alguma criatividade e valor afectivo bastante positivo: a água quentinha parece representar um conteúdo novo em Barnabé, talvez uma esperança, uma luz ao fundo do túnel. As verbalizações livres e habituais de Barnabé tratam de morte, objectos frios e duros, acidentes, fealdade, morte.

Depois quis jogar ao *jogo dos rabiscos*. Transformou quase todos os tracejados nos animais que encontrou na floresta que eu sugeri e ele imaginou. O último desenho foi um coração que eu circunscrevi.

Barnabé fez várias perguntas de teor sexual, às quais tentei responder de forma simples. Em primeiro, perguntas relacionadas com a nossa relação. Foi então necessário

distinguir tipos de amizade, de amor. Percebe então que não somos nem vamos ser namorados, mas fica confuso porque tanto as relações de amizade como as de amor são especiais, e há uma tendência generalizada em clivar os conceitos e ideias de forma a facilitar sua compreensão. Depois expliquei que a nossa amizade especial não vai dar em namoro porque combinamos que eu ia ajudá-lo a tornar-se um menino feliz, e então fiquei responsável por fazer isso com ele, que sei mais coisas, já vivi mais, estudei para ser psicóloga e posso, portanto, ajudá-lo na vida que ele tem. Depois faz perguntas sobre “as mamas” e para que servem, assim como o que designa “pinar”, que não sabe bem o que é e como nascem os bebés. Substituo o termo, depois de questionar sem sucesso o que quer dizer com isso (“pinar”), por “fazer amor, relações sexuais, fazer sexo”, e explico que se trata de uma forma especial de comunicar com o corpo que se passa entre os namorados e que é nessas relações que às vezes se fazem bebés.

Por fim pergunta-me se vou à festa de natal. Pergunto-lhe o que acha dessa ideia ao que responde: “Não sei, nós andamos a ensaiar pa darem-nos palmas”.

E. P.: Claro que vou e vou estar na primeira fila a aplaudir-vos!

B.: E se não der?

E. P.: Se não der o quê?

B.: Se não houver peça...

E. P.: Ficamos todos a saber que para a próxima é preciso ensaiar mais, e ficam de parabéns na mesma porque esforçaram-se para conseguir.

B.: Eiiii.....

(fica nervoso: levanta-se repentinamente, vai à janela, volta).

E. P.: Não te preocupes meu querido, vai correr tudo bem, prometo. Vou ajudar-vos a preparar tudo e tenho a certeza de que vamos ficar todos muito orgulhosos de vós.

B.: Vai tar lá toda a gente?

E. P.: Vão estar os teus colegas, os educadores, o presidente, a directora, assim como o resto dos funcionários, os amigos do centro, como a explicadora...

Nota: A pequena peça de teatro que o grupo da primária preparou com a professora B. e conseguiu apresentar na festa de natal é de grande importância para as crianças, pois além do poderoso impacto terapêutico provocado por todo o processo (desde o primeiro ensaio até à apresentação final com as palmas e reconhecimento de pessoas muito importantes para eles; como o presidente, a directora, os educadores), vem quebrar com um dos mais rígidos estereótipos que a instituição desenvolveu em relação a este grupo: é impossível fazer alguma coisa com eles: “Não se pode ir com eles a lado nenhum” ou a directora pergunta expectante no final do primeiro ensaio de teatro com este grupo: “Então, conseguiram fazer alguma coisa?”

Efectivamente, houve apresentação da peça, conforme, juntos, tínhamos sonhado e desejado. É claro que foi muito difícil, havia muito nervosismo, medo, vontade de desistir, etc. Felizmente, juntamente com a professora, conseguimos encorajá-lo e apoiá-lo, tratando-o como um autêntico artista que tem a tarefa de mostrar ao público o seu trabalho.

Anexo 29

A escola da barafunda!

(Os alunos estão uns sentados e outros de pé, fazem grande confusão. A professora entra e fica espantada)

Professora – Mas o que é que vem a ser isto? Quero toda a gente no lugar e calados. (Os alunos acalmam-se) Muito boa tarde!!! Vamos dar início à nossa aula. Vamos começar por falar de religião. Alguém me sabe dizer porque é que Deus expulsou Adão e Eva do Paraíso?

Aluno 1 – Com certeza por não pagarem a renda!!!

Professora – Que parvoíce! Não digas tolices! Em casa vocês rezam antes das refeições?

Aluno 2 – Não, senhora Professora, não é preciso, a minha mãe é uma excelente cozinheira!!!

Professora – Vocês não estão a entender nada do que eu estou a perguntar!

Aluno 3 – Senhora Professora, Deus está em todo lado?

Professora – Claro que sim!

Aluno 3 – Está em minha casa?

Professora – Sim.

Aluno 3 – Está na escola?

Professora – Sim.

Aluno 3 – Está no quintal da minha avó?

Professora – Sim.

Aluno 3 – Não está não!

Professora – Está sim!

Aluno 3 – Não está não. A minha avó não tem quintal!!!

Professora – Com estes assuntos não se brinca. Continuando, quem sabe responder onde está Deus?

Aluno 4 – De manhã estava na minha casa de banho.

Professora (zangada) – O quê? Porque dizes isso?

Aluno 4 – Porque o meu pai não parava de gritar à porta da casa de banho “ Ó meu Deus quando é que saís daí?”

Professora – Eu vou mudar de assunto porque já me estão a irritar. Isto é um tema muito sério.

Aluno 5 – Professora, posso dizer uma coisa?

Professora – Diz lá.

Aluno 5 – O meu irmão é formidável! Só tem 5 anos e já levanta 10 Kg!

Professora – Ele é muito forte!

Aluno 6 – Grande coisa, o meu ganha-lhe. Só tem três meses e à noite e levanta-nos a todos!

(Todos os alunos riem-se e a Professora faz uma expressão de zangada. A Professora diz para o aluno 6)

Professora – Já que te estás a armar, vais ser o primeiro a mostrar os trabalhos de casa. (o aluno mostra uma folha) Mas a folha está em branco!?

Aluno 6 – Pois está! O tema da composição de casa era “As consequências da preguiça”

Professora – Ai sim? Que engraçadinho! Então agora vais escrever outra com este tema “Os mil motivos para não voltar a armar-me em esperto”. Vá, começa a escrever!

(O aluno começa a escrever. Entra um aluno.)

Professora – Porque chegaste tão tarde?

Aluno 7 – Eu até vinha a correr mas quase a chegar aqui vi um sinal que dizia “Devagar! Escola” e a senhora Professora está sempre a dizer que devemos respeitar os sinais de trânsito.

Professora – Oh meu Deus! Que alunos!

Aluno 8 – Sabe uma coisa, Sr.^a Professora?

Professora – Que foi agora?

Aluno 8 – Roubaram o cartão de crédito da minha mãe.

Professora – Que horror! E o teu pai já avisou a polícia e o banco para cancelar o cartão?

Aluno 8 – Claro que não, o ladrão está a gastar muito menos do que ela.

Professora – Vamos agora a outro assunto: menino (...), tu que costumavas ter bons palpites, diz lá, que idade tenho eu?

Aluno 9 – Trinta anos!

Professora – Formidável! Eu tenho mesmo trinta anos! Como adivinhaste?

Aluno 9 – Foi fácil! Eu tenho um irmão com quinze anos e o meu pai está sempre a dizer que ele é meio maluco...

Professora – Bem, vamos parar com esta palhaçada! Vão escrever uma composição sobre o tema “Se eu fosse o director de uma empresa...”

(Os alunos começam a escrever, à excepção de um. A professora senta-se na secretária a trabalhar. Dois alunos conversam.)

Aluno 10 – Sabes, a minha irmã está cada vez mais gorda.

Aluno 11 – Ui, ainda não viste nada. A minha tia é tão gorda, tão gorda que no outro dia foi à farmácia para se pesar e quando se pôs em cima da balança saiu de lá um papel que dizia: Atenção, esta balança só pesa uma pessoa de cada vez.

Professora – Ó meninos, mais trabalho e menos conversa. (Repara no aluno que não escreve) Ó menino (...) ainda não começaste a escrever a composição “Se eu fosse director de um empresa?

Aluno 12 – Eu não! Estou à espera da minha secretária.

Professora – Muito engraçado! Comece a trabalhar, já!

(A professora continua a trabalhar. Dois alunos conversam.)

Aluno 13 – Vê lá o meu azar! Tinha metido no bolso esta ferradura de cavalo para me dar sorte nas provas de aferição e não é que chumbei?

Aluno 14 – Mas a culpa foi tua.

Aluno 13 – Minha!?

Aluno 14 – Sim! Então não vês que isso não é uma ferradura de cavalo, isso é uma ferradura de burro!

Professora – Shiu! Mais trabalho!

(Outros dois alunos)

Aluno 15 – Então pá, o teu pai é sapateiro e tu andas com os sapatos rotos?

Aluno 16 – Olha quem fala! O teu pai também é dentista e o teu irmão nasceu sem dentes.

Professora – Bem, no fim da aula deixam as composições em cima da mesa para eu corrigir.

(A professora repara num aluno que não pára de coçar a cabeça)

Professora – Menino (...) porque não paras de coçar a cabeça?

Aluno 17 – É que eu tenho um piolho morto, senhora Professora!

Professora – Ó rapaz, os piolhos mortos não fazem comichão!

Aluno 17 – Eu sei senhora Professora mas os familiares vieram todos ao funeral!

Professora – Vocês só dizem disparates! Menino (...) diga a tabuada do 5.

Aluno 18 – Hum, hum, hum, hum

Professora – Então isso é que é a tabuada?

Aluno 18 – É que eu só sei a música...

Professora – Menino (...) diga lá, quais são os meses mais curtos do ano

Aluno 19 – Os meses de férias, senhora Professora...

(Entram dois alunos, ainda a discutir)

Professora – Mas o que vem a ser isto? O que é que se passa?

Aluno 20 – Ele atirou-me com uma pedra.

Professora – Menino (...) porque atiraste a pedra ao teu colega?

Aluno 21 – Porque ele me bateu!

Professora – Nesse caso devias ter-me chamado, sou a tua professora.

Aluno 21 – Pois é, mas eu não sei se a senhora tinha mais pontaria do que eu!

Professora – Isto que não se repita!

Aluno 21 – Já agora Professora, posso fazer-lhe uma pergunta?

Professora – Diz lá.

Aluno 21 – A senhora Professora preferia que eu partisse as pernas ou que se partisse o vidro do seu carro?

Professora – Que pergunta tola! Claro que preferia que se partisse o vidro do meu carro.

Aluno 21 – Então pode ficar contente porque eu não parti as pernas mas atirei três pedras antes de acertar no (...)

Professora – Ai o meu lindo carrinho!

(A professora sai a correr)

Os alunos cantam Viva a Minha Escola.

Anexo 30

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 19ª sessão

É a primeira sessão depois das férias de Natal que o Barnabé passou com a tia (irmã da mãe) e os avós (pais do pai) (moram todos na mesma rua).

Síntese da 19ª Sessão

II – Contexto da 19ª sessão

18h00 às 19h00

Materiais: Folhas brancas e lápis de cor.

Objectivo: Tomar conhecimento de como correram as férias. Estimulação da fantasia, desenvolvimento da criatividade, da capacidade de simbolizar.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias.*

III - Observação Clínica

O Barnabé está muito ansioso e agitado. Pude confirmar isso 10 minutos depois do início da sessão quando começou a tremelicar, dizendo precisar ir à casa de banho. Depois conta que “é desta que vou para casa de vez”, que o pai vai pedir ao juiz para ficar com ele e que foi a avó que disse isso”. O Barnabé encontra-se muito perturbado, e considero que esta circunstância não é benéfica, pois mesmo tendo sentido o conforto do interesse afectivo da família (o que é absolutamente importante), dificilmente se efectuará a vontade de Barnabé e a intenção manifestada pelo pai e avó: além dos graves problemas e faltas de condições do pai de Barnabé, seu passado como pai revela grande incapacidade parental, visível principalmente na forte negligência a que submeteu Barnabé. Desta forma, dificilmente algum juiz tirará a guarda de Barnabé ao Lar para entregá-la a um pai que

nunca demonstrou possibilidades de cumprir suas obrigações parentais. Tentei trazê-lo a uma perspectiva mais realista mas sem sucesso, pois Barnabé está eufórico.

Esta circunstância vem destruir um trabalho que já começava a ser feito, relacionado com a vida difícil e ingrata que tem tido, Barnabé começava a reparar seu narcisismo, apesar das várias perdas que sofreu.

Volta a falar de “fazer amor” e tudo o que isso implica (isto é, o que é isso, para que serve, referindo esse termo em vez de “pinar”). Houve uma repetição, no fundo, das coisas que já tinha dito sobre o assunto (forma especial dos namorados comunicarem...) mas que, naturalmente, necessita ouvir repetidamente de modo a interiorizar os conteúdos. Além do já dito, procuro colocar limites, no sentido, por exemplo, de adverti-lo para o facto de haver colegas que ainda não estão preparados para pensar nestas coisas, mas que ele já estava a ficar um homenzinho. Muito agitado ao nível motor, interessado no amor, buscando a ideia de realização amorosa, sempre tão presente no seu comportamento desejante. Desvia então o foco de interesse, na impossibilidade de sentir, convertendo o interesse do “amor familiar” para o *outro*, o conjugal, buscando respostas para todas as dúvidas que o confundem e paralisam. Como se todos os amores fossem impossíveis: na família, no colégio, na escola.

Barnabé estava totalmente perturbado, foi muito difícil controlá-lo na sessão e chegou a saltar por uma janela para um pequeno pátio, pondo em perigo a própria integridade física.

A confusão em que se encontra teve efeitos de regressão, visível no que respeita à tolerância à frustração, tendo ficado “zangado” comigo por ter “ralhado” (foi a expressão que utilizou para nomear a atitude que tivera: ajudei-o a descer do pátio para onde tinha saltado, pois os educadores incitavam-no a saltar, fazendo da grande probabilidade de partir uma perna um método pedagógico, e depois disse-lhe com firmeza “agora precisamos falar, anda comigo”) com ele à frente dos educadores e colegas (por ter saltado da janela). Barnabé é muito sensível às nossas interações. Por isso, mesmo não tendo “ralhado”, apesar de também não ter sido afável e simpática como é habitual, Barnabé interpretou a

realidade clivando-a de acordo com a sua frágil auto-estima e funcionamento considerado normal na instituição (ralhar, castigar, tirar).

Pergunto-lhe porque fez isso, não obtenho resposta. Primeiro coloco a hipótese de ter saltado da janela por não querer estar mais ali. “Não é nada disso, não é nada disso”, esclarece Barnabé. Efectivamente isso não faz sentido, pois lembro a segunda sessão em que Barnabé quis deixar o contexto terapêutico após 20 minutos e fê-lo sem qualquer embaraço. Barnabé não quis explicar porque tinha saltado pela janela. Tentei sensibilizá-lo para a grande probabilidade de pôr sua integridade física em causa e para a necessidade de adverti-lo na situação e contextos em que ele próprio se colocou, isto é, fora do contexto terapêutico e à frente de quem estava, pois não podia de forma alguma, por um lado passar a ideia aos colegas de que pode-se fazer tudo, de que não há limites e por outro, principalmente, deixá-lo pôr-se em perigo.

Finalmente digo-lhe que compreendo que se sinta preso e que saltar pela janela seja uma brincadeira que o atrai. Mas que gostaria que me dissesse quando tivesse vontade de saltar pela janela, porque assim poderíamos fazer uma brincadeira ainda mais divertida e nada perigosa.

Senti que queria perguntar: “que brincadeira”, mas a “zanga” que estava a sentir parece não ter permitido colocar a pergunta. Enquanto quase chorava, tem uma crise de fúria, grita e rasga o livrinho das histórias.

Barnabé foi embora dizendo: “não sou mais tua amiga” (este tipo de chantagem era usual no início do processo, em que aliás não conseguia dizê-lo correctamente, dizia: “não sou mais tua amiga”, deixando patente a confusão identitária de género, mais tarde passou a dizê-lo correctamente, depois deixou de dizê-lo e agora volta a dizê-lo erradamente, deixando clara a regressão).



Anexo 31



I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 20ª sessão

A tia de Barnabé veio visitá-lo e buscá-lo para almoçar. Ao cruzar-me com ambos a tia pergunta-me: “Você é que é a Florência? Converso um pouco com ela, à frente do Barnabé que fica nervosíssimo. Tento evitar que a tia se alongue na conversa quando se preparava para começar a culpar o pai e avós de Barnabé pela situação em que ele se encontra. Aproveito para reconhecer a importância de vir visitá-lo: “Que bom que veio cá!”. A tia encara meu reconhecimento como um “ataque”, defende-se dizendo: “eu não posso vir mais vezes, já disse isso ao Barnabé, estou cheia de problemas e ainda por cima estou a divorciar-me”. Desejo-lhe força, que tudo corra pelo melhor e um almoço divertido para os dois”.

Síntese da 20ª Sessão**II – Contexto da 20ª sessão****17h00 às 17h50**

Materiais: Folhas brancas e lápis de cor. Livro de contos e histórias.

Objectivo: Reforço da relação terapêutica. Estimulação da fantasia, desenvolvimento da criatividade, da capacidade de simbolizar.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*. Desenho. Leitura de história.

III - Observação clínica

O Barnabé volta do almoço com presentes contando-me onde tinha ido, o que tinha comido e feito. Depois, ainda nervoso, pergunta-me o que estive a conversar com a tia, como se ele não estivesse presente nessa conversa. Tentei acalmá-lo e reforcei a ideia de vínculo terapêutico impenetrável e seguro. Uma das formas que utilizo para comunicar com Barnabé quando este está muito agitado, maníaco, demasiado excitado com acontecimentos externos à sessão, é pedir-lhe para olhar para mim, enquanto lhe digo coisas fundamentais como foi o caso. Reservo essa técnica para as situações que ameaçam a relação. Estes momentos têm normalmente grande impacto, porque vê-se forçado a confrontar-se com aquilo que ainda desconfia: a genuidade do meu interesse em ajudá-lo.

Como não há forma de interagir com as famílias, além destes breves encontros episódicos e da informação dada pelos relatórios sociais, pouco sei das dinâmicas complexas desta família e achei prudente não dizer nada sobre a tia nem sobre a preocupação que deixou transparecer por Barnabé.

Acalmou-se e pediu para desenhar “uma estrela amarela para colar no tecto que é o céu” (a ideia da estrela no céu fez-me lembrar o presente da “nossa festa de Natal”; o desenho de uma estrela com sua luminosidade dirigida a Barnabé). Apesar dos efeitos regressivos da atitude do pai e da avó (agitação psicomotora, episódios maníacos) Barnabé conserva partes desenvolvidas nas sessões, como é o caso da simbolização, inicialmente catastrófica, desorganizada, e particularmente, desligada de afectos.

Depois pediu para lhe ler a história: “Quem tem medo do lobo?” No final, num dos raros momentos de ressonância afectiva, Barnabé disse: “Eu já não tenho medo dos lobos”, num claro momento de capacidade simbólica. “Sim, eu sei que estás cada vez mais forte e corajoso, o que me deixa muito contente e orgulhosa de ti”, devolvi.

Nota: No dia 27, a pedido de vários meninos, realizou-se, com a colaboração da colega estagiária de Psicologia Clínica, um *atelier* de máscaras (pré-seleccionaram-se os personagens preferidos dos meninos, depois compraram-se alguns adereços para,

juntamente com a pintura da face, formar as máscaras pretendidas). O Barnabé escolheu a máscara de vampiro, que parece ter-lhe conferido uma espécie de carapaça afectiva.

Anexo 32

Oficina de máscaras

Domingo, 27 de Janeiro

Duração: 7 horas

Orientadoras: Estagiária de Psicologia Clínica e a voluntária pelo Gabinete de Psicologia Clínica.

Recursos: Espaço reservado com mesa ampla, tecido preto, tesoura, cartolina, fio elástico, narizes de palhaço, ráfia, espadas de plástico, dentes de vampiro, aguarelas, pincel, pano húmido, gel e máquina fotográfica.

Objectivo: Estimular a fantasia, permitir livre expressão de afectos, promoção de lazer.

Procedimento: A partir de personagens de ficção infantil reveladas como preferidas pelo grupo de meninos do 1º ciclo nas sessões de acompanhamento psicológico, foram reunidas imagens das máscaras das seguintes personagens: homem-aranha, índio, palhaço, urso, vampiro, pirata, gato e zorro. As máscaras foram realizadas recorrendo à pintura da face e aos referidos recursos. No final da realização de cada máscara procedeu-se ao registo fotográfico.

Participantes: Barnabé (vampiro); H. (palhaço), J. (vampiro), M. (vampiro), R. (zorro), J. P. (zorro), D. (índio), N. (palhaço), P. S. (vampiro), D. F. (índio), R. G. (índio), R. (zorro), A (homem-azul), R. M. (pirata), M. T. (palhaço, J. T. (vampiro), A (zorro), M.A (índio).

Observação Clínica: A expressão de afectos através do “encarnar” das personagens escolhidas parece cumprir, além das funções referidas nos objectivos, funções de desinibição e controlo dos impulsos (a pintura da face exige que os meninos se mantenham estáticos, apesar da dificuldade, cerca de 15 minutos).

Anexo 33

Oficina de contos de fadas

2 de Fevereiro de 2008

A leitura do conto de fadas têm sido largamente utilizada e reconhecidamente benéfica no desenvolvimento (Bettelheim, 2002; Cabral, 2007; Vidigal e Col., 2005).

Com a progressão da intervenção individual, o interesse pelos contos de fadas, pelos meninos do 1º ciclo tem aumentado significativamente.

Nesse sentido, e também para deixar mais tempo livre para outras intervenções nas sessões de acompanhamento individual, levou-se a cabo um *atelier* de leitura de contos de fadas onde participaram 5 meninos: P. S., J. T., R. A, M. Â. S. e Barnabé.

O conto de fada lido denomina-se “Os dois gatos”, de Bocage, e o grupo teve bastante dificuldade em permanecer atento à leitura. Como seria de esperar, o funcionamento em grupo ofereceu várias dificuldades de contenção de sentimentos e comportamentos de oposição por parte dos meninos.

Espera-se contudo, com o tempo, que os grupos se tornem mais funcionais e contidos e que a leitura dos contos possa assim surtir o efeito desejado e esperado.

A estagiária do Gabinete de Psicologia do Lar

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Cabral, F. (2007). A Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje. In Cabral, F..
Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje (Curso).

Vidigal, M. & Col. (2005). *Intervenção Terapêutica em Grupos de Crianças e Adolescentes. Aprender a pensar*. Lisboa, Trilhos editora.



Anexo 34

21ª Sessão

10/02/2008

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 21ª sessão

O Barnabé fugiu para casa dos avós ou da tia em Aveiro. É um assunto que ele não fala em sessão, por ter medo que o recrimine, penso. À hora do jantar Barnabé chegou acompanhado por um tio a chorar muito. Tentei consolá-lo e perguntei se queria falar ao que respondeu que sim. Perante a autorização do educador fui com ele para o local habitual das sessões.

II – Contexto da 21ª sessão

19h30 às 19h50

Objectivo: Permitir expressão emocional. Estabilizar emoções. Consolar.

Técnicas e procedimentos: Escuta. *Livre associação de ideias*.

III - Observação clínica

Barnabé chora incessantemente. Nunca o tinha visto a chorar. O funcionamento habitual era de isolamento do afecto, apesar de entrar cada vez mais em contacto com seus afectos. Enquanto chorava dizia: “Eu quero ir para casa, eu quero ir para casa”. Esta

descarga de Barnabé não foi fácil de gerir e, entre pensamentos académicos, éticos, e principalmente pensamentos relacionados com a distância que sinto precisar manter, estendi os braços, o que o fez chorar ainda mais dizendo “ Não quero, não quero, não quero ninguém, não quero ninguém! Deixe-me, deixe-me!”.

Quando vi Barnabé chegar com o tio (na verdade só sei que é tio pelo educador) tive imediatamente vontade de pedir ao tio para despedir-se dele o mais carinhosamente possível. É claro que não o fiz. Mas senti com ele, penso, como seu coraçãozinho sente aquela cena: “abandonado outra vez”, “eles não me querem”, “eles não gostam de mim, por isso trouxeram-me de volta”. Penso que habitava sua mente este tipo de pensamentos, daí a reacção tão emocionalmente desesperada. Sem saber o que fazer, não fiz nada. Aguardei em silêncio, enquanto Barnabé chorava desesperadamente. Entretanto, já Barnabé encontrava-se a enxugar as lágrimas e a olhar para mim com expressão de “orgulho ferido”, o educador Sr. P. veio chamá-lo, ao mesmo tempo que recebo um telefonema da directora Dra. A.S. pedindo-me desculpa mas que tinha de entregá-lo ao educador porque “hoje está de castigo absoluto”. Barnabé começa a chorar novamente pedindo-me para deixá-lo ficar. Agarra-se a mim, como também nunca o tinha feito, e pede: “Não deixe, não deixe, deixe-me ficar consigo”.

Enquanto o educador batia freneticamente na porta (fazendo lembrar a cena em que o lobo mau poderia ter apanhado o porquinho) explico a Barnabé que não posso confrontar a directora, apesar de achar que deveria ficar comigo mais um pouco, que não precisa ter medo porque ninguém lhe vai fazer mal, mas que também é normal que estejam zangados com ele, pois desobedeceu, fugiu e deixou toda a gente preocupada. Foi necessário elevar a voz e colocar-lhe a mão sobre a cabeça, pois o pânico era muito, para lhe dizer: “prometo que vai ficar tudo bem”. Antes de fazer descer Barnabé abro a porta ao educador e explico-lhe que Barnabé se encontra em pânico, e que é totalmente desaconselhável assustá-lo mais neste momento. O educador exibiu expressão que acusa desvalorização e disse: “Não se preocupe o castigo dele vai ser leve mas duradouro e não passa por levar” (bater). Fiz descer Barnabé que ainda chorava. Assim que o educador o viu descer disse: “Tás com medo? Porquê? Sabes que fizeste asneiras, não sabes?”. “Claro que sabe, já estivemos a conversar e ele percebeu que agiu mal, mas está com medo do castigo que vai levar”, disse.

“Mas não é preciso Dra. que eu não lhe bato”. “Eu acredito nisso Sr. P., se soubesse que lhe ia bater não lho entregava, mas isso não vai acontecer pois não?”, perguntei. “Claro que não! Anda-te embora mas é embora ó pateta (alrunha de Barnabé na instituição) ”. “Vês meu querido não precisas ter medo, ouviste o teu educador a dizer que não te vai bater?”. A verbalização foi validada pelo educador, o que acalmou Barnabé.

Nota: Domingo, dia 17 de Fevereiro, fomos ao Rivoli ver *O Príncipezinho*. O Barnabé não foi; passou o fim-de-semana com a tia.

Anexo 35

Sessão 22ª sessão

22/02/2008

I - Contexto social anterior à 22ª sessão

Barnabé foi passar o fim-de-semana passado a casa da tia de Aveiro. Segunda-feira, por ocasião das aulas de teatro, onde tento desempenhar papel de “ego auxiliar”, pediu: “Não tivemos no Domingo...posso ir hoje (segunda-feira, dia 18 de Fevereiro) contigo?”. Depois de muito insistir, utilizando vários argumentos que na sua perspectiva são necessários para “ter direito à sessão”, nomeadamente que não foi ver *O Príncipezinho* porque não estava cá e que também não estará no próximo fim-de-semana. Acrescentou ainda “Agora vou sempre a casa aos fins-de-semana”. Marcamos sessão para a sexta-feira seguinte, dia 22 de Fevereiro.

II – Contexto da 22ª sessão

16h50 às 17h35

Materiais: Banda desenhada. Fábulas. Materiais da *Hora de jogo Diagnóstica*.

Objectivo: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: Leitura de fábula. *Livre associação de ideias*. *Faz-de-conta*.

III - Observação clínica

O Barnabé entra muito agitado na biblioteca. O comportamento maníaco que adquire por vezes manifesta-se numa hiper-motricidade acompanhada de verbalizações auto-depreciativas; como por exemplo: “Porque sou feio”, que é talvez a expressão mais repetida. Assim que entrou quis ir buscar revistas de banda desenhada, disse enquanto olhava a seu redor e andava à volta da mesa central da sala. Digo-lhe que vou com ele. Insiste em ir ao 1º andar sozinho. Pergunto porque não quer que vá com ele. Não responde e continua insistindo em ir sozinho. Tento então explicar-lhe que tenho receio que volte a saltar pela janela porque pode magoar-se. Digo-lhe que fui advertida no sentido de não deixá-lo sozinho e apesar de confiar na promessa que tinha feito, de que não voltaria a saltar pela janela, não estava a perceber porque queria ir sozinho. Diz então: “Juro que não salto”, “A sério que não”. Dou-lhe esse espaço, apesar do receio, apesar de ficar muito atenta aos sons e ter-me esforçado para não vigiá-lo visualmente.

Depois de folhear várias revistas de banda desenhada cujos protagonistas ele aprecia particularmente (*Homem - aranha, Huck, Super-homem*), e enquanto permanece em silêncio no andar de cima, ouço: “Frorencia– voltou a pronunciar mal o meu nome, depois de já tê-lo dito correctamente – quero aquela história que o rei morre”. Trata-se de uma fábula de Meneres, cujas imagens deixam escapar o final da história “A morte da leoa”, e que Barnabé tinha visto por ocasião de um *atelier* de contos realizado no dia 4 de Fevereiro. Disse-lhe o nome da história e que estava comigo. Barnabé sobe freneticamente (como se dissesse “precisa-se identificação/nomeação/projecção urgente do que vai dentro de mim”) enquanto diz “Ei, é essa!! A sério? Onde, onde?”. Leio-lhe a fábula, que essencialmente fala da inevitabilidade/normalidade da morte e dos rituais fúnebres que a morte de alguém importante, normalmente, envolve.

B.: Era mesmo importante a leoa...

E. P.: Sim, e parece que continuará a ser, mesmo depois da morte.

B.: Porquê?

E. P.: Porque era muito querida e amada pela comunidade de animais e pelo companheiro leão, tanto que lhe fizeram um funeral de luxo...

B.: Pois foi...mas se morreu tá morta...

E. P.: Sim está, e os animais amigos e o companheiro leão lembrar-se-ão dela sempre...na nossa vida também é assim...às vezes temos grandes perdas e sofremos muito por isso, como o rei leão sofreu....

Barnabé suspira profundamente, parecendo identificar-se com o rei leão, dando o sinal necessário para não prosseguir. Honestamente, também fico ansiosa porque tenho receio de não ser assertiva e deitar a perder os importantes avanços, tão difíceis de conseguir para ambos.

Penso nesse momento nas consequências advindas do maior contacto com o pai, os avós paternos e a tia. Penso também se a circunstância do tio o ter trazido depois da fuga (que foi sentida como rejeição) não se repete de todas as vezes que vai de fim-de-semana, como se relaciona a necessidade de tratar o tema da morte com a falta que sente da mãe, particularmente quando está com a família e não sente a proximidade afectiva que parece ter tido com a grande figura de vinculação perdida (a mãe).

Depois do suspiro, levanta-se repentinamente (o que também é habitual quando quer evitar alguma conversa ou, antes disso, alguma palavra, gesto, circunstância caminha para territórios que não deseja “territorializar” nesse momento), abre uma das gavetas dos móveis que são estantes para livros, e que habitualmente estão fechadas à chave, pega num monte de fotografias e começa a ver: “Eiiii.... quando não havia grades”, diz.

E. P.: Isso não é nosso, será que podemos ver?

B.: É é, são fotografias de quando isto era fixe....

E. P.: Pelo que ouço dizer, isto não era nada fixe, agora está bem melhor...

B.: Porquê?

E. P.: Parece que os castigos eram muito duros...

B.: Mais?!?

E. P.: Sim.

Enquanto continua a ver fotografias canta repetidamente: “Porque sou muito feio e ninguém gosta de mim, porque sou muito feio e ninguém gosta de mim!”.

Depois de ver as fotos, deixa-as no chão, levanta-se, olha pela janela que perspectiva a estação de Campanhã e diz baixinho “tem calma”.

E. P.: Diz? Desculpa, não percebi.

B.: Não vou fugir...(diz em sussurro).

Olha para mim, esperando reforço positivo pelo auto-controlo, isto é, pelo facto de dominar o desejo de fugir. Permaneço em silêncio. Volta-se novamente, olha para mim, como se estivesse a dizer que não entende meu silêncio.

E. P.: Falaste tão baixinho que mal percebi o que disseste...

B.: Disse que não vou fugir! (responde irritado por eu não ter ouvido à primeira)

E. P.: Isso quer dizer que quando pensas, podes mudar de ideia...

B.: Não sei...

E. P.: Claro que sim meu querido. Quero dizer-te uma coisa muito importante...

B.: O quê?

E. P.: Que pensar no que queremos ou não fazer às vezes faz doer, mas fazemos o que queremos muito melhor quando pensamos... Percebes o que quero dizer?

B.: Não.

E. P.: Quero dizer-te que quando dizes “Não vou fugir” sei que tens vontade de fugir, mas sei também que estás a ficar um homenzinho e que os homenzinhos pensam antes de fazer qualquer coisa...

B.: É, vou ficar aqui neste colégio podre...

E. P.: Eu não estou a dizer que deves ou não fugir, estou a dizer que tudo o que fazemos deve ser pensado....estou a ver-te pensar, por isso que fico muito orgulhosa de ti...

B.: Porquê?

E. P.: Porque agora páras para pensar, estás forte, e isso ajuda-te a fazer as coisas da melhor forma. (silêncio)

E. P.: Diz-me uma coisa... não achas melhor arrumar as fotos onde estavam, para manter a nossa sala organizada...

B.: Eu arrumo... Posso brincar? (Pergunta em tom de reivindicação, como se tivesse colocado limites a alguma de suas brincadeiras)

E. P.: Claro. A que queres brincar?

Não responde. Pega num dos carros (da mala de materiais e brinquedos da *Hora de Jogo Diagnóstica*) e no *Spider* (boneco articulado) e diz colocando-se na personagem do *Spider*: “Olá meu amor!” (inclina o boneco sobre o carro e põe-no a beijar o carro).

E. P.: Tou a ver que o *Spider* gosta muito desse carro...

B.: Não é um carro.

E. P.: Não?

B.: Não, é uma gaja toda boa!

E. P.: Ahh...!

B.: E agora vamos passear juntos

E. P.: Hummm.... então é ela que te vai levar a passear...

B.: É. Eu fiz magia com o meu beijo.

E. P.: Ah, foi um beijo dado com muito amor...por isso é que a convenceste...

B.: Sim, nem imagina quanto...que horas são?

E. P.: São mesmo horas de ir embora.

B.: Eu arrumo o *Spider* e a gaja dele...vamos?



Anexo 36

23ª Sessão

24/02/2008

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 23ª sessão

“Afinal não fui de fim-de-semana, posso ir contigo na mesma lá para cima?”, diz enquanto me cumprimenta num tom que pede uma sessão, mas que simultaneamente receia a rejeição (deve ter sido a primeira vez que me cumprimenta espontaneamente (com dois beijos), sem o meu apelo. O Barnabé receia a rejeição, não só pelos motivos óbvios relacionados com sua história de vida e pelo funcionamento rigidificado do Lar, mas também (talvez principalmente) porque criou o mito defensivo de que agora que não é o único, eu não sinto falta dos “nossos encontros” nem tenho muito tempo, por isso é necessário assegurar seu lugar.

A resistência de Barnabé em acolher/aceitar/acreditar no meu interesse genuíno por ele é ainda forte, penso que ele acredita que é substituível e que, mais dia, menos dia, deixarei de ter sessões com ele. Por isso nestas alturas uso a técnica básica de contacto ocular, que não pode ser utilizada naturalmente porque é sentido como um confronto do tipo autoritário, mas que tomou proporções de grande impacto por ser tão rara de modo espontâneo. Faço um carinho na cabeça, peço-lho para olhar para mim, aguardo, pois não é fácil para ele ceder ao meu apelo, e digo-lhe: “Lá em cima está sempre pronto a receber-te,

meu querido!”. Fica claramente inibido (desvia o olhar, continua brincando com os colegas). É a reacção habitual, o isolamento do afecto previne a possível decepção.

Síntese da 23ª Sessão

II – Contexto da 23ª sessão

18h00 às 19h00

Materiais: Livro de fábulas. Livro de contos de fadas.

Objectivo: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias. Leitura de fábulas e contos.*

III - Observação clínica

Barnabé continua muito agitado. É evidente o estado ansiogénico em que as promessas do pai e dos avós o deixou. Anda pela sala, mexendo em tudo o que pode. Fica incomodado, parece, com o meu silêncio e olhar.

B.: Hoje só quero que me leias histórias...

E.P.: Sim, e por qual queres começar, tens alguma ideia?

B.: Sim, daquele livro da morte e da leoa (o título é *A morte da leoa*)

E.P.: E qual delas?

Folheia o livro, passa pela fábula referida e diz:

B.: Foi esta.

E.P.: Sim?

B.: Foi esta que me leste na semana passada, não te lembras?

E.P.: Claro que lembro, perguntei sim, porque pensei que querias dizer mais coisas sobre a história....

B.: Quero esta! (“*Os animais doentes com a peste*”)

Penso que Barnabé já lê muitas palavras, mas prefere que pense que escolhe as histórias pelas imagens, assim, não assumindo que sabe, pode evitar ler sempre que lhe apetecer, sem qualquer constrangimento.

B.: Não morreu nenhum com a peste?

E.P.: Não, foram espertos e tomaram muitos cuidados para não ficarem doentes...

Preferi não potenciar a continuação do diálogo, pois como já tinha sentido, e agora confirmado na literatura, as fábulas têm um sentido moral que “fecha portas”, encerra sentidos, e não o contrário, como é desejável e fazem os contos de fadas, que não dão respostas finitas mas soluções que dão confiança com um final aceitável. De qualquer forma, é sempre uma oportunidade de identificar, espelhar, proporcionar identificações relacionados com seus medos e angústias.

Larga o livro das fábulas e pega no dos contos.

B.: Agora esta! (*Branca de Neve e os Sete Anões*).

Lida a história:

B.: Teve sorte...

E.P.: Porquê?

B.: Porque veio um príncipe salvá-la...

E.P.: Pois foi... acontece muitas vezes, quando se pensa que está tudo perdido...

B.: E *O Patinho feio*?

E.P.: Pois, o patinho também pensava, depois de tudo o que passou sozinho, que não ia conseguir desprender as patinhas do gelo sozinho e que morreria dessa vez...mas conseguiu com a ajuda do caçador que apareceu...

B.: Não conseguiu sozinho...

E.P.: Não sabemos se não teria conseguido se não tivesse aparecido o caçador...mas o que importa é que apareceu.

Procura o conto do patinho, abre, vira para mim e coloca as mãos na face com os cotovelos apoiados na mesa, esperando que inicie a leitura.

E.P.: Queres que leia?

B.: Sim...

E.P.: Estás preparado?

B.: Tou...

Uma das características de que tenho vindo a aperceber-me, não só com o Barnabé, é que a determinada altura começamos a partilhar palavras e expressões, como é o caso de *Estás preparado?*. Esta expressão teve primeiro lugar numa das primeiras sessões com Barnabé, em que anunciou que ia preparar um “lanche” para ambos e perguntou “*Estás preparada?*”.

Penso que é uma forma de anunciar que se trata de um momento importante, foi a interpretação que fiz na altura e continua a fazer. A minha pergunta foi pois no mesmo registo, com a mesma intenção, se bem que não conscientemente, e perspectivando proximidade terapêutica. Já aconteceu várias vezes; utilizar espontaneamente expressões dos meninos que tento acompanhar.

No meio da leitura, que tento animar mimética e verbalmente, Barnabé subiu para cima da mesa e permaneceu com uma atenção e envolvimento inéditos, pelo menos assim parece, até ao final da história. Sob o ponto de vista pedagógico, talvez devesse ter

chamado a atenção para a inadequação do procedimento. Mas fiquei encantada com a intimidade do momento, além da beleza estética da imagem é claro, que me pareceu fruto de um processo de leituras, releituras, discussões, elaborações, interiorizações, como um “cheque-mate” cuja peça parece não encaixar bem no local destinado, apesar de finalmente encontrado. Portanto, vejo essa atitude como um esforço extraordinário (no sentido literal da palavra) para alcançar a reparação ou esse consolo ainda não suficientemente consolador.

E.P.: O que pensas deste longo voo do patinho?

B.: Não penso nada...e tu?

E.P.: Penso que um patinho com tanta coragem e força para voar tanto, apesar de ter sido abandonado por todos, só podia transformar-se num belo e querido cisne...aliás será que ele alguma vez foi feio?

Olha para mim durante alguns segundos, num momento de silêncio particularmente perturbador para mim (é que sinto estar sempre a roçar o limite), pois é tão pouco habitual olhar para mim quando estou a olhar para ele que me senti insegura em relação à assertividade da resposta à pergunta que eu própria provoqueei. Não comenta. Volta a pegar no livro, continua folheando, folheando, folheando.

B.: Não quero mais nenhuma. Vamos embora?

E.P.: Sim, acompanho-te ao teu educador.

Uma das situações que ainda não foi possível contornar é o fim abrupto das sessões quando Barnabé fica demasiado angustiado, utilizando assim o fim da sessão como forma de resistência. Contudo, penso que só contendo, aceitando, não como finalidade mas como processo, é que Barnabé poderá, neste contexto, desinibir-se cada vez mais, como tem acontecido.

Hoje percebo o efeito de ter aceitado, sem demais, a interrupção de Barnabé da segunda sessão a poucos minutos de ter começado. Talvez neste contexto funcione como uma espécie de *técnica paradoxal*, na medida em que a quebra do autoritarismo é algo

muito desejado pelas crianças mas inexistente no funcionamento institucional. Uma das razões pelas quais, penso, Barnabé se sente bem no contexto de sessão é por não se sentir dominado, controlado, mandado, enfim, submetido. Naturalmente, num processo, procurar-se modificar gradualmente os modos de funcionamento mental que trazem prejuízo ao sujeito, neste caso a Barnabé. Barnabé percebe que era minha intenção continuar o diálogo, mas se o aumento da angústia não o permite ainda, penso que o meu papel é aceitar e continuar a trabalhar no sentido da simbolização e tolerância à frustração crescentes. Até porque isso, a tolerância e aceitação de minha parte, parece constituir também uma reparação.

Outro aspecto parece revelar-se reparador. Barnabé adora que o acompanhe ao educador (coisa que nem sempre acontece). Penso que isto estará relacionado com necessidade de reconhecimento exterior do afecto que existe entre nós e, muitas vezes, mas mais noutras situações, puro exibicionismo. Vejo esse exibicionismo de forma positiva, como algo natural que deveria ter ocorrido se tivesse havido oportunidade no seu desenvolvimento. Acredito que contendo sem valorizar esse exibicionismo, não passará de uma fase, como foi a enorme birra quando comecei a acompanhar individualmente os colegas (Barnabé ficou toda a manhã à porta da biblioteca, enquanto ia tendo sessões com os outros meninos, e chegou a esmurrar a porta, pedindo para entrar).

Anexo 37

24ª Sessão

02/03/2008

Síntese da 24ª Sessão

I – Contexto da 24ª sessão

16h50 às 17h45

Materiais: Aguarelas.

Objectivo: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*, pintura.

II - Observação clínica

Barnabé trouxe uma caixa de madeira que tinha acabado de construir com os colegas.

B.: Olha o que eu trouxe...

E.P.: Tou a ver...mas o que é?

B.: Não vês que é uma caixa?

E.P.: Vejo, e para que é?

B.: É para nós pintarmos, isto dá não dá?

E.P.: Sim, isto é madeira, podemos pintar com as aguarelas, fazemos uma pasta mais forte para pegar bem...

Enquanto preparamos os materiais necessários à actividade (aguarelas, água, pincéis, tampinhas com água para lavar pincéis)...

E.P.: Queres contar-me a história desta caixa?

B.: Fui eu e o Pisca (colega de Barnabé, cujo tique ocular lhe dá a alcunha)...

E.P.: Está muito bem-feita. Como a fizeram?

B.: Era uma tábuas que tinha ali atrás, depois aproveitamos a fita-cola dos teus cartazes que tavam no lixo (refere-se ao cartaz anunciando “O Principezinho”).... .

E.P.: E estes pregos?

B.: Tavam com as tábuas, mas tivemos que pedir ao Sr. Ferreira para tirá-los e depois pusemos nós com um seixo...

E.P.: Quanta criatividade!!

B.: O que é isso?

E.P.: Ehhh.....é uma maneira especial, que não se está a contar, de fazer as coisas, no fundo é fazer alguma coisa nova a partir de outras que já existem, por exemplo, você pegaram em vários materiais velhos, usados, e fizeram uma coisa nova, isto chama-se criatividade...

B.: Iá, iá dragão... (expressão corrente em Barnabé que tenta evitar nas sessões, mas que por vezes sai).

E.P.: Estás a chamar-me dragão?

(ri-se envergonhado)

B.: Não!!!

E.P.: Eu sei querido, estou a brincar contigo...

B.: Tava a ver...

E.P.: O quê?

B.: Nada...

Tive a nítida sensação de que conteve uma resposta já pronta e que exhibe muitas vezes, do género “Que vou morrer”, “Que é o fim”, entre outras. A pulsão de morte já foi mais premente. Nas primeiras sessões, sempre que surgia, algum diálogo, isto é uma parte do diálogo mais ambíguo, Barnabé interpreta, ou passa essa ideia, em termos de ataque à sua própria vida.

Barnabé observa atentamente como preparo a pasta, enquanto parece fazer festinhas à caixa.

B.: Achas que isso vai pegar? (refere-se à pasta de aguarela que estava a preparar).

E.P.: Na madeira sim, mas na fita-cola acho não, mas também acho que fica gira sem pintar, como é transparente...

Começamos então a pintar a caixa, segundo as orientações de Barnabé (em relação às cores a usar, as partes destinadas a serem pintadas por mim e as partes a serem pintadas por ele).

É curioso o ambiente que se criou; muito parecido com as interacções do Squiggle: actividade muito democrática, no sentido em que ambos participamos e com regras muito simples e que permitem toda a liberdade de expressão e permite criarmos algo juntos. Não há dúvida de que esta caixa simboliza algo muito importante.

Trazer uma caixa pareceu-me algo positivo, fez-me pensar que talvez a caixa fosse para ajudar a guardar as coisas que ele ainda não consegue interiorizar, como a esperança da última sessão, e isso indicaria uma vez mais, um desejo de ligação. Por outro lado, seria

uma forma de dizer-me que sente demasiado os *conteúdos* que procuro direccionar para o seu ainda frágil *continente*? Pensei também no que diz Fátima Cabral (2007) ao relacionar estes conceitos bionianos com o tratamento de crianças muito doentes; de que muitas estas crianças não têm ainda um *continente* para receber os *conteúdos*. Deixei-me levar por essas ideias para a actividade de pintar a caixa. Conta-me que fizeram a caixa com umas tábuas que encontraram abandonadas, com uns pregos que o Sr. F. arranjou (funcionário do Lar) e com a fita-cola de um dos cartazes que eu fixei no hall do Lar (cartazes que anunciam actividades, passeios ao exterior). Estaríamos então a enfeitar, embelezar, fortalecer esse frágil e abandonado *continente*, agora reconstruído por ele próprio com a ajuda do colega, do Sr. F. e da fita-cola que liga, junta. Para mim, nesse momento, é claro; como Barnabé quer ligar-se a mim como a melhor forma de conseguir ligar-se a ele próprio.

Falámos de criatividade, da importância de transformar coisas velhas em coisas novas, tal como ele e o colega, criativamente, fizeram. De como as coisas podem ser transformadas, ligadas, por muito velhas e estragadas que estejam.

E.P.: Pronto, está pronta! E agora, qual é o próximo passo?

B.: Secar.

E.P.: Já está, as aguarelas secam muito depressa.

B.: Eiii...pois é, agora é para pôr bichos dentro...

E.P.: A sério? Vai prender aí bichinhos?

B.: Sim que é para eles saberem o que é estar preso...

E.P.: O que é estar preso?

B.: Vou mostrar ao Pisca, até se vai passar... xau.

E.P.: Dás-me um beijinho?

B.: Sim.

Já descia as escadas perguntei-lhe: “Depois liberta-los?”. “Sim, eu não sou a directora”, respondeu.

Referências:

Cabral, F. (2007). A Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje. In Cabral, F.. *Construção do Simbólico, A Psicanálise Hoje* (Curso).



Anexo 38

25ª Sessão

06/04/2008

I - Contexto social do contacto com a criança anterior à 25ª sessão

O Barnabé esteve cerca de duas semanas em casa da tia e dos avós em Aveiro (moram todos na mesma rua).

Habitualmente, quando chego ao Lar, ultimamente aos Domingos de manhã, Barnabé é dos primeiros a cumprimentar-me e acompanhar-me ao átrio. Hoje Barnabé encontrava-se sozinho num dos campos de jogos (onde o pude ver) a chutar uma bola contra uma parede. Observei-o um pouco sem que me visse. De vez em quando soltava um gemido que acompanhava os chutos mais enfurecidos. Iniciei os acompanhamentos e, depois da primeira sessão, encontro Barnabé novamente sozinho sentado num dos muros direccionados para o Douro.

E. P.: É mesmo muito bonita esta paisagem, não é?

B.: Frorencia!!! Ei.... Nem a vi chegar....

E. P.: Eu sei, estavas a brincar no campo, não quis interromper o jogo...

B.: Viste-me? Como é que eu não te vi?

E. P.: Sim vi, quando cheguei, tu não viste porque estavas entretido com a bola.

B.: Sou eu agora? Posso ir eu agora?

E. P.: Sim claro.

B.: Olha só o que me deu a minha tia...

E. P.: A tua tia S.?

B.: Sim!

Mostra-me, orgulhoso, uma trotineta.

B.: É altamente não é?

E. P.: Sem dúvida...e tem uma cor muito alegre...é das cores que mais gosto.

Entretanto aproximam-se três colegas que pedem a trotineta emprestada. A relação que têm com os objectos é, geralmente, muito possessiva e, muitas vezes, quando não é, relaciona-se com situações em que pretendem provar algo ou impressionar (simulações de altivez, etc).

“Barnabé, empresta-me a tua trotineta”, pede um dos seus colegas.

Barnabé levanta-se muito vaidoso e conferido de importância pela trotineta e diz alto e bom som: “Dez minutos cada um e depois é para o T., que já pediu ao bocado, em primeiro tu, depois tu e depois tu, quando sair dali (aponta para a biblioteca) vou buscá-la ao T.”.

Dirigimo-nos para a biblioteca.

Síntese da 25ª Sessão

II – Contexto da 25ª sessão

17h00 às 17h55

Materiais: Bonecos de Barnabé (oferecidos pela tia S.). Mala de materiais da *Hora de Jogo Diagnóstica*. Livro de conto de fadas.

Objectivo da sessão: Observar o impacto das férias da Páscoa em Barnabé.
Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias. Faz-de-conta. Leitura de contos.*

III - Observação clínica

E. P.: Fico muito orgulhosa de ti por partilhares os teus brinquedos...

B.: É, eu agora empresto tudo, mas se estragam nem imaginam o que acontece...

E. P.: Se estragar pedes ao Sr. Ferreira para arranjar, que eu sei que ele tem muito jeito para estes arranjos. Assim, imagino que seja muito mais divertido para todos porque se todos partilharem os brinquedos há mais brincadeiras, mais amizade, tornam-se mais unidos...

B.: Pois é...Tiveste com a tua família?

E. P.: Porque me perguntas isso?

B.: Ohh... não posso saber nada...

E. P.: Eu não disse isso, apenas gostava de saber porque é importante para ti saberes coisas de mim... mas se não queres dizer, não digas...

B.: Eu perguntei primeiro!!! (muito irritado, com tom de quem sofre injustiças, por dirigir-lhe outra pergunta antes de responder àquela que me tinha sido colocada).

E. P.: Barnabé, acalma-te, é claro que podes saber... Sim estive. E tu?

B.: Também, com a minha tia, com os meus avós...(diz não muito consolado)

E. P.: E como foi?

B.: Foi fixe (responde muito rapidamente antes que o afecto lhe “enviesasse” a resposta que pretende dar -desligada de afectos).

Não é a primeira vez que Barnabé inicia uma conversa que depois parece querer evitar. Vejo esta ambiguidade, como uma espécie de defesa cujo armamento é cada vez mais subtil e necessário às suas tentativas de pensar a emoção.

E. P.: Como está a tua família?

B.: Está...está...não sei... (substitui, como é bastante frequente a verbalização/resposta, isto é o pensamento, pela acção, utilizando um saquinho cheio de bonequinhos que trouxe de Aveiro).

As expressões faciais de consternação, bloqueio, e as próprias palavras: “Está...está...não sei...”, parecem dizer-me que ainda não consegue falar directamente sobre a família, sobre as coisas que a família o faz sentir. Também por isto a livre associação de ideias a partir dos contos se revele extraordinária, pois é a forma que Barnabé encontrou de falar-me de si, da sua família e de tudo que isso o faz sentir.

Começa a mexer no novo livro (*Hansel e Gretel*) pousado sobre a mesa e misturado com outros livros de contos, poesia.

E. P.: Conheces?

B.: O quê?

E. P.: Essa história...

B.: Ah conheço. Os meninos foram com a mãe má para a floresta, depois ele deixou cair migalhas mas não deu apetece-me morrer...

Faço um breve silêncio, enquanto tento reagir o mais neutramente possível.

E. P.: Porque dizes isso meu querido?

B.: Porque sim.

E. P.: Porque sim?

B.: Porque há muito calor...

E. P.: Espero que isso só aconteça quando fores muito velho...

B.: Porquê?

E. P.: Porque sou a tua amiga psicóloga que está aqui para te dar força para viver, porque preocupo-me contigo, porque gosto muito de ti e quero que tenhas uma vida longa e muito feliz.

Levanta-se da mesa e começa a deambular pela sala, vendo os vários desenhos afixados, as esculturas em barro, massa branca e plasticina, como se estivesse à procura de alguma coisa previamente definida.

E. P.: Procuras alguma coisa?

B.: Não, estou só a ver.

A atitude de procura intensifica-se; os movimentos tornam-se mais rápidos, inclusive os oculares. Parece procurar algo que atenua a angústia que sente.

E. P.: Tenho uma brincadeira para te propor...

B.: Não quero, não quero brincadeira nenhuma, nem histórias, nem rabiscos, nem desenhos, nem brincar com os brinquedos, nem fazer de conta nem nada.... (a irritação aumenta conforme enumera as brincadeiras que não podem conter sua angústia).

E. P.: Está bem, tu sabes que aqui eu não te obrigo a nada e além disso a que ia propor não é nenhuma dessas....

Senta-se no chão, espalha os bonequinhos que trouxe com ele, volta a arrumá-los.

B.: Vou lá para baixo.

Desço com ele. Fico a observar com alguma distância, embora ele saiba que o observo. Volta a subir para trazer o saquinho de bonecos. Senta-se debaixo da mesa sem fazer nada. Passam cerca de dois minutos, o silêncio começa a ficar incómodo para ambos.

B.: Não vens para aqui?

E. P.: Posso?

B.: Sim podes (responde assumindo a liderança da relação).

Sento-me, no chão, não debaixo da mesa, mas imediatamente a seguir (cerca de 1,5 metros de distância dele).

B.: Porque vieste para aqui?

E. P.: Porque me convidaste.

Mexe em todos os bonecos. Dá-me dois: “pega estes são os teus filhos”.

E. P.: Como se chamam, é um menino e uma menina não é?

B.: Não! (retira a menina) É só um menino.

E. P.: E como se chama?

B.: Óscar⁷.

E. P.: Achas que ele está com fome, frio...?

B.: Está com muito frio, é o outro irmão do Hans, que também foi abandonado mas não aparece na história, os irmãos deixaram-no na floresta e nunca mais ninguém se lembrou dele...

E. P.: Como puderam fazer tal coisa?

B.: Fizeram porque são maus...

⁷ Barnabé atribuiu a esta personagem o seu segundo nome, razão pela qual se utilizou um nome fictício.

E. P.: Eu vou cuidar dele. Pegas nele enquanto vou buscar comida e uma mantinha...?

B.: Sim, responde com ar espantado e um leve sorriso que parece dizer “tu brincas mesmo a sério”.

Subi ao andar superior e trouxe um paninho (para servir de mantinha), um saco de areia (para servir de almofada), um pratinho, uma colher, água e um copinho (brinquedos que integram a mala da *Hora de Jogo Diagnóstica*).

Quando desci verifiquei que Barnabé mantinha-se como tinha ficado; com expressão incerta, segurando e tremelicando o boneco entre os dedos que pareciam deixá-lo cair a qualquer momento.

E. P.: Dás-me o Óscar?

Tento pegá-lo com muito cuidado enquanto Barnabé olha e sorri incrédulo. Enrolo-o no paninho agora transformado em mantinha.

E. P.: “Agora vamos dar-lhe uma sopa quentinha e depois acho que só precisa dormir um bocadinho no meu colo para sentir que não está sozinho e adormecer”.

B.: Lembras-te quando foste ver-me ao meu quarto?

E. P.: Sim, estavas doente com uma otite e eu quis saber como estavas...

B.: Pois foi, doía mesmo o ouvido, mas nessa noite dormi altamente...

E. P.: Ai sim? Não me tinhas dito que dormiste bem, apesar das dores...

B.: Mas dormi... (diz com olhar pregado ao chão).

E. P.: Ótimo, dormir é muito importante, principalmente quando estamos doentes.

Senti que Barnabé queria falar do afecto que sentiu por ocasião da otite, quando lhe li uma história na cama, cobri-o, fiz-lhe algumas advertências (no sentido de prevenir a possibilidade de se destapar durante a noite) e dei-lhe um beijinho de boa noite.

E. P.: Que bom que não ficaste com aquelas dores horríveis, nos ouvidos...

B.: Que jogo falaste ao bocado?

E. P.: Era aquele da imaginação e dos olhos fechados, lembraste?

B.: Ah já sei, mas também não quero...

E. P.: Tens alguma ideia agora que o Óscar já dorme...?

B.: Não dorme nada!!!

E. P.: Não? Parecia mesmo... De que achas que ele precisa?

B.: De uma história e de um beijinho...faz de conta que vais ler mas não precisas acabar, lê só um bocadinho e depois dá-lhe um beijinho...

E. P.: E que história leio?

B.: *O Patinho feio.*

Mal comecei a ler a história e logo Barnabé interrompeu, talvez querendo transmitir ciúme, não se projectando no boneco, ou, pelo contrário, projectando-se e querendo dizer que foi tão bem cuidado que até adormeceu logo, tal como Barnabé teve um sono tranquilo quando fui visitá-lo a seu quarto por ocasião da otite.

B.: Pronto já tá a dormir.

E. P.: Vamos deixá-lo aqui a dormir e vamos lá para cima? Quando tivermos de ir embora acordámo-lo...

B.: Não, vamos ficar aqui com ele.

E. P.: Mas nós não vamos deixá-lo, só vamos dar-lhe mais sossego para dormir...

B.: Não, já disse que não!! (já bastante irritado com a minha insistência).

Permanecemos cerca de 5 minutos (entretanto aproximava-se a hora de terminar) vendo Óscar dormir. Barnabé vigiava-me por entre as brincadeiras com os seus bonecos (espalhou vários bonecos naquele sítio, num cenário que lembrava a preparação de um assalto) e os olhares cuidadores direccionados a Óscar.

De facto, tenho verificado que Barnabé vem sempre muito instável (ao nível psicomotor, numa espécie de hiperactividade) e frustrado dos fins-de-semana ou das férias. São realmente muito complexas as relações que se passam nestas famílias. É claro que é fundamental este contacto, principalmente quando já se criou um espaço terapêutico capaz de “mastigar” as frustrações trazidas de casa, mas ocorre-me muitas vezes a ideia, certamente errada, de que seria preferível abandoná-lo de uma vez, pois pelo menos assim tinha uma situação estável e definida para trabalhar em contexto terapêutico.

Nota: Esta forma de o tratar – meu querido – foi utilizada inicialmente como uma forma de consolo. Posteriormente debati-me com a dificuldade de ajudá-lo a distinguir tipos de amor (com o interesse crescente por questões relacionadas com a sexualidade), amor de mãe, amor de namorados, amor de amigos, e senti que poderia ser, além de uma forma de consolo, a introdução de uma expressão que o faria pensar. E resultou. Inicialmente estranhava e questionava: “meu querido?”, depois voltava a questionar: “porque dizes isso?” e por fim “os amigos também podem ser queridos?” e finalmente tenta devolver, mas ainda não consegue fazê-lo como parece desejar (dizer meu nome com uma voz estranhamente doce ou dizer a um educador “ela é minha amiguinha”, entre outras situações de claro desejo de transmissão de afecto). E ia lhe dizendo “às vezes tratamos por queridos as pessoas de quem gostamos e com quem nos preocupamos, podem ser família, namorados, mas também amigos, professores.

IV - Análise do conto *Hansel e Gretel*⁸ escolhido para e reflexão associativa com as relações familiares de Barnabé e consigo próprio

Este conto não foi lido, pois Barnabé já o conhecia e podemos assim passar directamente para a discussão do conto.

Tal como disse Barnabé, o conto trata de dois irmãos que “foram com a mãe (madrasta) má para a floresta”.

Nenhum dos contos abordados trata tão realisticamente a questão do abandono. Como diz Bettelheim (2002) o conto começa com as preocupações realistas dos pais pobres que não sabem como vão criar os filhos, discutindo à noite a solução. Efectivamente, a pobreza não ajuda as relações e torna as pessoas mais vulneráveis a cometerem erros, tal como os pais desesperados que, não tendo dinheiro ainda que com afecto, vêm-se obrigados a deixar os filhos em instituições ou mesmo em hospitais, fazendo-se acompanhar de bilhetes que apelam aos cuidados para com o filho.

Este aspecto parece ajudar desde logo a criança a melhorar as imagens internas dos pais, de forma a melhor suportar essa ansiedade impensável, que refere Strecht (2002).

Como sabem que precisam desesperadamente dos pais *Hansel e Gretel* voltam para casa mesmo depois de abandonados, como Barnabé volta tantas vezes, apesar das consecutivas rejeições.

Abandonadas e rejeitadas dão asas à sua saciedade oral (casinha de chocolate), como os meninos separados dos pais que apresentam características de desejo de devoração oral.

Como refere Bettelheim (2002) este conto ensina a criança a reconhecer-se e, no caso de Barnabé, parece ter um impacto poderosíssimo: além de todas as identificações permitidas o próprio Barnabé introduz uma quinta personagem, o irmão abandonado que não aparece na história, comunicando assim o quanto se sente abandonado, rejeitado. De

⁸ Para aprofundar interpretação psicanalítica do conto consultar, Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora, pp. 203 - 211.

facto, as duas irmãs de Barnabé não foram abandonadas nem rejeitadas, pelo menos que se saiba, foram acolhidas e criadas pela avó materna logo após a morte da mãe.

Referências:

Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand Editora.

Strecht, P. (2002). *Crescer vazio. Repercussões Psíquicas do Abandono, Negligência e Maus Tratos em Crianças e Adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.



Anexo 39

26ª Sessão

13/04/2008

I - Contexto social do contacto com a criança anterior à 26ª sessão

B.: Florência!!! (voltou a ter uma dicção correcta). Vamos ler uma história? (diz ao ver-me chegar. A expressão “Vamos ler uma história?” é nova e só no final da sessão percebi o que anunciava esta frase”.

E.P.: Sim, eu chamo-te daqui a um bocadinho.

B.: Oh.... não sou eu agora?

E.P.: Tem calma, vai brincar um bocadinho que eu vou já chamar-te.

II – Contexto da 26ª sessão

18h15 às 19h05

Materiais: Livro de contos de fadas. Materiais da mala da *Hora de Jogo Diagnóstica*.

Objectivo da sessão: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização. Realização de um novo livrinho de Barnabé (livro de histórias que tínhamos feito mas que ele rasgou depois).

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias. Leitura de contos de fadas.*

III - Observação clínica

Barnabé está muito mais calmo e tolerante do que na semana passada. Isso foi visível, desde logo, na reacção à necessidade de espera para a sessão.

B.: Porque não ficaste na minha mesa no lanche?

E.P.: Porque quando me convidaste já tinha aceiteado o convite do T.

B.: Também gostas dele?

E.P.: Porque perguntas isso?

B.: Por nada....

E.P.: Tu sabes que eu gosto muito de vocês, todos...

B.: E eu?

E.P.: De ti também, claro.

B.: Igual?

E.P.: Não, vocês são todos diferentes por isso é normal que goste de todos de maneiras diferentes.... por exemplo, tu és o menino com quem estou aqui há mais tempo, por isso é natural que haja mais proximidade entre nós.

Barnabé parece ficar satisfeito com o destaque que lhe conferi, essencial para a vitalidade da relação.

B.: Lê-me a história?

E.P.: Sim, qual queres?

B.: *Os três porquinhos.*

Quando a história estava aproximadamente na 3ª página (para minha frustração, não consegui reter ao certo a página e a frase; não estava preparada e fiquei demasiado encantada com o momento) disse: “Eu leio esta frase”. E fê-lo, com muita dificuldade, mas fê-lo. E quando ia ajudá-lo numa palavra especialmente difícil, elevou a voz e disse repentinamente: “Não digas nada, eu leio!”, com uma segurança e determinação quase inacreditáveis. Senti-me muito insegura e fundamentalmente ridícula, por não ter controlado a ansiedade provocada por um momento tão desejado.

B.: Agora quero esta! (*João e o Pé de Feijão*)

É muito curiosa a relação que se pode estabelecer entre a simbologia do conto – tornar-se independente emocionalmente de uma mãe pouco continente, dependente emocionalmente do filho, e demasiado controladora – e o momento altamente paradigmático na relação terapêutica (passar do estado de não pensamento, para pensamento; de não leitura para leitura).

Finda a primeira página do conto diz: “Eu leio esta página e tu a outra!”

E.P.: Ok! Então és tu!

Percebi nesse momento porque se tinha referido às histórias de um modo novo, ainda antes do início da sessão (“*Vamos ler uma história?*”). Barnabé já teria planeado esse momento e, muito provavelmente, teria treinado a leitura durante a semana. É claro que a minha vontade foi avançar de imediato (trazer-lhe esse progresso, esse envolvimento à consciência) mas isso poderia representar pedir-lhe ainda mais, faria sentir-se responsabilizado, comprometido, demasiado pressionado. Sinto de forma muito intensa que são necessários compassos de espera, de tolerância, acompanhá-lo e não tomar a dianteira da relação diádica. O objectivo a que me proponho é voltar a assuntos que são importantes

em períodos em que Barnabé demonstra maior capacidade de *insight* e tolerância à frustração.

E assim terminámos de ler a história. De vez em quando Barnabé perguntava “como se lê esta?”, repetia a palavra agora decifrada e prosseguia como se não tivesse havido qualquer interrupção. À terceira página, ou seja, chegada novamente a minha vez, Barnabé ficou tão excitado com o sucesso de sua leitura, penso, que começou a exhibir tiques (abandar as mãos, p.e.), depois, como é muito sensível às minhas reacções e não conseguiu deixar de observar abertamente, apesar de não ter tido qualquer reacção, substituiu os tiques por uma dança cantada. Depois, enquanto esperava que acabasse a cantoria para continuar a ler, disse como se tivesse acabado de fazer mais uma actividade (a dança) indispensável à tarefa completa (ler sem medo): “Já está, podes continuar”. Este padrão manteve-se até ao final da história. Além disto, não só quebrou a barreira do medo como ainda se atreveu a conferir um toque de dramatização nas frases mais apelativas: “UM, DOIS, TRÊS, UM DOIS, TRÊS, CHEIRA-ME A SANGUE DE HOMEM INGLÊS!” (engrossou a voz, como a de um verdadeiro gigante, que eu tento reproduzir na leitura deste conto).

Foi um momento de grande diversão, porque invertidos os papéis, não pude deixar de demonstrar o quanto me diverti a sua leitura animada! Portanto, acabou por ser algo parecido à teatralização de um conto, utilizando como principais ferramentas os aspectos para-linguísticos.

Por fim propus-lhe: “Podemos agora voltar a fazer o teu livrinho?”

B.: Que livrinho?

E.P.: O teu livrinho de histórias que fizemos ... lembras?

B.: Sim...

E.P.: Eu entendi que o rasgaste porque estavas com raiva, mas já passou não já?

B.: Sim...

E.P.: Então pudemos fazer outro, para por lá as tuas histórias...?

B.: Sim...

Fizemos um novo livrinho, com os mesmos materiais (cartolina e fio amarelo).
Combinamos continuar na sessão seguinte, nomeadamente pintá-lo.



Anexo 40

27ª Sessão

20/04/2008

Síntese da 27ª Sessão

I – Contexto da 27ª sessão

15h15 às 16h10

Materiais: Materiais da mala da *Hora de Jogo Diagnóstica*. Folha branca. Caneta.

Objectivo da sessão: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*. Pintura.

II - Observação clínica

“Não quero falar”, anuncia Barnabé ao entrar na biblioteca. Folheia um livro lentamente, fazendo ainda dele defesa, mas de uma forma distinta à da relação inicial com

os livros, de mera defesa, Barnabé interessa-se também pelas letras, pelas frases, pelas coisas que as palavras contam. Aquilo que era mera defesa acabou por cativá-lo.

Alguns minutos após um longo silêncio diz: “Vou fazer um desenho! Ó não vou nada...”.

E. P: Não tens de fazer, se não te apetece... o que te apetece fazer?

B.: Não sei...

E. P: Posso dar uma ideia?

B.: Sim.

E. P: Podemos continuar o teu livrinho?

B.: Não está já?

E. P: Nós tínhamos combinado pintá-lo....

B.: Sou o primeiro a pintar...Qual a melhor cor, branco ou preto?

E. P: Eh... e as outras cores?

B.: Branco ou preto?

E. P: Escolhe tu...

B.: Vou vender este livro, achas que mo compram?

E. P: Primeiro vamos preparar o livrinho...por fora...e por dentro. E depois disso já serás melhor contador de histórias, e aí veremos qual é o próximo passo... mas não tenho dúvida de que se quiseres serás um grande escritor e contador de histórias e é claro que isso dá dinheiro...

B.: Muito?

E. P: Quanto melhor fores a escrever e contar mais ganharás...

B.: Preto, vou pintar primeiro com preto...

E. P: E o que vais pintar, já pensaste?

B.: Eh...não sei.

E. P: Então pensa em alguma coisa que te apeteça pintar e depois então podemos começar.

Pintou, com aguarela de cor preta, um traço na vertical partindo da base da frente do livrinho (ou seja a capa) e no cimo da recta um círculo fechado.

B.: Uma flor. Eu pinto aqui dentro (corresponde ao centro da flor) e tu fazes as pétalas...

E. P: Ok. De que cor?

B.: Verde.

E. P: Ok.

Barnabé quis dar o título de “Banda desenhada”. Penso que a escolha do título, que ele não quis explicar, poderá estar relacionada com a vontade de não querer repetir o mesmo título do outro livrinho (As histórias de Barnabé), evitando assim pensar mais. Por outro lado, outra hipótese, é a de que tenha havido cruzamento de informações (sobre o que se faz na psicóloga) com um dos outros meninos que acompanho e de quem Barnabé sente particular ciúme (esse menino quis “contar uma história com desenhos”, tendo a sua vontade resultado numa banda desenhada), comunicando-me assim esse sentimento. Resta ainda, pelo menos, a hipótese de simplesmente gostar de banda desenhada e, na angústia e constrangimento de não saber que título dar, evita assim maiores angústias.

B.: Vou-me vender a mim...

E. P: Há coisas que valem mais do que todo o dinheiro do mundo junto...

B.: Que coisas?

E. P: As pessoas, tu, por exemplo... o que me queres dizer com isso?

B.: Se me vendesse, podia comprar o que quisesse...gomas...

E. P: Se isso fosse possível, terias um dono. Já pensaste nisso? Um dono que não haveria de ser nada bondoso...

B.: Porquê?

E. P: Porque as pessoas boas sabem que os seres humanos, novos ou velhos, não têm preço, assim como a amizade, o amor, o companheirismo, são coisas que não há dinheiro que pague...

B.: É por isso que tás aqui de graça?

E. P: Também...

B.: E que mais?

E. P: Aprendo muito com vocês...

B.: O quê? Como?

E. P: Com estes encontros, com as vossas histórias, com as vossas vidas...

B.: Vou inventar uma história...tás pronta?

E. P: É para já! (pego rapidamente numa folha e numa caneta, não lhe vá fugir a inspiração):“ O Barnabé”

“Era uma vez um menino que vivia num castelo que a mãe e o pai nunca deixavam ver o mundo. O Barnabé um dia foi almoçar e depois quando acabou de almoçar pegou numa faca sem o pai ver. Todos os dias à noite o Barnabé partia um bocadinho da parede com a faca e depois o Barnabé tapava o buraco com uma almofada.

Um dia o Barnabé desceu pelo buraco e viu uma princesa e a princesa tinha um papel e um lápis.

Quando o Barnabé viu o papel e o lápis escreveu: “Eu vi-te e tu não me viste”. Finalmente o Barnabé quando ia a subir o muro a princesa acordou e viu o Barnabé. A princesa disse que queria falar com o Barnabé. A princesa perguntou ao Barnabé: “Queres casar comigo?”. A princesa disse que sim e viveram felizes para sempre.”

E. P: Mas que linda história!

B.: Podemos ir embora?

E. P: Claro, esperas só que guarde a tua linda história no teu livrinho?

B.: Tá bem.

Anexo 41

28ª Sessão

27/04/2008

Síntese da 28ª Sessão

I – Contexto da 28ª sessão

14h30 às 15h20

Materiais: Folhas brancas. Lápis de cor. Aguarelas. Caneta.

Objectivo da sessão: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*. Pintura.

II - Observação clínica

O Barnabé está eufórico, diz que quer vender o seu livrinho de histórias. Pergunta se acho que podemos vendê-lo por 5 euros. Digo-lhe que o livrinho dele vale mais do que dinheiro e que vendê-lo por 5 euros seria um grande disparate. Digo-lhe também que se quer fazer dinheiro com as suas histórias, então poderia inventar mais, escrevê-las, porque as histórias que ele inventa escritas por mim não tem o mesmo valor a serem escritas pelo próprio autor (ou seja, ele próprio). Mostra grande resistência em escrever (não que eu tenha sugerido directamente) e apercebo-me de que minhas expectativas podem ser demasiado pesadas, exigentes para ele, o que se pode tornar até cruel, penso.

Digo-lhe então que teremos mais encontros onde poderemos ir enriquecendo seu livrinho, porque ele também está cada vez mais rico, não de dinheiro, ainda, mas de imaginação, de criatividade, de ideias, mais rico de possibilidades, de caminhos que o podem levar onde ele quiser. Acrescento que o esforço e envolvimento nos nossos encontros repercute-se na forma dele estar; mais atento e interessado nas coisas à sua volta (era muito difícil chamá-lo à realidade, a maior parte das vezes ignorava quando o chamava ou lhe propunha algo), com vontade de fazer cada vez mais e melhores coisas, como o teatro, os desenhos e as histórias, por exemplo, mais consciente das suas qualidades, como o patinho que parecia feio mas que entretanto, com aquela longa e dura caminhada solitária aprendeu muito e alcançou uma beleza nunca vista, tornando-se um belo e poderoso cisne.

E.P.: Eu vejo-te cada vez mais crescido... sinto que temos feito um grande trabalho e que estamos a cumprir o objectivo destes encontros....

B.: Que objectivo?

E.P.: Na primeira sessão...lembras-te?

B.: Eh....não....

E.P.: Quando combinamos que eu estou contigo para te ajudar a ser mais feliz e a tornares-te num homem, lembras-te?

B.: Ah sim.

E.P.: E o que achas?

B.: Acho que sim que estou mais feliz...

E.P.: Sim eu também sinto isso, fico muito feliz por isso, mas ainda temos estradas a percorrer...

B.: Então vou fazer uns desenhos para pôr o livrinho mais bonito...

E.P.: Boa ideia! As histórias com desenhos são muito atraentes.

Fez três desenhos: um monstro de três olhos (amarelo, vermelho e azul, cada olho, uma esfera acastanhada em baixo que é o nariz e finalmente um tracejado verde curvilíneo que é a boca), uma espécie de aranha azul com patas pretas e o símbolo da marca de artigos desportivos *Nike* juntamente com a palavra escrita abaixo do símbolo.

É de notar a tendência gradual a optar por outras cores além do preto, que foi a sua cor escolhida durante muito tempo.

B.: Podias passar tu as histórias...

E.P.: Sim podia...mas elas são tuas e assim até pode parecer que não são....escritas por ti tem muito mais valor...

B.: Oh...anda lá...

E.P.: Fui eu que as escrevi enquanto tu as inventavas...para que passá-las outra vez? Acho que fica melhor escritas por ti porque foste tu que as inventaste...mas não te preocupes, quem sabe daqui a um tempinho apetece-te e se não apetercer continuam a ser tuas, sejam escritas ou reescritas seja lá por quem for.

B.: Então escreve mais uma, chama-se a história pequena...Era uma vez um patinho que vivia numa casa sozinho. A mãe morreu de acidente e o pai estava sempre a bater-lhe. E um dia o patinho fugiu de casa e o pai ficou muito zangado e depois foi à procura dele e disse: “Sopa, sopa, sopa!! Nunca mais encontrei o meu filho”. E depois o filho encontrou uma família e foi feliz para sempre”.

E.P.: Para ti a família também é muito importante não é?

B.: É...

E.P.: Tenho a certeza que um dia, quando fores mais crescido, trabalhares e tiveres o teu próprio dinheiro, quando fizeres histórias ainda mais bonitas, quando fores escritor de histórias como tu disseste que gostavas de ser, ou outra coisa que gostes e dê dinheiro, vais poder ter a tua própria família, a tua mulher, os teus filhos, tenha a certeza que serás um marido generoso e um pai empenhado...

Barnabé fica claramente emocionado e por pouco não lhe caem as lágrimas, o que o deixaria, penso, com um sentimento de humilhação. Nas ocasiões em que se emociona é bastante evidente que se esforça por conter porque quer transmitir a imagem de “homem forte”, que pode pensar que eu penso que ele não é, mas que, na realidade, eu sei que ele é.

Anexo 42

Anexo 43

29ª Sessão

01/05/2008

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 29ª sessão

“Eu e o M. fugimos, eu e o M. fugimos!”, repete incansavelmente Barnabé enquanto subimos as escadas que acedem à biblioteca.

É óbvia a vontade de Barnabé em saber o que penso de suas fugas.

Síntese da 29ª Sessão

II – Contexto da 29ª sessão

18h15 às 19h05

Materiais: Folhas brancas. Caneta. Revistas de banda desenhada.

Objectivo da sessão: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias*.

III - Observação Clínica:

E. P.: Estás a dizer isso porque queres saber o que eu penso disso?

B.: Eh...sim...

E. P.: Podes perguntar-me directamente, eu respondo-te. Penso nas coisas que podem acontecer, penso que ainda és um menino, apesar de já seres quase um homem crescido, nos perigos em que podes meter-te, ficámos todos muito preocupados, sem saber o que fazer e muito preocupados...

B.: Todos quem?

E. P.: Todos; eu, a directora, o presidente, os educadores, os teus colegas, os funcionários, as cozinheiras. O que não falta aqui é gente que se preocupa contigo...

B.: Já sabia que eu tinha fugido?

E. P.: Claro que já, assim que entrei no colégio (termo que todos usam para denominar o Lar), sei sempre quase tudo que acontece à chegada...

B.: Das outras vezes também?

E. P.: Sim, das outras também.

Olha-me com expressão confusa, parece ainda ficar surpreendido por não o reprimir em relação a esses comportamentos.

E. P.: Talvez estejas a pensar porque nunca te ralhei por causa das fugas...

Não comenta, mas dá-me o sinal de concordância com o olhar e suspira.

E. P.: É claro que fico preocupada, como já te disse, preocupada por ti, pelo que pode acontecer pelo caminho, porque eu sei que vais para Aveiro, e também com o que pode acontecer ao chegares lá....

B.: Ao chegar lá como?

E. P.: Ao chegares à casa da tua família...

Barnabé baixa a cabeça, tenta olhar para mim, talvez querendo legitimar a minha preocupação e dizer que não acontecem coisas boas, que não é recebido como gostaria e que não adianta muito porque logo o devolvem à instituição, como aconteceu em Fevereiro (21^a sessão).

Não diz nada pela primeira vez. O que acontecia sempre que tentava abordar directamente o tema da família era evitar ou mesmo negar qualquer problema com a família (isso aconteceu em quase todas as sessões, acabando por remeter e responder muitas vezes através dos contos, por exemplo na sessão 3).

E.P.: Parece muito duro para ti quando foges e depois vêm trazer-te ou alguém do colégio vai buscar-te...

B.: E o livrinho?

E. P.: O livrinho está a ficar altamente, mas para ficar excelente falta o dono das histórias passá-las para o papel....

B.: Oh..não...

E. P.: Pronto, tu é que sabes, só pergunto porque disseste que querias ser escritor de histórias, como é que se faz isso sem escrever? Já não queres ser?

B.: Quero, quero.

E. P.: Então que tal enfrentar essa preguiça? Ainda por cima tens uma letra bonita e escreves direitinho quando queres...

B.: Então a mais pequena....

E. P.: Ora deixa ver... pode ser esta?

B.: Está bem... (diz com voz arrastada, como se eu estivesse a obrigá-lo).

E. P.: Olha, tu não és obrigado a passá-las, aliás eu não quero que faças nada obrigado aqui...

B.: Ai é? E se eu não fizer?

E. P.: Perdes uma boa oportunidade de começar a tornar-te um escritor, como tu queres...

Não comenta, pega na caneta com a mão tremente e diz: “Passa-me uma folha se faz favor!”.

E. P.: É para já.

B.: Faz aqui um risco para o título...

Barnabé começa a escrever muito lentamente, pára de vez em quando para dizer:

B.: A minha letra é muito feia...

E. P.: Eu não acho, acho até que para quem dizia que não sabia escrever, escreves muito bem, tens avançado muito depressa na escrita e na leitura...

B.: Ó já me enganei, e agora?

E. P.: Agora riscas e contínuas, isso não tem mal nenhum, toda a gente se engana...

Por vezes pergunta “o que é que diz aqui?”. Eu respondo e ele prossegue.

Assim termina de transcrever uma das suas histórias, extremamente nervoso e inseguro, como que temendo que reprovasse a sua letra, o seu modo de escrever, pegar na caneta, etc.

E. P.: Aqui está a primeira de muitas histórias que tu escreverás (ergo com a mão a folha com a história)!

Barnabé sorri e pega de imediato nas revistas de banda desenhada, o seu porto seguro no contexto de sessão.

E. P.: Olha, tive uma ideia.

B.: Qual?

E. P.: O que achas de eu ordenar e reunir todas as tuas histórias?

B.: E tu tens todas?

E. P.: Claro, eu passei-as todas enquanto tu as inventavas, lembra-te?

B.: Sim...acho bem.

E. P.: Ok, então para a semana trago todas.

Anexo 44

Anexo 45

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 30ª sessão

“Posso ir agora?” pergunta Barnabé ao ver-me chegar à instituição.

Síntese da 30ª Sessão

II – Contexto da sessão

Materiais: Livro de contos. Folhas brancas. Caneta.

Objectivo da sessão: Desenvolvimento da fantasia, criatividade, simbolização.

Técnicas e procedimentos: *Livre associação de ideias. Leitura de contos.* Transcrição de histórias por Barnabé.

III - Observação clínica

17h30 às 18h10

B.: “Hoje quero histórias novas, as outras não, quero histórias novas”.

Em cima da mesa encontra-se, casualmente um livro de contos de Hans Christian Anderson que eu nunca tinha visto na biblioteca (o espaço é ocupado também por uma colega estagiária e pelos jovens da instituição mais velhos para estudar).

Barnabé está muito animado, numa atitude de busca assumida.

E. P.: Ai sim? E que tipo de histórias novas queres?

B.: Não sei...mas tem de ser novas... (pega no livro, folheia e página correspondente ao Soldadinho de chumbo)...esta, pode ser esta.

E. P.: Já conheces essa história?

B.: Não, mas é de chumbo não é?

E. P.: É, é de chumbo o soldadinho⁹, é uma história triste mas muito bela, passou por coisas muito difíceis, como tu passas, e é muito corajoso, como tu...

Leio-lhe a história, preocupada em como significaria o final trágico da história (o soldadinho morre derretido no fogo) sem transmitir a ideia de que também ele pode morrer, ou transmitindo, porque todos podemos morrer, mas de uma forma natural, porque morrer também é natural, como é nascer, por muito que as nossas sociedades não nos preparem para isso.

Sensivelmente a meio da história, já descritas as principais características e problemáticas do soldadinho:

B.: Esta não, é muito grande, eu não vou deixar, senão podes morrer.

E. P.: É longa não é?

B.: É, e triste...

E. P.: Sim, mas o final é muito bonito, porque o amor do soldadinho e da menina vence tudo, até a própria morte...

B.: Como? Se morreu tá morto...

E. P.: Pois, no conto não é bem assim, o escritor do conto põe o amor do soldadinho pela menina acima de tudo, porque é um amor muito grande...

B.: Muito grande como?

E. P.: Ele foi sempre muito sozinho e cheio de problemas e deixou-se encantar por aquela linda bonequinha... que o fez perceber que nada é mais importante do que construir uma relação de verdadeiro afecto... tu também encontrarás um amor assim... também

⁹ Bettelheim não analisou este conto e não foi encontrada literatura de suporte teórico.

encontrarás uma menina, uma mulher, que vais amar e com quem vais desejar construir uma família... aí farás a tua própria família e terás os teus próprios filhos. Já alguma vez pensaste nisso?

B.: Pensei...como é que sabes que vou encontrar?

E.P.: Nós acabamos por encontrar o que precisamos, o que queremos, principalmente se lutarmos por isso. Tu estás a crescer, és esperto, estás a tornar-te um bom menino, um homem às direitas, a lutar para ser feliz, por que razão não haverias de te apaixonar por uma bela menina? Todos nós nos apaixonamos e vivemos essas paixões, esses amores. Isso é muito bom e faz-nos muito felizes...

B.: Mas eu sou feio....

E. P.: Como *o patinho feio*?

B.: Sim...

E. P.: Pois, mas veio-se a perceber que ele não era nada feio, era mas era um belo cisne...

B.: Porque é que nunca ninguém percebeu isso e lhe chamavam feio...?!!

E. P.: Perceberam. Não te lembras? Depois daquele longo voo?

B.: Mas isso é só no fim...

E. P.: No fim da história, mas a vida dele continua para além da história, ele encontrou um sítio onde todos o reconheceram como um belo cisne, onde era amado e querido por todos e tu também vais continuar a encontrar pessoas que se preocupam, que te reconhecem como um menino lutador, forte e corajoso, capaz de suportar os mais longos sofrimentos...longos como o conto do soldadinho...às vezes, quando o sofrimento é muito longo, como o voo do patinho, parece que não vamos conseguir, parece que vamos morrer, mas é aí que temos de continuar a ser teimosos, não viste que até o *Gato das botas*, apesar de ser meio aldrabão, tanto andou que conseguiu enriquecer o dono?

B.: Mas porque passou tanto tempo a pensarem que ele era feio?

E. P.: Não sei bem, mas deve ter sido porque ele era diferente, mas era diferente para melhor, ou também pode ter sido porque os familiares não tiveram muita paciência para esperar e ver como ele se transformou, como ele se revelou... mas o que interessa é que ele de feio não tinha nada e foi muito feliz. Tu também estás a lutar, por exemplo, queres ser escritor de histórias, isso é muito bonito e pode ser a tua profissão, se quiseres e continuares a esforçar-te...

B.: Trouxeste as minhas histórias?

E. P.: Sim.

B.: Mas antes acaba a história do soldadinho.

Terminei a história e logo Barnabé questionou:

B.: Mas ele morreu...

E. P.: Sim, mas ele era um boneco de chumbo e tu não, és forte e duro mas não de chumbo (risos), és de carne e osso e certamente vais querer uma namorada de carne e osso também; acho que o escritor quis dizer com este fim que o amor é mais forte do que tudo, até do que a própria morte.

B.: Porque é que é assim tão importante?

E. P.: Não sei bem, mas acho que é porque queremos ser felizes e as relações que temos, todas, com a família, com as namoradas, com os amigos, com os colegas influenciam os nossos sentimentos...

É incrível verificar como Barnabé está diferente, a esperança está instalada e ele quer saber tudo sobre o caminho que tem de percorrer para ser feliz.

Barnabé mantém-se em silêncio, parece pensar em tudo o que acabamos de conversar.

B.: Qual é que passo, hoje?

E. P.: Não sei, diz-me tu, tens várias é só escolher uma, mas por falar em como é importante sentirmo-nos amados, eu acho que aquela história que tu deste o nome de “O Barnabé”, no outro dia é muito bonita e fala disso mesmo, de como é importante sermos amados, compreendidos, queridos.

Barnabé sorri, se não tivesse a certeza da beleza do conto, a sua expressão talvez me fizesse sentir que estava a exagerar, mas, de facto, na minha opinião a história é realmente muito bonita.

Transcreve a história segurando firmemente a caneta, demonstra ainda muita insegurança, mas avança, muito lentamente e num estado de quase alheamento, como estão as crianças quando brincam, como diz Winnicott (1975).

B.: Tou cansado, é melhor ficar para a semana.

E. P.: Claro, também acho que hoje já falamos de coisas muito importantes e é normal que estejas cansado e a pensar em tudo o que conversamos.

IV – Elementos contratransferênciais

Dificuldade em avançar no processo, por receio de inibi-lo, por não saber bem se estaria a querer avançar demasiado depressa, penso.

Referências

Winnicott, D. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexo 46



Anexo 47

I - Contexto social de contacto com a criança anterior à 31ª sessão

No dia 16 de Maio, ainda a sair do carro, fora da instituição, ouço Barnabé chamar-me perto da cantina da instituição. Logo percebi que tinha acontecido alguma coisa que Barnabé queria contar-me.

Ao entrar na instituição vejo-o correr na minha direcção gritando repetidamente: “nem imaginas o que aconteceu, nem imaginas o que aconteceu, vou para Aveiro, vou para Aveiro, e é de vez!”. Salta para a minha cintura, abraça os seus braços ao meu pescoço e continúa: “ não acreditas, anda (entretanto desce e puxa-me pegando na minha mão) anda, anda, vamos falar com o Dr. J (assistente social), foi ele que me disse.

E. P.: Claro que acredito e quero perceber isso melhor.

B.: Então vamos, anda!

Barnabé está numa alegria incontida, quer correr até ao Gabinete Social, onde se encontra o Dr. J.

O assistente social explica-me que finalmente se conseguiu uma vaga numa instituição mais apropriada para ele (menor número de crianças) e mais perto da casa dos familiares. A tia S. continua a ser a retaguarda familiar responsável e foi feito um acordo em tribunal com ela no sentido de continuar a acompanhá-lo com mais consistência e frequência.

B.: “Vês, vês, vês como é verdade?”

E. P.: Que bom meu querido, estou muito contente por ti, é mais do que merecido.

B.: Anda comigo a um sítio...

E. P.: Que sítio?

B.: Anda, podes confiar em mim, anda.

E. P.: Sabes que para sair tens de pedir autorização, não sabes?

B.: Não vou sair, anda e já vês.

E. P.: Ok!

Dirigiu-se á capela da instituição e, já na entrada, diz: “Quero que venhas comigo agradecer a Jesus!”

Este acontecimento vem reforçar tudo que dissera na sessão anterior, adquire uma configuração mágica, qualidade despertada pela coincidência do momento de progresso na psicoterapia com esta mudança na vida de Barnabé. Configura-se como uma representação, como uma prova de que vale a pena ter esperança, vale a pena acreditar, lutar, ter esperança. Surpreendida pela realidade, como se não fosse real, como se eu própria não acreditasse que, de facto, vale a pena lutar e acreditar. Ao mesmo tempo sinto-me insegura, sem certezas quanto à adequabilidade de estar ali com ele, ajoelhada em frente ao altar, enquanto Barnabé, com as lágrimas prontas a cair de emoção, me ensina a fazer o “sinal da cruz” e diz: “Jesus quero agradecer muito o que estás a fazer por mim, desculpa ter-te chamado nomes”.

Marcámos um encontro para o dia seguinte para lhe entregar a sua capinha e o seu livrinho de histórias.

Síntese da 31ª sessão

II – Contexto da 31ª sessão

18h15 às 19h05

Materiais: Folhas brancas. Lápis de cor. Caneta.

Objectivo da sessão: Finalizar psicoterapia.

Técnicas e procedimentos: Finalização do processo terapêutico.

III – Observação clínica

Tento fazer uma síntese do processo, dando maior ênfase às conquistas empreendidas e ao homem que ele se está a tornar.

Depois disto, satisfeito com as minhas reflexões sobre si decide passar outra das suas histórias. Continua a transcrever a sua história que tinha começado a passar na sessão anterior.

Tento focar-me em todas as coisas que fizemos, ali, o caminho para o pensar percorrido, não fugindo às suas responsabilidades, sentindo as coisas boas e também as más, digo-lhe que acho que cumprimos, apesar de agora não podermos continuar, o principal objectivo a que nos propusemos (ajudá-lo a ser mais feliz).

Enquanto isto Barnabé interrompe e diz, com expressão um tanto ao quanto indignada: “Tu disseste que eu ía ser mais feliz mas agora sofro mais...”

E. P.: É verdade, quando lutamos por coisas que queremos também sofremos mais, mas depois somos recompensados pelos nossos esforços, tu sofres mais, porque pensas e sentes mais, mas também estás mais crescido, sabes fazer coisas que dantes não sabias, por exemplo fazer teatro, lêes e escreves melhor, até sabes inventar histórias, compreendes melhor que não tens culpa de estares aqui e que a tua família faz o melhor que consegue...

B.: Agora vão conseguir melhor, porque eu vou para lá perto...

E. P.: Mesmo que as coisas na tua família não mudem muito, vais para um colégio melhor do que este.

B.: Como é que sabes?

E. P.: Foi o Dr. João que disse.

B.: Ah...Olha manda beijinhos para todos, e diz que nunca vos vou esquecer...

E. P.: Tenho a certeza que também nunca te vão esquecer... e um dia poderás vir cá visitá-los.

B.: Nunca mais te vou ver?

E. P.: Gostavas?

B.: Sim...

E. P.: Posso dar-te a minha morada para me enviases notícias, vou ficar a torcer para que corra tudo o melhor possível. Queres levar os teus desenhos e o teu livrinho?

B.: Não sei...

E. P.: É teu, podes levar, imagino que gostarias de ficar com as coisas que fizeste aqui...

B.: E tu?

E. P.: Tiro cópias a cores, posso, para ficar igual ao que fizeste, com as cores e tudo?

B.: Sim podes, quando me dás?

E. P.: Amanhã de manhã venho cá, antes de ires para a tua nova casa. Ok?

B.: Ok.

IV- Contexto social de contacto com a criança após a 31ª sessão

No dia seguinte (dia 19 de Maio), de manhã cedo, conforme combinado fui ao Lar entregar as suas produções e despedir-me dele.

Barnabé estava eufórico, muito bem apresentado (penteado com gel, sapatilhas novas, uma camisola “muito dread” (expressão dele) oferecida por um colega mais velho, e até as calças pareciam novas.

Pede para ir com ele à mercearia comprar gomas que a directora já lhe tinha dado o dinheiro dele. Acompanho-o à mercearia, onde compra doces e oferece-me a “melhor goma”. Quando voltamos já tinha chegado a equipa da Segurança Social e um tio (o mesmo que veio trazê-lo após a fuga de 10 de Fevereiro) para levá-lo. Despedimo-nos com dois beijinhos.

B.: “Dás-me também o teu número de telefone?”

E. P.: Sim claro, eu escrevo no mesmo papel onde escrevi a minha morada, tens aí?

B.: Pega... e se eu perder...?

E. P.: Se daqui a algum tempo não me escreveres, eu entro em contacto contigo, o Dr. João sabe para onde vais, tem a morada e o número e eu peço-lhe. Combinado?

B.: Combinado....obrigada.

E. P.: Boa sorte, tenho a certeza que vai correr tudo bem, mas tu tens de ajudar a que tudo corra bem, ok?

B.: Ok, xau.

Anexo 48
